

# Primeira Escrita

n. 01

2022

ISSN 2359-0335

**Dossiê**

**Discurso e argumentação em tempos de pandemia**



**Revista do Curso de Letras**

**Câmpus de Aquidauana**

**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**



**PRIMEIRA ESCRITA**  
**ISSN 2359-0335 (PUBLICAÇÃO ONLINE)**  
**Revista do Curso de Letras do Câmpus de Aquidauana**  
**da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**

**Coordenação**

Editor-chefe:  
Rodrigo Seixas Pereira Barbosa (UFG)

Editor-adjunto:  
Edelberto Pauli Júnior (UFMS)

**Periodicidade**

Anual

**Divulgação**

Eletrônica em  
<https://periodicos.ufms.br/index.php/revpres>

**Contato Principal**

Edelberto Pauli Júnior  
primeiraescritacpaq@ufms.br

**Projeto Gráfico**

Mario Marcio Godoy Ribas, UFMS

**Revisão de Língua Espanhola**

Edelberto Pauli Júnior, UFMS

**Revisão de Língua Inglesa**

Mario Marcio Godoy Ribas, UFMS

**Endereço para correspondência**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Revista Primeira Escrita  
A/C Edelberto Pauli  
Rua Oscar Trindade de Barros, 740 – Bairro  
Serraria – Aquidauana/MS  
CEP: 79200-000

**Conselho Editorial**

Dra. Alexandra Aikhenvald (CQUniversity) -  
Austrália  
Dr. Angel Corbera (UNICAMP) - Brasil  
Dra. Beatriz Cristino Protti (UFRJ) - Brasil  
Dr. Edgar Nolasco (UFMS) - Brasil  
Dr. Eduardo Penhavel (UNESP) – Brasil  
Dra. Eliane Mourão (UFOP) - Brasil  
Dr. Gabriel Antunes (University of Macau) -  
China  
Dr. Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque  
(UFAM) - Brasil  
Dr. Marco Antonio Almeida Ruiz (UFG) - Brasil  
Dra. Maria Alzira Leite (UNINCOR) - Brasil  
Dra. Maria Angela Paulino Teixeira Lopes  
(PUC Minas) - Brasil  
Dra. Morgana Fabiola Cambrussi (UFFS) -  
Brasil  
Dra. Nara Hiroko Takaki (UFMS) - Brasil  
Dr. Paulo Alexandre Pereira  
(Universidade de Aveiro) - Portugal  
Dr. Reinaldo Francisco Silva  
(Universidade de Aveiro) - Portugal  
Dr. Rosivaldo Gomes (UNIFAP) - BRASIL  
Dra. Rosana Cristina Zanelatto Santos  
(UFMS) - Brasil  
Dra. Simone de Paula dos Santos (UFVJM) -  
Brasil  
Dra. Talita Marine (UFU) - Brasil  
Dra. Thaís Cristófaró (UFMG) - Brasil

**ORGANIZADORAS DO DOSSIÊ**

Dra. Carla Severino de Carvalho (UNEB)  
Dra. Geisa Fróes de Freitas (IFBA)  
Dr. Jocenilson Ribeiro (UFS)

Os conteúdos e as opiniões emitidas nos textos da Revista Primeira Escrita são de inteira responsabilidade dos seus autores.

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.





## SUMÁRIO

- 4** APRESENTAÇÃO  
Por Carla Severiano de Carvalho, Geisa Fróes de Freitas e Jocenilson Ribeiro

### DOSSIÊ: DISCURSO E ARGUMENTAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

- 10** FAKE NEWS E PANDEMIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A CLOROQUINA NA ERA DA PÓS-VERDADE  
por Josibel Rodrigues e Silva
- 23** DESINFORMAÇÃO FRENTE À PANDEMIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE RECEITAS CASEIRAS CONTRA O CORONAVÍRUS  
por Clara Moreira Molinari
- 33** UMA ANÁLISE SEMIOLOLINGUÍSTICO DO DISCURSO ANTIVACINA NO GOVERNO BOLSONARO  
por Thiago Costa da Silva, Patrick Neves de Paula da Silva e Cláudia Cristina Mendes.
- 46** PANDEMIA EM CAPAS DE REVISTA: MULTIMODALIDADE E ARGUMENTATIVIDADE SOB A ÓTICA SEMIOLINGUÍSTICA  
por Glayci Xavier e Isabella Pontes
- 59** O INTERDISCURSO MESSIÂNICO NO HIC ET NUNC PANDÊMICO: JOGO DE IMAGENS EM UMA CHARGE REPRESENTATIVA DE JAIR BOLSONARO  
por Aline Milena Borges da Silva Dias e Sarah Sibelly de Moraes Ferreira Silva
- 69** A POLÊMICA SOBRE O FECHAMENTO DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS E DE TEMPLOS NA PANDEMIA DE COVID-19  
por Mônica Melo



- 84** DA TRANSGRESSÃO À CONSCIENTIZAÇÃO: OS SENTIDOS NO DISCURSO VERBO-VISUAL DE PICHAGENS NO CONTEXTO DA PANDEMIA  
por Antonio Lemes Guerra Junior, Ednéia de Cássia Santos Pinho e Lolyane Cristina Guerreiro de Oliveira
- 98** RÁDIO, RADIODIFUSÃO E PANDEMIA: DISCURSIVIDADE NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
por Dayvid Junior Sena Bispo
- 113** A PANDEMIA DE COVID-19 E DE MISOGINIA NO BRASIL: DISCURSOS SOBRE A VIOLAÇÃO DOS DIREITOS DAS MULHERES  
por Carla Severiano de Carvalho e Geisa Fróes de Freitas



## DOSSIÊ TEMÁTICO: DISCURSO E ARGUMENTAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Carla Severiano de Carvalho<sup>1</sup>  
*Universidade do Estado da Bahia (UNEB)*

Geisa Fróes de Freitas<sup>2</sup>  
*Instituto Federal da Bahia (IFBA)*

Jocnilson Ribeiro<sup>3</sup>  
*Universidade Federal de Sergipe (UFS)*

A pandemia de Covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2 ou novo coronavírus, que aflige o mundo desde o final de 2019 e o Brasil, oficialmente, a partir de março de 2020, produziu repercussões de toda ordem na vida cotidiana da população mundial e motivou a produção de uma série de pesquisas científicas. Todos os dias emergem discursos que tomam por temática a pandemia em diferentes formatos e abordagens, mostrando como essa crise sanitária e seus efeitos têm sido recebidos e representados nos diferentes discursos que circulam em sociedade.

Nessa perspectiva, o presente Número Temático da Revista Primeira Escrita, intitulado "Discurso e Argumentação em tempos de pandemia" compreende a pandemia de Covid-19 como um acontecimento discursivo, cujos sentidos emergem das materialidades discursivas em relação com a história e com outros tipos de acontecimentos, como o histórico, o técnico, o jornalístico, o esportivo, o político, o sanitário etc.

O linguista francês e estudioso do discurso, Dominique Maingueneau (2020), destaca que a interpenetração entre o discurso e a pandemia de Covid-19 é forte, pois a crise sanitária instaurada nos oferece novos objetos de análise, bem como novos corpora, além de colocar em questão certos limites de abordagens discursivas tidas, até então, como mais tradicionais. Para Maingueneau, "uma coisa é certa: esse vírus desperta medo no mundo inteiro e o discurso é chamado a responder a esse medo" (MAINGUENEAU, 2020, p. 2)<sup>4</sup>.

Nesse sentido, não é a crise sanitária em nível global ou nacional que nos interessa aqui como "fato verídico" ou problema de saúde, nem seus impactos na economia mundial e na vida dos indivíduos ou os sobreviventes das consequências da doença. Interessa-nos, de modo particular, como as questões implicadas nesta crise foram acontecimentalizadas na linguagem e como fatos discursivizados, produzidos na língua e em outros sistemas semióticos.

A noção de acontecimento nos estudos do discurso tem ocupado posição importante em meio a uma série de conceitos fundamentais que nos permitem entender o funcionamento do

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação pelo PPGCOM-USP. É professora do curso de Licenciatura em Letras/Espanhol e do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da UNEB. E-mail: cseveriano@uneb.br

<sup>2</sup> Doutora em Língua e Cultura pelo PPGLINC-UFBA. É professora do Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas do IFBA (campus Salvador). E-mail: geisa.froes@ifba.edu.br

<sup>3</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e atualmente é professor adjunto na UFS. Email: jonuefs@gmail.com

<sup>4</sup> MAINGUENEAU, D. Resposta ao medo. Revista Linguagem, São Carlos, v. 35, n. 1, p. 1-17, set. 2020. Dossiê Discurso em tempos de pandemia.

Disponível em: <http://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/763>. Acesso em: 14 dez. 2020.



discurso, como é o caso dos discursos a propósito da pandemia do coronavírus. Michel Foucault, por exemplo, em *A arqueologia do saber* ([1969] 2008)<sup>5</sup> apresenta a noção de acontecimento discursivo vinculado à unidade do discurso, sugerindo ao analista descrever a série de enunciados efetivamente produzidos no interior de acontecimentos discursivos.

Ao fazer isso, Foucault ([1969] 2008) sugere partir da unidade molecular do discurso compreendido pela categoria de “enunciado”; é o enunciado que confere singularidade ao acontecimento. Nas próprias palavras do autor, ele nos orienta o seguinte: “Fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações” (FOUCAULT, 2008, p.32).

Mas é preciso então nos perguntar sobre as formas de argumentação na língua e nos discursos em tempos de pandemia para que determinados discursos signifiquem e deem conta de determinados efeitos de sentidos e não qualquer sentido, não de qualquer modo de funcionamento.

Sabemos que na língua portuguesa, como também em inúmeras outras línguas, a pandemia permitiu novas formas de dizer<sup>6</sup>, enunciar, agir nas relações em sociedade, bem como produzindo modelos de vigilância e rituais de proibições. Nesse sentido, termos, palavras e sintagmas como “use álcool [em] gel”, “use máscara”, “proibido entrar sem máscaras”, “testou positivo”, “entubar x extubar”, “videochamada”, “telemedicina”, “é só uma gripezinha” - entre tantas outras expressões terminológicas que modificaram o léxico da saúde e das relações cotidianas - não apenas transformaram o modo de funcionamento sintático da língua como também, e sobretudo, revelaram diferentes modos de funcionamento dos discursos. É esse fenômeno, em particular, que interessa ao analista do discurso, posto que tais sintagmas, como outros elementos semiológicos, materializam sentidos novos ou recuperam os já conhecidos em nossa história, produzindo efeitos, saberes sobre a saúde e a política, bem como suas “verdades”.

No campo da linguagem, os estudiosos do discurso e da argumentação se debruçaram nos diversos acontecimentos discursivos manifestados nas condições de produção da pandemia. Esses estudos tornam-se documentos/arquivos para os analistas. Nesse contexto, discursos sobre a situação sanitária, negacionismo, discurso antivacina, isolamento social, violência doméstica, misoginia, desinformação, *fake news* ganham relevo.

Partindo destes pressupostos aqui arrolados, são acolhidos neste dossiê estudos acerca da pandemia de Covid-19 desenvolvidos à luz da análise do discurso (nas suas diversas correntes e perspectivas) e das teorias da argumentação, e que promovem a aproximação entre os dois campos de estudo, para a compreensão do modo como os discursos (cotidianos, acadêmicos, científicos, midiáticos, políticos etc.) sobre o contexto ocasionado pelo coronavírus funcionam e se constituem nas condições de produção dadas. Os referidos estudos são apresentados, resumidamente, a seguir:

O artigo ***Fake news e pandemia: uma análise discursiva sobre a cloroquina na era da pós-verdade***, de Josibel Rodrigues e Silva, disserta sobre o compartilhamento de informações falsas sobre o fármaco cloroquina durante a pandemia de Covid-19. Especificamente, o estudo objetiva descrever o ambiente discursivo e tecnológico das notícias falsas e identificar os efeitos ideológicos que essas notícias podem ter nas relações e práticas sociais. O caminho metodológico baseia-se na

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 12 Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.sibi.ufscar.br/arquivos/vamos-conversar-sobre-a-covid-19.pdf>  
<https://www.informasus.ufscar.br/enciclopedia-discursiva-da-covid-19/>



Análise de Discurso Crítica e na Análise do Discurso Digital e o *corpus* forma-se por textos midiáticos compartilhados em redes sociais, notícias consideradas falsas pela Agência Lupa.

O estudo **Desinformação frente à pandemia: uma análise discursiva de receitas caseiras contra o coronavírus**, de Clara Moreira Molinari, está calcado na filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin e propõe analisar alguns enunciados “desinformativos” de métodos e receitas caseiras que propõem a cura da Covid-19. Como percurso analítico, explora o método dialético-dialógico, que se apoia no cotejamento de textos e de seus contextos para compreender a dimensão dialógica dos enunciados. Os resultados obtidos revelam, sobretudo, as relações de sentido, as projeções axiológicas e a colisão de vozes que emergem desses enunciados.

O trabalho **Uma análise semiolinguística do discurso antivacina no governo Bolsonaro**, de Thiago Costa da Silva, Patrick Neves de Paula da Silva, Cláudia Cristina Mendes, apresenta uma análise do discurso performado pelo Presidente Jair Bolsonaro em relação à pandemia e às medidas sanitárias instauradas, tendo estas o intuito de retardar os efeitos nocivos da Covid-19. Além disso, realiza uma apreciação crítica de seus ataques direcionados à busca de vacinas e às medidas preventivas recomendadas pela OMS. Para a realização das análises dos depoimentos proferidos pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, utiliza-se a Teoria Semiolinguística, desenvolvida pelo pesquisador francês Patrick Charaudeau (2019, 2011, 2005, 1999), para buscar saber se seu *projeto de influência* pretendeu causar *efeitos de sentido* que motivaram e incentivaram a população brasileira a abrandar os cuidados profiláticos em relação à pandemia.

O artigo **Pandemia em capas de revista: multimodalidade e argumentatividade sob a ótica semiolinguística**, de Glayci Xavier, Isabella Pontes, tem como objetivo principal investigar os recursos linguístico-discursivos e as estratégias de argumentação presentes em capas de revista publicadas durante a pandemia de Covid-19. A metodologia da pesquisa, de caráter teórico e aplicado, é essencialmente qualitativa. São analisadas três capas de revistas distintas, publicadas respectivamente no México, Estados Unidos e França, mostrando diferentes perspectivas do acontecimento. A base teórica principal é a Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, de Patrick Charaudeau, em interface com a Argumentação na língua, de Ruth Amossy.

O estudo **O interdiscurso messiânico no hic et nunc pandêmico: jogo de imagens em uma charge representativa de Jair Bolsonaro**, de Aline Milena Borges da Silva Dias, Sarah Sibelly de Moraes Ferreira Silva, busca compreender o funcionamento do interdiscurso em uma charge na qual se estabelece a retomada do pensamento judaico-cristão na representação da figura política do atual presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro. À vista disso, tem-se a pergunta norteadora do trabalho: como a retomada do discurso bíblico ressignifica a imagem do presidente? A análise do corpus segue a metodologia qualitativa do tipo documental (LAKATOS e MARCONI, 2003) e se fundamenta, substancialmente, em teóricos de referência na Análise do Discurso de linha francesa, tais como Orlandi (1998; 2007; 2015), Possenti (2003), Indursky (2011) e Heine (2010). Para situar a abordagem das charges, as autoras consideram a pesquisa de Romualdo (2000) e Kurtz (2017).

O trabalho **A polêmica sobre o fechamento de estabelecimentos comerciais e de templos na pandemia de Covid-19**, de Mônica Melo, aborda a polêmica instaurada nas redes sociais em relação ao fechamento de estabelecimentos comerciais e templos que foi recomendado num dos momentos mais críticos da pandemia da Covid-19 no Brasil. A autora analisa as principais teses e estratégias apresentadas a respeito do tema por Lúcio Barreto, pastor neopentecostal de grande influência no mundo evangélico, em uma publicação no *Twitter*. Para alcançar esse objetivo, adota uma abordagem discursiva: a Teoria Semiolinguística do Discurso, de Patrick Charaudeau, especificamente, as categorias associadas aos chamados modos de organização do discurso



(CHARAUDEAU, 2008). As análises nos permitem identificar o uso de estratégias baseadas prioritariamente nos domínios de avaliação do ético e do pragmático que fundamentam a tese contrária ao fechamento dos estabelecimentos comerciais e templos.

Em **Da Transgressão à Conscientização: os sentidos no discurso verbo-visual de pichações no contexto da pandemia**, Antonio Lemes Guerra Junior, Ednéia de Cássia Santos Pinho, Lolyane Cristina Guerreiro de Oliveira partem da premissa de que os enunciados que integram as pichações podem ser tomados como textos, os quais, na confluência de caracteres verbais e visuais, reverberam discursos que deixam entrever críticas, valores e posicionamentos frente à realidade. Nessa perspectiva, os autores analisam os sentidos que emergem do discurso verbo-visual expresso em pichações com o tema “álcool gel”, situado no contexto da pandemia, capturados fotograficamente na cidade de Londrina - PR. Esses enunciados são postos em contraste com textos de natureza midiática e analisados à luz das teorias do texto/discurso, considerando-se a sua dimensão argumentativa e a sua dimensão histórico-ideológica.

**Rádio, Radiodifusão e Pandemia: Discursividades na Universidade do Estado da Bahia**, trabalho de Dayvid Junior Sena Bispo, objetiva identificar as práticas ideológicas resultantes do evento pandêmico a partir de um segmento com participação importante nas engrenagens socioeconômicas: o setor educacional. Para tanto, o autor se debruça sobre os postulados na Análise do discurso francesa e opta por selecionar o espaço radiofônico como *lócus* de produção dos processos discursivos, sobretudo pela ampla penetração do rádio nos múltiplos setores sociais situados no interior da Bahia. O *corpus* resulta de agrupamentos discursivos, organizados em sequências discursivas reguladas pela noção de *condições de produção*. O mesmo se materializa através de uma entrevista realizada pelo diretor da UNEB/*Campus IV*, onde o mesmo tratou sobre a nova roupagem adotada pela universidade visando dar continuidade ao ensino superior no Piemonte da Diamantina.

O estudo **A pandemia de COVID-19 e de misoginia no Brasil: discursos sobre a violação dos direitos das mulheres**, de Carla Severiano de Carvalho e Geisa Fróes de Freitas, analisa os discursos, ações e medidas misóginas difundidas pelo atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, ao longo da pandemia de Covid-19 para assim compreender a constituição do seu *ethos* no discurso na cerimônia de Comemoração do Dia Internacional da Mulher, no dia 08 de março do ano eleitoral de 2022. Para tanto, os acontecimentos discursivos mencionados são analisados a partir de aportes da análise do discurso francesa, além das reflexões teóricas realizadas a respeito das questões de gênero. Espera-se, ao mobilizar as condições de produção e a relação entre linguagem e ideologia, examinar como os políticos e o poder público têm contribuído com ações de ódio contra as mulheres, levando à crescente violência de gênero no país.

Para concluir, dedicamos esta obra à memória de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil e desejamos a todos uma boa leitura!

Os organizadores,  
Carla Severiano de Carvalho (UNEB)  
Geisa Fróes de Freitas (IFBA)  
Jocnilson Ribeiro (UFS)



## FAKE NEWS E PANDEMIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A CLOROQUINA NA ERA DA PÓS-VERDADE

Josibel Rodrigues e Silva<sup>1</sup>

*Instituto Federal do Amazonas (IFAM)*

### RESUMO

Desde o início da pandemia, o número crescente das chamadas *fake news* relacionadas à Covid-19 foi e tem sido um fator inquietante, como exemplo, o compartilhamento de informações falsas sobre o fármaco cloroquina. Sendo assim, apresenta-se como objetivo geral desse artigo, analisar os discursos de *fake news* sobre cloroquina e a Covid-19, em tempos de pós-verdade. Especificamente, objetiva-se descrever o ambiente discursivo e tecnológico das notícias falsas, e, identificar os efeitos ideológicos que essas notícias podem ter nas relações e práticas sociais. O caminho metodológico baseou-se na Análise de Discurso Crítica e na Análise do Discurso Digital. O *corpus* formou-se por textos midiáticos compartilhados em redes sociais, notícias consideradas falsas pela Agência Lupa. Nas análises do ambiente digital, conclui-se que o *Facebook* foi a principal rede social de compartilhamento. Observaram-se também duas estratégias virtuais que contribuem para o compartilhamento em massa de *fake news*, os chamados “robôs” e as *hashtags*. Os tipos de discursos encontrados foram, em sua maioria, o discurso político, o científico e o de cura/tratamento, dos quais elencaram-se duas relações interdiscursivas para discussão, a criação de inimigos simbólicos do Presidente Bolsonaro e os discursos da extrema direita.

**Palavras-chave:** *Fake news*; Discursos; Cloroquina; Covid-19.

### ABSTRACT

Since the beginning of the coronavirus pandemic, the growing number of so-called fake news related to Covid 19 has been a disquieting factor, for example, the sharing of false information about the drug chloroquine. Therefore, the general objective of this article is to analyze the discourses of fake news about chloroquine and Covid 19, in post-truth times. Specifically, it aims to describe the discursive and technological environment of fake news and to discuss the ideological effects on social relationships and practices. We based the methodological path on Critical Discourse Analysis and Digital Discourse Analysis. Media texts shared on social media, news considered false by Agência Lupa formed the corpus. In the digital environment analysis, Facebook was the pivotal social sharing network. We observed two virtual strategies which contribute to the mass sharing of fake news, the so-called “robots” and hashtags. The types of discourses found were, for the most part, political, scientific, and healing/treatment discourses, from which we discussed two interdiscursive relations, the creation of symbolic enemies of President Bolsonaro and the discourses of the extreme right.

**Keywords:** Fake news; Discourse; Chloroquine; Covid-19.

### INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup>É mestra em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e professora do Magistério Técnico e Tecnológico (EBTT) do IFAM. Email: josibel.silva@ifam.edu.br



A pandemia causada pelo novo coronavírus trouxe significativas mudanças para o mundo, sendo considerada a maior ameaça à saúde pública mundial desde a gripe espanhola (FIGUEIREDO FILHO; SILVA, 2020). Durante a pandemia, o número crescente das chamadas *fake news*<sup>2</sup>, relacionadas à Covid-19<sup>3</sup>, foi e tem sido um fator inquietante, impactando de alguma forma o combate à doença, em decorrência de sua disseminação.

Em tempos em que o panorama político e social brasileiro sofre efeitos perversos de um certo grupo no poder, auxiliado pela difusão de *fake news* e “fatos alternativos”, pode-se dizer que há uma luta hegemônica travada no/pelo discurso. Para tal, utiliza-se um ambiente digital público, em que os discursos se caracterizam pela intensa relacionalidade, “[...] isto é, sua integração numa rede de relações algorítmicas que garantem o funcionamento e a circulação, ao mesmo tempo em que lhe confere características linguisticamente inéditas [...]” (PAVEAU, 2021, p. 30).

Dessa forma, o objetivo geral desse artigo é analisar os discursos de *fake news* sobre cloroquina e a Covid-19, em tempos de pós-verdade. Especificamente, objetivamos, descrever o ambiente discursivo e tecnológico das notícias falsas, e, identificar os efeitos ideológicos que essas notícias podem ter nas relações e práticas sociais.

O caminho teórico e metodológico para alcançar esses objetivos baseou-se na Análise de Discurso Crítica - ADC (RAMALHO; RESENDE, 2011) e na Análise do Discurso Digital (PAVEAU, 2021).

## 1 FAKE NEWS E PÓS-VERDADE

As chamadas *fake news* ganharam um espaço propício para a sua disseminação com a internet e as redes sociais. Mas como podemos defini-las? Dentith (2017) define *fake news* como história enganosa, que contém omissões significativas, mentiras, com o objetivo de enganar o público-alvo. Ela não precisa ser inteiramente fictícia, pode apresentar verdades parciais, em que o fato alegado necessita de algum contexto ou informação adicional que, quando revelada, perde seu valor de verdade (DENTITH, 2017).

Conforme Bucci (2020), *fake news* não constituem uma mentira qualquer, elas são uma modalidade com características específicas, configurando-se como: uma falsificação de notícia jornalística ou de opinião; advém de fontes desconhecidas; sua autoria é quase sempre forjada, e, quando utilizam partes de textos reais os argumentos são descontextualizados; precisam das tecnologias digitais da internet, principalmente de algoritmos que direcionam conteúdos nas redes; agem numa velocidade intensa, por fim, dão lucro, pois fazem parte de um negócio obscuro.

De acordo com Bucci (2020), a eficácia desse tipo de mentira está diretamente relacionada à sua disseminação, pois espalha-se muito mais rápido que as notícias convencionais. Pode-se compreender isso por meio da metáfora da mangueira, ou, a técnica de apagar incêndios, em que se aponta para uma direção uma mangueira com grande intensidade de água (BRUNO; ROQUE, 2020). No caso das notícias falsas, essa metáfora remete a um imenso volume de mensagens disparado por diferentes canais, em ritmo intenso, assim, *fake news* chegam primeiro do que as notícias da imprensa, criando a primeira impressão (BRUNO; ROQUE, 2020).

Contribuindo, também, de maneira decisiva para a disseminação dessas notícias está o fator humano. Na era das redes sociais, o sujeito se encontra “encapsulado em bolhas”, multidões que o

---

<sup>2</sup> Termo em inglês que quer dizer *notícias falsas*.

<sup>3</sup> Nome dado à doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2.



espelham e o reafirmam, e, na qual há pouca possibilidade do dissenso (BUCCI, 2020). No espaço virtual, a confiança tem papel central, uma vez que a propagação de uma mensagem se torna mais efetiva quando feita por pessoas com as quais as outras se identificam (BRUNO; ROQUE, 2020). Ademais, nesse momento de hiperpolarização política, a confiança não se trata de uma relação com os fatos objetivos, “[...] mas de uma relação com a memória e o modo como os sujeitos se inscrevem no imaginário politicamente dividido e ideologicamente determinado” (FONTANA, 2021, p. 97). Desse modo, a disseminação de *fake news* necessita de um certo tipo de sujeito, alguém que vai reproduzir ideias baseadas em emoções e crenças pessoais, alinhado à determinados discursos ideológicos, que vai contribuir ativamente na construção da era da pós-verdade (D’ANCONA, 2018).

O termo “pós-verdade” refere-se às circunstâncias em que os fatos objetivos perdem influência na formação da opinião pública, ao mesmo tempo em que a emoção e a crença pessoal ganham espaço (D’ANCONA, 2018).

## 2 CLOROQUINA E HIDROXICLOROQUINA EM TEMPOS DE COVID-19

Logo no início da pandemia, houve uma corrida pelo tratamento da Covid-19, em que foram iniciados testes com medicamentos já existentes e de eficácia comprovada para outras doenças, como a cloroquina e a hidroxicloroquina (BARROS; BRITO, 2020).

Os fármacos citados são, geralmente, utilizados para o tratamento e profilaxia da malária, possuindo também uso clínico para artrite reumatóide, lúpus erimatoso sistêmico e síndrome de *Sjögren*, sendo preferível, nesses últimos casos, o uso da hidroxicloroquina, não apenas pelo seu mecanismo de ação, mas também por apresentar menor toxicidade. Os fármacos são substâncias parecidas, mas possuem formulações diferentes (BRUNO, 2021).

Esses medicamentos ganharam fama popular no tratamento da Covid-19, a partir do então presidente Donald Trump, dos Estados Unidos, e de seu seguidor no Brasil, Jair Bolsonaro (NEVES; FERREIRA, 2020). Em 26 de março de 2020, o presidente brasileiro, simplesmente, “prescreveu” a cloroquina em rede nacional, defendendo seu uso em outras ocasiões, chegando a afirmar que não havia efeitos colaterais (NEVES; FERREIRA, 2020).

A aposta do Presidente brasileiro nos fármacos antimaláricos, obteve grande difusão midiática, além de implicar em decisões de Estado, trazendo consequências na prática médica e na sociedade em geral (NASCIMENTO; CESARINO; FONSECA, 2020). Como exemplo, após o Ministério da Saúde ter lançado nota em março de 2020, propondo um protocolo para o uso da cloroquina e da hidroxicloroquina no tratamento de pacientes, em abril do mesmo ano, o Conselho Federal de Medicina autorizou o uso dos fármacos, mediante critério médico e consentimento do paciente. Consequentemente, a procura pelos remédios disparou nas farmácias, ao mesmo tempo, encarecendo-os, afetando quem precisava do composto para tratar outras doenças. Para finalizar, em janeiro de 2021, o governo federal já tinha gastado quase R\$ 90 milhões com a compra de medicamentos sem eficácia comprovada no tratamento da Covid-19, entre eles constam a cloroquina, azitromicina e o tamiflu<sup>4</sup>.

No que concerne à comunidade científica, alguns estudos foram feitos considerando a eficácia e os riscos da cloroquina e da hidroxicloroquina no tratamento da Covid-19 (BRUNO, 2021).

---

<sup>4</sup> 'Tratamento precoce': governo Bolsonaro gasta quase R\$ 90 milhões em remédios ineficazes, mas ainda não pagou Butantan por vacinas - BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55747043>>. Acesso em: 26 de junho de 2021.



Entre os estudos cita-se o da *Solidarity Trial*, uma iniciativa multinacional da Organização Mundial da Saúde (OMS), concluindo que a hidroxiclороquina provavelmente não produz efeitos sobre a doença. A partir desse e outros estudos, a OMS divulgou em março de 2021 uma recomendação para que a hidroxiclороquina não seja administrada para o tratamento da Covid-19, devido à probabilidade de não haver efeitos positivos, considerando ainda os potenciais riscos do medicamento (BRUNO, 2021).

Em seguida, discorreremos sobre o caminho metodológico do trabalho.

### 3 METODOLOGIA: ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA E ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL

Esse artigo baseia-se em uma pesquisa qualitativa, em que o material empírico de análise foi composto por textos midiáticos compartilhados em redes sociais, notícias consideradas falsas pela Agência Lupa. A pesquisa está alinhada à Análise de Discurso Crítica (RAMALHO; RESENDE, 2011), como paradigma de pesquisa interdisciplinar para estudos críticos da linguagem como prática social, e, também, à Análise do Discurso Digital (PAVEAU, 2021), caracterizando-se por uma análise qualitativa dos discursos nativos da internet.

A Análise de Discurso Crítica preocupa-se com efeitos ideológicos que sentidos de textos, como instâncias de discurso, possam ter sobre as relações e práticas sociais, problematizando sentidos que atuam em prol de projetos particulares de dominação e exploração, bem como, interessa-se pelo papel do discurso na mudança social, com objetivos emancipatórios (RAMALHO; RESENDE, 2011). Por Análise do Discurso Digital, entende-se a descrição e análise do funcionamento das produções linguageiras nativas da internet em seus ambientes de produção, em que se mobilizam recursos linguageiros e tecnológicos dos enunciados elaborados on-line (PAVEAU, 2021).

#### 3.1 SELEÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

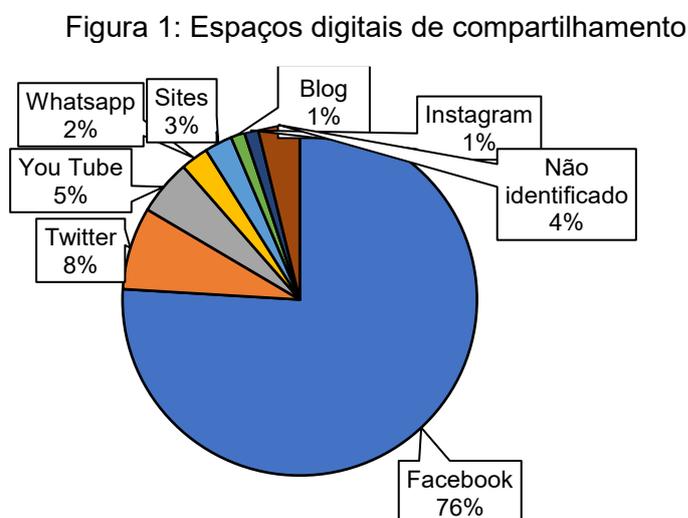
Primeiramente, foi feita uma busca simples na plataforma “Corona Verificado” sobre as palavras cloroquina e hidroxiclороquina, com uma filtragem para as notícias no Brasil, no período de agosto de 2020 a fevereiro de 2021. Foram encontradas 79 notícias falsas, as quais consideramos na análise duas categorias analíticas, a saber: ambiente e interdiscursividade.

Na Análise do Discurso Digital, ambiente refere-se ao “[...] conjunto dos dados humanos e não humanos no âmbito nos quais os discursos são elaborados” (PAVEAU, 2021, p. 49). A noção de ambiente é central na análise, buscando dar conta dos aspectos compósitos dos discursos, tendo em vista os aspectos tecnolinguageiros e tecnodiscursivos (PAVEAU, 2021). Por interdiscursividade, entende-se a multiplicidade de discursos, que se combinam e se mesclam entre si, relacionando-se a diferentes posições de sujeitos no mundo e a diferentes formas de relação entre eles (BESSA; SATO, 2018).

Nessa pesquisa, foram encontradas *fake news* em vídeos, tuítes, reportagens, sendo que, a maioria das notícias falsas (66%) caracterizaram-se por seus modos imagéticos e frases curtas de impacto, os quais, vamos chamar de tecnografismos, um conceito da Análise de Discurso Digital, referindo-se “[...] a uma produção semiótica que associa texto e imagem num compósito nativo de internet” (PAVEAU, 2021, p. 333). A seguir, apresentamos os resultados e as análises.

### 4 O AMBIENTE DIGITAL DE FAKE NEWS SOBRE CLOROQUINA

Primeiramente, apresentamos os espaços digitais de compartilhamento referentes às 79 notícias encontradas, conforme a Figura 1.



Fonte: Elaboração das autoras

A representação gráfica mostra a principal rede social em que as notícias falsas foram compartilhadas, o *Facebook*. Esse resultado diferencia-se do encontrado pelo relatório de Notícias Digitais 2020 do Instituto Reuters<sup>5</sup>, no qual o *WhatsApp* foi mencionado como o principal local de disparos de mensagens falsas (35%), enquanto o *Facebook* vem em segundo lugar (24%). Aqui, o *WhatsApp* apresenta baixo compartilhamento de *fake news*, com apenas 2%. Uma explicação possível seria que, no caso da plataforma de mensagens, as interações acontecem entre grupos de confiança, nos quais as notícias não necessitariam de checagem, uma vez que as pessoas desses grupos compartilhariam de mesma visão de mundo.

No *Facebook*, há também “bolhas discursivas”, seriam os grupos e as páginas<sup>6</sup>, contudo, a rede social apresenta uma forma de interação mais abrangente, fazendo com que diferentes sujeitos entrem em contato com *fake news*, favorecendo os pedidos de checagem pelos usuários, ou mesmo de denúncias na rede. É importante enfatizar o papel da denúncia no ambiente digital, pois é um gesto tecnodiscursivo em que se utiliza um dispositivo pré-instalado em sites e plataformas para indicar um conteúdo questionável moral ou juridicamente (PAVEAU, 2021). No *WhatsApp* não há a possibilidade de se realizar a denúncia.

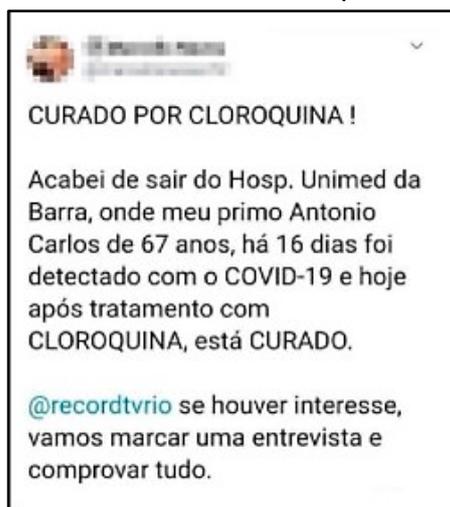
Dando seguimento às análises sobre o ambiente digital, encontramos algumas estratégias virtuais que contribuem para a difusão em massa de *fake news*, como explicitaremos a partir da Figura 2.

<sup>5</sup> *Facebook* e *WhatsApp* são as principais plataformas de *fake news*, conclui pesquisa | Mundo e Ciência | O Dia (ig.com.br). Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/mundo-e-ciencia/2020/06/5935464-facebook-e-whatsapp-sao-as-principais-plataformas-de-fake-news--conclui-pesquisa.html>>. Acesso em: 05 de maio de 2021.

<sup>6</sup> Os grupos são voltados para discussões privadas, podendo obter um número pequeno de pessoas, já as páginas facilitam o contato dos usuários com marcas ou pessoas públicas.



Figura 2: Fake news sobre o primo Antônio Carlos



Fonte: Folha (uol.com.br)

A notícia falsa acima é um tuíte, que tinha 12,5 mil curtidas e 3,7 mil retuítes, até o dia 9 de abril de 2020<sup>7</sup>. Aqui, considera-se importante refletir sobre a existência dos chamados “engenheiros do caos”, perfis falsos no *Facebook* e *Twitter*, os famosos “robôs”<sup>8</sup> (GOMES et al, 2021), que criam uma ilusão de que várias pessoas estariam postando notícias semelhantes. A notícia falsa sobre o primo Antônio Carlos, é um exemplo típico desse compartilhamento, no qual vários sujeitos nas redes afirmavam ter um primo com esse nome, curado da Covid-19, por ter sido tratado com cloroquina. Trata-se de uma estratégia virtual, assim como, as chamadas *hashtags* nas redes, como exemplo, #cloroquinasalvavidas e #cloroquinacura, fomentando a circulação de *fake news*, como mostra a Figura 3, a seguir.

<sup>7</sup> Hospital nega que tenha tratado o 'primo Antonio Carlos' - 09/04/2020 - Equilíbrio e Saúde - Folha (uol.com.br). Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/hospital-nega-que-tenha-tratado-o-primo-antonio-carlos.shtml>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2021.

<sup>8</sup> Conforme uma pesquisa desenvolvida pela BBC do Brasil (2018), há diferentes categorias de perfis falsos, a saber: robôs, ciborgues, robôs políticos, o fake clássico e os ativistas em série.



Figura 3: Exemplo de hashtags



Fonte: Facebook

Os discursos da *Web* são relacionais pois “[...] a arquitetura das redes faz com que eles sejam todos materialmente interligados” (PAVEAU, 2021, p. 33), como no caso da publicação acima, na qual as comunidades virtuais, simpatizantes do Presidente, incitam soldados “à guerra”, a partir das publicações das *hashtags*. Ora, a *hashtag* é uma convenção mobilizada pelos usuários da rede, “[...] uma forma tecnolinguageira cuja função é essencialmente social, permitindo a afiliação difusa dos usuários [...]” (PAVEAU, 2021, p. 223). No que tange às *fake news*, esse processo faz parte de uma universalização de representações particulares, em que se dissemina uma perspectiva de mundo por meio das mídias, uma vez que é através das *hashtags* que os assuntos ou discussões são indexados nas redes.

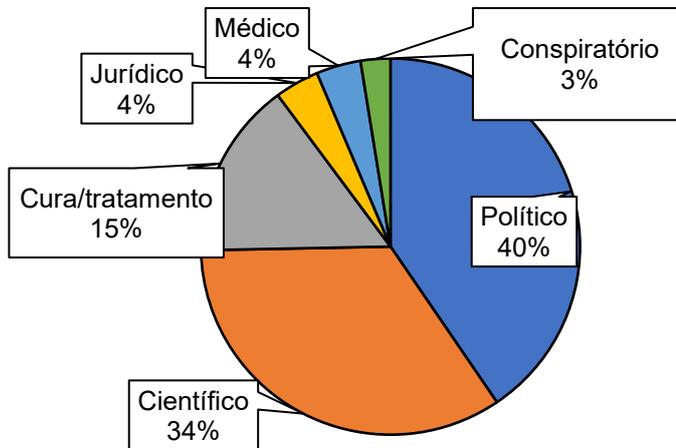
Sendo assim, o ambiente virtual de *fake news* é instrumento pelo qual um certo grupo no poder mantém a hegemonia, formando soldados em uma “sociedade de controle”, pouco reflexivos, em que sistemas de comunicação e redes de informação definem as práticas diárias e comuns das pessoas (RAMALHO; RESENDE, 2011).

## 5 INTERDISCURSOS E FAKE NEWS SOBRE CLOROQUINA

Como se pode observar na Figura 4, a maioria das 79 notícias falsas salientam o discurso político (40%), o científico (34%) e o de cura/tratamento (15%).



Figura 4: Tipos de discursos



Fonte: Elaboração das autoras

Essa classificação foi feita conforme a identificação de algumas escolhas lexicais nos títulos das notícias da plataforma “Corona Verificado”. Por exemplo, para a classificação do discurso de cura/tratamento, observaram-se palavras-chave, como: uso, tratamento e cura; para o discurso científico, perceberam-se termos como: estudos, aprovação de uso, pesquisa, comprovação científica, órgãos regulatórios e OMS; referente ao discurso político, ressaltaram-se expressões referentes a sujeitos políticos, partidos, países, estados e cidades em geral. Salienta-se, contudo, que os textos podem se constituir por diferentes discursos e vozes, mesmo aqueles que aparentemente apresentam um único discurso guardam relação implícita com um outro (BESSA; SATO, 2018).

Em termos de relações interdiscursivas presentes em *fake news* sobre cloroquina, a construção de inimigos simbólicos e o ataque à imprensa são temas que chamam atenção, como exemplifica-se na figura 5, a seguir.

Figura 5: Fake news e os inimigos simbólicos



Fonte: Agência Lupa



Essa publicação no *Facebook* tinha sido compartilhada por mais de mil perfis até o dia 28 de agosto de 2020<sup>9</sup>. A notícia refere-se à uma possível retratação da OMS sobre o uso da hidroxicloroquina, uma organização que, grosso modo, oferece diretrizes aos países sobre o combate à pandemia, orientando, por exemplo, protocolos de uso de medicamentos. Em termos de marcas linguísticas e discursivas, percebe-se a pergunta retórica com o intuito de desqualificar a Rede Globo, destacando-se a palavra lixo, com vistas a reprovar e inabilitar a rede de comunicação, bem como, o discurso de toda imprensa que veicula notícias que não são aceitas pelo governo. STF refere-se ao Supremo Tribunal Federal, o discurso jurídico que daria poder a estados e municípios para definirem as medidas que consideram necessárias para combater o novo coronavírus. Dória, governadores, prefeitos e vereadores relacionam-se ao discurso político, aqueles que realizariam tais medidas, como: interdição de atividades e delimitação de serviços essenciais.

Na notícia, percebe-se claramente a construção simbólica de inimigos do Presidente Bolsonaro, sendo uma forma de operação da ideologia, uma estratégia de fragmentação, em que há uma segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante (RAMALHO; RESENDE, 2011). Nesse processo, os discursos veiculados em *fake news* dinamitam a confiança nas instituições que deveriam esclarecer e proteger a população, desqualificando ações e diretrizes que poderiam combater a pandemia de forma mais eficaz.

Há quem defenda o compartilhamento de notícias falsas sob a égide do discurso da liberdade de expressão. Conforme Gomes et al, (2020), a liberdade de expressão tem por finalidade o direito de se externar ideias, opiniões, juízos de valor, ou seja, qualquer manifestação do pensamento humano. Porém, em uma sociedade democrática, há uma dualidade dessa liberdade com o direito à informação, sendo, pois, “dois lados da mesma moeda”. Para os autores, enquanto a liberdade de expressão propriamente dita consiste no direito de exprimir convicções, a liberdade de informação afiança ao indivíduo o direito de ser informado e de ter acesso a dados e notícias sem sofrer embaraços, constituindo um valor imprescindível em sociedades democráticas. Sendo assim, no que tange à pandemia, é imperativo à população o acesso à informação de qualidade, seja pelos governos, pelas instituições de pesquisa e pela imprensa, para que as pessoas tomem decisões considerando dados válidos, objetivos e claros.

Continuando as análises sobre as relações interdiscursivas, uma das principais características de *fake news*, é que elas são direcionadas para um certo público, inserido ideologicamente em uma filiação discursiva, e, no panorama brasileiro, as notícias falsas sobre cloroquina evocam sujeitos filiados na extrema direita.

Conforme Santos (2020), governos de extrema-direita ou de direita neoliberal apresentariam mais falhas do que outros na luta contra a pandemia, como exemplos, os Estados Unidos e o Brasil, alinhados ideologicamente. Seus governos possuíam algumas características semelhantes, tais como, negacionismo, ocultação de informação, minimização dos efeitos potenciais da Covid-19, além de estabelecer uma falsa dicotomia entre saúde e economia (SANTOS, 2020). Essa, talvez, seja uma das consequências mais perversas desse alinhamento, a insistência no discurso da cura da Covid-19 pelo uso da cloroquina ou hidroxicloroquina, em prol da economia. Essa discussão será explicitada a partir da Figura 6.

---

<sup>9</sup> #Verificamos: É falso que OMS passou a recomendar hidroxicloroquina e pediu desculpas por ‘erro’ | Agência Lupa (uol.com.br). Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/08/28/verificamos-oms-hidroxicloroquina-erro/>>. Acesso em: 18 de julho de 2021.



Figura 6: Alinhamento ideológico entre Trump e Bolsonaro.



Fonte: Facebook

A notícia falsa apresenta a imagem do então presidente Trump e Bolsonaro, seguida da frase: "FDA, nos EUA, libera a hidroxiclороquina e a turma do 'quanto pior, melhor' terá que se curvar ao remédio de Trump e Bolsonaro". Ora, o remédio é a hidroxiclороquina, significando, ao mesmo tempo, proteção e cura, a salvação para a Covid-19. Logo, não teriam sentido os discursos da ciência sobre o uso de máscaras e medidas de distanciamento social, conseqüentemente, os números de infectados e de mortos seriam também mentiras da imprensa. A realidade não se mostrou assim.

Nos Estados Unidos, conforme estudo da revista científica Lancet, 40% das mortes no país poderiam ter sido evitadas, em que a letalidade do vírus foi impulsionada por ações que vão desde cortes no orçamento nos centros de Controle de Doenças e Prevenção, passando pelo posicionamento negacionista do então Presidente perante a doença, e, de sua posição racista e xenófoba, uma vez que direitos e ações afirmativas sofreram interferências na era Trump. Desse modo, o vírus apresentou uma concentração desproporcional em populações negras e de baixa renda, como latinos e imigrantes, aumentando em 50% a lacuna de longevidade entre os brancos e os demais<sup>10</sup>.

No Brasil, só no primeiro ano da pandemia, 120 mil vidas brasileiras poderiam ter sido salvas apenas com medidas restritivas adequadas, segundo estudo feito pelo Grupo Alerta e apresentado pela diretora da Anistia Internacional, Jurema Werneck, à CPI da Covid<sup>11</sup>. Ademais, os discursos de

<sup>10</sup> Trump poderia ter evitado 40% das mortes por Covid-19 nos EUA, diz 'Lancet' (cnnbrasil.com.br). Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/02/11/erros-de-trump-aumentaram-mortes-por-covid-19-nos-eua-diz-relatorio-da-lancet>>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

<sup>11</sup> Brasil poderia ter evitado 120 mil mortes com medidas preventivas, aponta estudo (cnnbrasil.com.br). Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/06/24/brasil-poderia-ter-evitado-120-mil-mortes-por-covid-em-2020-diz-estudo>>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.



Bolsonaro podem ter acarretado uma alta taxa de contaminação entre sua própria base de apoio. Conforme a Folha de São Paulo<sup>12</sup>, um estudo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) identificou que municípios com mais eleitores do Presidente, foram os que mais registraram casos de Covid-19. Sob essa ótica, pode-se afirmar que houve a realização de um projeto perverso na pandemia, em que a disseminação de *fake news* com o discurso de cura/tratamento pelo uso da cloroquina, somado ao discurso em prol da economia, ludibriaram a população a adquirir a chamada imunidade de rebanho ou coletiva<sup>13</sup>.

Portanto, ao lado de Santos (2020), afirmamos que perpetrrou-se um processo de darwinismo social nutrido por discursos da extrema direita e vozes neoliberais, uma vez que a pandemia não mata indiscriminadamente como se pensa, mas afeta grupos de forma diferenciada, trabalhadores empobrecidos, mulheres, negros, indígenas, refugiados, idosos, pessoas em situação de rua, cujo objetivo parece ser a eliminação dessas populações que já não interessam à economia, seres humanos descartáveis para a produção e consumo (SANTOS, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Santos (2020), o *The Economist*, no início do ano de 2020, afirmava que as epidemias tendem a ser menos letais em países democráticos devido à livre circulação de informação. Todavia, conforme o próprio autor, *fake news* vulnerabilizam as democracias, justamente, pelo fato de que elas não se configuram como uma forma democrática de liberdade de expressão, pelo contrário, no fenômeno da desinformação os discursos antidemocráticos são potencializados, não somente pelos conteúdos que desinformam e ludibriam a população, mas também pelo discurso agressivo a veículos de comunicação, reverberando vozes autoritárias.

Os resultados desse trabalho corroboram a afirmação acima, mostrando que *fake news* sobre cloroquina fazem parte de um projeto perverso nada democrático, comandado por um grupo que flerta com o autoritarismo, a partir da produção da mentira. É importante salientar, que esse grupo no poder representa uma parte da sociedade brasileira, setores arcaizantes e reacionários que nunca repararam a escravidão, tampouco nenhuma ditadura nacional (AB'SÁBER, 2021). Uma elite que, sob o pretexto de salvar a economia, tomaram atitudes cruéis, pelos quais, espera-se, sejam responsabilizados (SANTOS, 2020).

Para uma visualização de mudança, tendo em vista o mundo da internet e das redes sociais, onde os usuários filiam-se em bolhas tecnodiscursivas, é preciso uma transformação epistemológica e cultural em diversas ordens na sociedade, no âmbito político, jurídico, econômico e social, com vistas a garantir a continuidade da vida humana digna (SANTOS, 2020). Finalmente, não há saída para o combate às notícias falsas que não passe pela educação, cuja luta contra a banalização da mentira, deve fortalecer ações e valores favoráveis à vida coletiva (BRUNO; ROQUE, 2020), reafirmando-se sempre a democracia participativa, a solidariedade e a cooperação (SANTOS, 2020).

---

<sup>12</sup> 'Efeito Bolsonaro' sobre alta nos casos de coronavírus surpreende pesquisadores - 12/10/2020 - Mercado - Folha (uol.com.br). Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/10/efeito-bolsonaro-sobre-alta-nos-casos-de-coronavirus-surpreende-pesquisadores.shtml>>. Acesso em: 06 de julho de 2021.

<sup>13</sup> Imunidade de rebanho ou imunidade coletiva, é um conceito aplicável para doenças transmitidas de uma pessoa para outra, descrevendo uma situação em que a doença para de se alastrar, pois uma porcentagem de indivíduos, numa população definida, adquire imunidade, protegendo, assim, os que ainda não foram infectados (LACERDA, 2020).



## REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, T. Ilusão, convicção e mentira: linguagem e psicopolítica da pós-verdade. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (Org.). **Discurso e (pós)verdade**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021. p. 41-58.

BARROS, L.; BRITO, M. F. L. A pandemia da Covid-19 e o risco dos medicamentos “milagrosos”: o uso off label da cloroquina e hidroxiclороquina. In: TEIXEIRA, J. P. A. **Pensar a pandemia: perspectivas críticas para o enfrentamento da crise**. 1. ed. São Paulo: *Tirant lo Blanch*, 2020. p. 301-310.

BESSA, D.; SATO, D. T. B. Categorias de análise. In: BATISTA Jr., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018. p. 124-157.

BRUNO, C. H. Revisão de literatura sobre Cloroquina e Hidroxiclороquina. **Informa SUS-UFSCAR**. Disponível em: <<https://www.informasus.ufscar.br/revisao-de-literatura-sobre-cloroquina-e-hidroxiclороquina/>>. Acesso em: 18 de junho de 2021.

BRUNO, F.; ROQUE, T. A ponta de um iceberg de desconfiança. In: BARBOSA, M. (Org.). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020. *E-book*. Disponível em: *kindle*. Acesso em 15 jul. 2021.

BUCCI, E. News não são fake\_e fake news não são news. In: BARBOSA, M. (Org.). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020. *E-book*. Disponível em: *kindle*. Acesso em 15 jul. 2021.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DENTITH, M R. X. The problem of fake news. **Public Reason**. Institute for Research in the Humanities, 2017. p. 65-79.

FIGUEIREDO FILHO, A. B.; SILVA, L. COVID-19: Brasil tem seguido trajetória de EUA e Espanha. **Questão de Ciência**. Abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistaquestaoeciencia.com.br/artigo/2020/04/03/brasil-rumo-eua-covid>. Acesso em: 28 nov. 2021.

FONTANA, M. Z. Pós-verdade e enunciação política: entre a mentira e o rumor. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (Org.). **Discurso e (pós)verdade**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021. p. 87-104.

GOMES, D. M. et al. Desafio à Cosmópolis: robôs, ciborgues, fake news e liberdade de expressão na web. In: NISHIYAMA, A. M.; SANTOS, J. A.; BERARDI, L. A. A.; MUÇOUÇAH, R. A. O. (Org.) **Interdisciplinaridade e direitos humanos**. Rio de Janeiro: Pembroke Collins, 2020, v. 2, p. 816-833.

LACERDA, C. D. O que é imunidade de rebanho e quais as implicações? **Jornal da USP**. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/o-que-e-imunidade-de-rebanho-e-quais-as-implicacoes/>>. Acesso em: 07 de julho de 2021.

NASCIMENTO, L. F.; CESARINO, L.; FONSECA, P. Quando se está morrendo afogado, até jacaré é tronco para se agarrar: cloroquina e médicos em grupos de direita do Telegram.



**LAVITS\_COVID19\_#22.** Pandemia, Tecnologia e Capitalismo de Vigilância. 2020. Disponível em: <[https://lavits.org/lavits\\_covid19\\_22-quando-se-esta-morrendo-afogado-ate-jacare-e-tronco-para-se-agarrar1-cloroquina-e-medicos-em-grupos-de-direita-do-telegram/?lang=pt](https://lavits.org/lavits_covid19_22-quando-se-esta-morrendo-afogado-ate-jacare-e-tronco-para-se-agarrar1-cloroquina-e-medicos-em-grupos-de-direita-do-telegram/?lang=pt)>. Acesso em: 02 de junho de 2021.

NEVES, A. L. M.; FERREIRA, B. O. Narrativas entre ciência e política no ativismo da cloroquina. **Dossiê Psicologia e Sociedade**, 2020. p. 1-16.

PAVEAU, A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. 1 ed. Campinas (SP): Pontes Editores, 2021.

RAMALHO, V; RESENDE, V. M. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas (SP): Pontes Editores, 2011.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.



## DESINFORMAÇÃO FRENTE À PANDEMIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE RECEITAS CASEIRAS CONTRA O CORONAVÍRUS

Clara Moreira Molinari<sup>1</sup>

*Universidade Estadual de São Paulo (Unesp)*

### RESUMO

Este artigo, calcado na filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, propõe analisar alguns enunciados “desinformativos” de métodos e receitas caseiras que propõem a cura da COVID-19. Como percurso analítico, exploramos o método dialético-dialógico, que se apoia no cotejamento de textos e de seus contextos para compreender a dimensão dialógica dos enunciados. Os resultados obtidos revelam, sobretudo, as relações de sentido, as projeções axiológicas e a colisão de vozes que emergem desses enunciados.

**Palavras-chave:** Enunciado. Dialogismo. Círculo de Bakhtin. Coronavírus.

### ABSTRACT

This article, based on the philosophy of language of the Bakhtin Circle, proposes to analyze some “uninformative” utterances about homemade recipes that suggest the cure of COVID-19. As an analytical path, we explore the dialectical-dialogical method, which is based on the comparison of texts and their contexts to understand the dialogical dimension of the utterances. The results reveal, above all, the relations of meaning, the axiological projections and the collision of voices that emerge from these statements.

**Keywords:** Utterance. Dialogism. Bakhtin Circle. Coronavirus.

### INTRODUÇÃO

O avanço da pandemia evidenciou a quantidade e a heterogeneidade de notícias, informações e, sobretudo, desinformações, relacionados a cura, prevenção e tratamento da COVID-19. Devido a larga escala de propagação de enunciados com conteúdos deliberadamente falsos, a Organização das Nações Unidas (OMS) cunhou o termo *infodemia*<sup>2</sup>, que diz respeito à superabundância de informações, algumas precisas e outras não, mas que dificultam a encontrar fontes idôneas e orientações diretas confiáveis. Em um contexto no qual informações são essenciais para preservar e salvar vidas, a abundância de (des)informações impacta diretamente o número de casos e dificulta a superação da pandemia em andamento.

Neste artigo, que traz em seu interior reflexões de uma pesquisa mais ampla sobre desinformações, nos pautamos nos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin para analisar alguns enunciados que trazem receitas com métodos caseiros de cura e prevenção da COVID-19. Ao adotar essa perspectiva teórico-analítica, entendemos a linguagem num contexto social concreto, como reflexo e refração do mundo e, portanto, essencialmente valorativa e dialógica.

---

<sup>1</sup> É mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Unesp, câmpus de Araraquara. Email: clara.molinari@unesp.br

<sup>2</sup> Relatório *Managing the COVID-19 infodemic*.

Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240010314>. Acesso em 20 de março de 2022.



Compreender a dialogia como atributo da linguagem permite uma expansão nos sentidos que são produzidos no interior dos discursos e revela a real dimensão de significados que emerge dos enunciados que compõem a nossa análise. Em nosso percurso analítico, entendemos que o enunciado não existe de maneira fixa e isolada, mas que “é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 272) e que, portanto, estabelece diálogo com dizeres anteriores e/ou posteriores que podem ser (parcialmente) recuperados por meio do cotejamento com outros textos.

O cotejamento de textos consiste em analisar diferentes enunciados em relação uns com os outros para, de acordo com Geraldi (2012), a construção de uma compreensão mais profunda dos sentidos. Sendo a compreensão completa do texto uma atividade interpretativa e ativa, o movimento de cotejo permite que o pesquisador expanda os contextos e reconheça quais vozes estão sendo reverberadas nos discursos, recuperando significações e dialogando com outros enunciados.

É importante destacar que, para Bakhtin (2011), não é possível que o enunciado seja absolutamente neutro, uma vez que toda enunciação é construída considerando um horizonte apreciativo específico em que ocorrem disputas de sentido. Logo, a relação que o enunciador possui com o objeto do seu discurso motivará a escolha dos recursos (lexicais, gramaticais e composicionais) de seu enunciado.

Partiremos, portanto, da premissa de que todo enunciado, quando produzido, contempla um contexto sócio-histórico que nos auxilia a compreender os sentidos que são produzidos em interior.

## 1 AS RECEITAS CASEIRAS

O contexto pandêmico, o qual a nossa análise está inserida, acarretou inúmeras disputas discursivas relacionadas à COVID-19 e o contraste e o confronto de opiniões evidenciou a polarização já existente no país entre sujeitos de direita e sujeitos de esquerda. Desse modo, as medidas de contenção do coronavírus se transformaram em uma arena<sup>3</sup> onde se confrontam valores e posicionamentos sociais contraditórios a respeito de assuntos como, por exemplo, o isolamento social, as recomendações da OMS e o uso da hidroxicloroquina e outros medicamentos como “tratamento precoce” do vírus.

Em meio a esse panorama, desde o início da pandemia inúmeras receitas caseiras foram divulgadas como indicações de prevenção ou cura da COVID-19, de acordo com um estudo conduzido pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP)<sup>4</sup>. A primeira etapa da pesquisa, realizada a partir do balanço das denúncias de notícias falsas recebidas no primeiro semestre de 2020, revelou que 65% delas ensinavam métodos caseiros para prevenir e 20% ensinavam métodos caseiros para curar a COVID-19. Na segunda fase do estudo, a diversidade de conteúdos aumentou e, em primeiro lugar, estavam as notícias falsas que afirmavam que a doença era uma estratégia política (24,6%).

---

<sup>3</sup> Todo enunciado é marcado por tensões discursivas, constituindo-se em uma arena, ou ainda “palco” (VOLÓCHINOV, 2017), em que as múltiplas vozes se digladiam.

<sup>4</sup>Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/estudo-identifica-principais-fake-news-sobre-covid-19>. Acesso em 8 de abril de 2022.



Entretanto, métodos caseiros para prevenir o contágio do novo coronavírus (10,1%) e para cura (5,8%) continuaram aparecendo entre os temas mais relevantes.

O projeto “Saúde Sem *Fake News*”, lançado em agosto de 2018 pelo Ministério da Saúde, tem como intuito verificar as principais mensagens que são enviadas pela população e, posteriormente, realizar uma classificação e explicação de seu conteúdo. Entre as *fake news* classificadas como falsas encontramos, sobretudo, enunciados que traziam métodos caseiros de cura e prevenção da doença. Na figura a seguir, o conteúdo que foi checado pelo Ministério refere-se à ingestão do chá de erva-doce como uma forma de tratamento ao coronavírus, já que é dito que ele possui as mesmas propriedades do *Tamiflu* – um medicamento que é comumente utilizado para o tratamento de inúmeros casos gripais.

Figura 1: Tratamento com chá de erva doce



Fonte: Ministério da Saúde<sup>5</sup>, 2022.

Logo no início, o enunciado elenca diversas orientações de prevenção ao coronavírus, entre as quais somente duas são oficializadas pelos órgãos de saúde: o uso do álcool em gel e a lavagem mais frequente das mãos. Na sequência, há ênfase para a palavra “erva-doce”, em letras garrafais e em negrito. Como forma de passar credibilidade e legitimar o que está sendo enunciado, notamos o argumento de autoridade que é construído pela voz da medicina (neste caso, do infectologista)

<sup>5</sup>Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/fakenews/46440-cha-de-erva-doce-e-coronavirus-e-fake-news>. Acesso em 6 abril de 2022.



que “recomenda” a ingestão do chá de erva-doce. Na associação entre o verbal e o visual, os elementos da área da saúde como a luva e as ampolas remetem à esfera médico-científica, assim como os termos “TAMIFLU”, “gripe A – H1N1” e “12 em 12/horas”, que também são palavras destacadas em negrito.

Uma das razões pela qual esse tipo de conteúdo enganoso seja tão difundido nas redes pode ser explicada pelo baixo custo e facilidade de acesso para que as receitas caseiras sejam executadas e pela linguagem acessível utilizada, oposta à que é empregada na esfera científica.

É importante notar que as receitas caseiras podem mudar de acordo com os aspectos culturais de cada país. Na República Checa, por exemplo, a crença no poder curativo do alho é tão grande que o governo precisou adicionar às orientações oficiais de saúde que a ingestão de alho não preveniria a doença<sup>6</sup>. Já na Venezuela, o presidente Nicolás Maduro, recomendou no *Twitter* um antídoto feito com capim-santo, gengibre, sabugueiro, pimenta do reino, limão e mel de abelha<sup>7</sup>. Logo após a publicação, o presidente teve o seu *tweet* removido pela rede social, que afirmou que a postagem continha informações sem estudos científicos comprovatórios.

Também podemos citar como exemplos de receitas que circularam em diferentes redes sociais a associação da água quente com limão e o gargarejo com água e sal ou vinagre. Esta última também teve seu conteúdo checado pelo site do Ministério da Saúde que o sinalizou como falso e reforçou a população que “até o momento [abril de 2020], não há nenhum medicamento, substância, vitamina, alimento específico ou vacina que possa prevenir a infecção pelo coronavírus (COVID-19)”.

Figura 2: Gargarejo com água e sal

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/cacadores-de-mentiras/>. Acesso em: 12 de abril de 2022.

<sup>7</sup> Disponível: [https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/03/26/interna\\_internacional,1132632/maduro-recomenda-mistura-de-ervas-com-mel-e-limao-para-combater-corona.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/03/26/interna_internacional,1132632/maduro-recomenda-mistura-de-ervas-com-mel-e-limao-para-combater-corona.shtml). Acesso em 14 de março de 2022.

**CORONAVÍRUS**

O corona-vírus, antes de atingir os pulmões, permanece na garganta por quatro dias e, nesse período, a pessoa começa a tossir e sentir dores na garganta. Se essa pessoa beber muita água e faz gargarejo com água morna, sal ou vinagre, isso eliminará o vírus. Divulgue estas informações, pois você pode salvar alguém se essa pessoa souber disso.

**● Por que é falso?**

Até o momento, não há nenhum medicamento, substância, vitamina, alimento específico ou vacina que possa prevenir a infecção pelo coronavírus (COVID-19).

Saúde **sem** Fake News

**(61) 99289-4640**  
[www.saude.gov.br/fakenews](http://www.saude.gov.br/fakenews)

Ministério da **Saúde**

Fonte: Ministério da Saúde<sup>8</sup>, 2022.

No enunciado verificado pelo Ministério da Saúde na figura 2, é afirmado que, antes de atingir os pulmões, o novo coronavírus permanece na garganta durante quatro dias. A solução para eliminar o vírus (representado na imagem de forma circular, cheio de “espinhos” por sua superfície) alojado na garganta seria realizar um gargarejo com água morna, sal ou vinagre.

Nas linhas finais, notamos uma solicitação para que o que está sendo dito seja divulgado: “divulgue essas informações, pois você pode salvar alguém se essa pessoa souber disso”. Esse tipo de pedido pode ser relacionado ao que no marketing digital convencionou-se chamar de *call to action* (em português, “chamada para ação”). O recurso consiste em trazer verbos no imperativo como “clique”, “compartilhe”, “salve”, para sinalizar qual ação o destinatário deve tomar ao interagir com determinado enunciado. Parte-se do princípio de que o enunciador, ao comunicar qual ação específica ele deseja que seja tomada pelos seus interlocutores, tem mais chances de que ela aconteça. Nesse caso em específico, há ainda uma argumentação apelativa, que assegura que a ação (de divulgar) pode salvar a vida de alguém.

O enunciado que analisaremos a seguir considera o chá de boldo como um método supostamente eficaz no combate aos sintomas da COVID-19. Na esfera da cultura popular, os discursos sobre as propriedades terapêuticas e medicinais dos chás estão associados ao cotidiano e

<sup>8</sup>Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/fakenews/46582-beber-muita-agua-e-fazer-gargarejo-com-agua-morna-sal-e-vinagre-previne-coronavirus-e-fake-news>. Acesso em 22 de março de 2021.



não raras vezes são, humoristicamente, associados à figura da “avó” – aquela que sempre recomenda algum tipo de recurso natural para o tratamento de enfermidades.

A construção dessa imagem afetiva da avó pode ser identificada por meio dos memes, trazidos aqui como cotejo para a análise que pretendemos nos aprofundar em seguida. Em consonância com o pensamento de Furtado (2019, p. 104), entendemos os memes como enunciados concretos que “se moldam rapidamente a depender do lugar em que circulam, propiciando uma rápida interação não apenas entre os sujeitos, mas também entre os próprios discursos”.

Figura 3: Memes sobre chás



Fonte: Facebook9, MemeDroid10, 2022, elaborado pela autora.

Ambos os enunciados da figura 3 demonstram como o chá, aqui especificamente o de boldo, é ironicamente apontado como a solução para todos os tipos de doenças que são apresentados. Na imagem da direita, a imagem de um dragão grande e forte é selecionada para simbolizar o chá de boldo [da avó], criando o efeito de sentido que se trata de um chá “poderoso” e, conseqüentemente, apropriado para o combate/cura de todas as doenças que são mencionadas (dengue, H1n1, meningite bacteriana e o coronavírus). Ainda de acordo com a autora, os exemplos dos enunciados em meme e outros discursos das mais diversas esferas sociais, refletem “uma cosmovisão cômica do mundo e ao mesmo tempo crítica e irônica.” (FURTADO, 2019, p. 125). Podemos citar ainda outra manifestação discursiva, em formato de vídeo<sup>11</sup>, em que um homem anunciava ter tratado seus sintomas e os de sua esposa com o chá. Sem alertar para nenhum risco de qualquer efeito colateral que o chá possa causar, o autor assegura que teve resultados logo “no primeiro gole”. Além disso, usa como argumentação a facilidade de acesso ao constatar que a planta pode ser encontrada “em qualquer lugar”, o que pode atrair as pessoas a recorrerem ao chá.

<sup>9</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/OficialNazareTedesco/photos/boa-tarde-%EF%B8%8F%EF%B8%8F/1035514316623841/>. Acesso em 22 de abril de 2022.

<sup>10</sup>Disponível em: <https://pt.memedroid.com/memes/detail/2867626/quebrou-a-perna-filho-deixa-que-a-vo-faz-um-cha-de-boldo-que-sara>. Acesso em 13 de março de 2022.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://youtu.be/LUnh8lcpE>. Acesso em 8 de abril de 2022.



Analisaremos agora, mais profundamente, um enunciado desinformativo no formato de texto, mas que também reafirma uma possível “cura milagrosa” por meio da ingestão do chá de boldo.

Figura 4: Chá de boldo



Fonte: Aos Fatos, 2020.

No plano verbal, o enunciado inicia-se declarando que o governo está gastando bilhões no combate ao coronavírus, situação que de fato foi evidenciada com os dados<sup>12</sup> fornecidos pelo Tesouro Nacional sobre o mês de maio de 2020, sobretudo devido aos gastos com o auxílio emergencial e o benefício especial de manutenção do emprego e renda. Em seguida, constata que “um irmãozinho de algum lugar sem faculdade em ciência e medicina” foi quem descobriu o combate aos sintomas do coronavírus por meio da ingestão do chá de boldo. Não é possível comprovar que o enunciado se refere propriamente ao homem da gravação do vídeo que citamos anteriormente, mas de acordo com a nossa abordagem teórico-analítica, compreendemos que as manifestações discursivas sobre um tema podem ser influenciadas mutuamente, de modo que um possível entrecruzamento de discursos pode e deve ser considerado no processo de construção dos

<sup>12</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/06/29/contas-do-governo-tem-pior-maio-da-historia-e-rombo-atinge-r-1266-bilhoes-1.ghtml>. Acesso em 8 de abril de 2022.



sentidos. Ressaltamos também a escolha lexical do termo “irmãozinho”, característico da esfera religiosa, que dirige o termo “irmão” como pronome de tratamento especialmente entre os membros do grupo.

Ao evidenciar que a descoberta foi feita por um homem “sem faculdade em ciência ou medicina”, o enunciador deslegitima o trabalho que tem sido realizado na esfera científica, que ainda não havia apresentado estudos conclusivos sobre uma medicação realmente eficaz para a COVID-19. Em contrapartida ao fazer científico que é considerado algo demorado e que requer trabalho e pesquisa, o enunciador se beneficia da ânsia dos sujeitos em retornarem o quanto antes para a “vida normal” ao prometer combater os sintomas em “três horas”.

O posicionamento negacionista e fundamentalista fica mais contundente quando o enunciador assegura que “realmente Deus usa as coisas loucas desse mundo para confundir as sábias!”. O uso do advérbio “realmente” demonstra que o enunciador está retomando e estabelecendo uma relação dialógica de convergência com o seguinte versículo bíblico<sup>13</sup>: “mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes.”. O versículo faz parte da argumentação do enunciador, que o utiliza com o intuito de demonstrar que a sabedoria cristã, embora rejeitada (e tida como “louca”) por grande parte dos sábios (estudiosos, cientistas), manifesta-se de modo a confundir a sabedoria do ser humano e, por isso, uma das formas de Deus manifestar o seu domínio é surpreendendo o homem com aquilo que ele não estava esperando.

Assim, partindo da materialidade discursiva que constitui o enunciado, é possível identificar um embate entre pelo menos dois pontos de vistas ou perspectivas ideológicas distintas: de um lado, a ciência, do outro, a religião. É em oposição ao discurso da ciência que o enunciador busca convencer seu leitor de que o *boldo*, criação divina, é a solução que até o momento os cientistas e pesquisadores (mesmo com os investimentos feitos pelo governo, conforme supracitado) não encontraram.

Conforme os postulados bakhtinianos, a quem o enunciado se direciona, ou seja, o seu *endereço*, é de fundamental relevância para entender o motivo pelo qual determinada estratégia discursiva foi lançada.

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, o estilo do enunciado. (BAKHTIN, 2011, p. 302).

Diante disso, podemos assumir que o enunciado é destinado a um público religioso que pode ser, em certa medida, negacionista da doença e da ciência. Além disso, também as convicções desse grupo de sujeitos foram, certamente, levadas em consideração pelo enunciador a fim de convencê-los do que se propõe. Para fazer com que a “informação” se espalhe, nas linhas finais, o enunciador

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/acf/1co/1/27-29>. Acesso em 8 de abril de 2022;



pede para que o leitor a compartilhe sob o argumento de que “se não fizer bem, mal não vai fazer!!!”. Conclui-se com a repetição de “compartilhe”, dessa vez usando o verbo no imperativo.

A afirmação incisiva de que “se não fizer bem, mal não vai fazer!!!”, acompanhada dos três pontos de exclamação, causa o efeito de uma verdade quase incontestável. Pode-se apreender, com base no que é dito, que o chá de boldo deve ser ingerido mesmo sem possuir nenhuma comprovação científica a respeito da sua eficácia, uma vez que mesmo que não surja efeito algum, não há risco algum para aquele que o ingere.

Essa última constatação reflete a generalização que existe, por parte do senso comum, de que receitas naturais (que usam plantas com propriedades terapêuticas, por exemplo) são seguras e até mesmo isentas de efeitos colaterais, o que na verdade é uma percepção equivocada. A generalização de que “mal não faz” se estendeu, no contexto pandêmico, também para alguns medicamentos sintéticos como, por exemplo, a medicação derivada da cloroquina

Tal medicação foi inclusive sugerida por figuras políticas mesmo sem possuir nenhuma comprovação sobre a sua real eficácia. Nos Estados Unidos, Donald Trump, recomendou que a cloroquina deveria ser tomada como forma de prevenir a infecção porque, em suas palavras, “o que realmente temos a perder?”<sup>14</sup> e que o medicamento pode “ajudá-los, mas não vai prejudicá-los”<sup>15</sup>. No Brasil, também na esfera política e em defesa da ideia de um “tratamento precoce/preventivo”, o governo do presidente Jair Bolsonaro gastou aproximadamente R\$ 90 milhões com a aquisição de medicamentos sem eficácia cientificamente comprovada, como a cloroquina, a azitromicina e o ivermectina<sup>16</sup>. No primeiro semestre de 2021, Bolsonaro fez um questionamento parecido ao de Trump e que, mais uma vez, dialoga com o nosso enunciado: “se não faz mal, por que não tomar?”<sup>17</sup>.

## CONCLUSÃO

Sendo o contexto pandêmico um espaço interditado e atravessado por diferentes formações discursivas que nos constituem enquanto sujeitos, nesta análise observamos o uso de posições fundamentalistas e negacionistas para legitimar o posicionamento acerca do tratamento e cura do coronavírus. Por meio do contexto e dos enunciados cotejados, é possível constatar que o debate que se criou a respeito da cura da COVID-19 transcende a esfera da saúde e coloca em embate diferentes vozes, discursos, sujeitos e seus diferentes grupos.

Os enunciados considerados desinformativos surgem com o propósito de defender uma determinada posição e, pelo descompromisso que possuem com a verdade, favorecem um cenário ainda maior de incertezas e instabilidades, podendo enfraquecer a adesão da população aos cuidados necessários de prevenção da doença. Por último, ressaltamos que o olhar que lançamos aos enunciados não se limita a este artigo pois, em concordância com o pensamento bakhtiniano, as relações dialógicas estão em constante movimentação no processo de construção dos sentidos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

<sup>14</sup> “What do you have to lose?”, tradução da autora.

<sup>15</sup> “It can help them, but it's not going to hurt them”, tradução da autora.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55747043>. Acesso em 6 de abril de 2022.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/02/4904741-se-nao-faz-mal-por-que-nao-tomar--diz-bolsonaro-sobre-remedios-sem-eficacia-contra-covid-19.html>. Acesso em 6 de abril de 2022.



BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FURTADO, R. *Os diálogos do cotidiano nas redes sociais: a liquidez discursiva nos memes*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

GERALDI, J. W. *Heterocientificidade nos estudos linguísticos*. In: *GEGe. Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. Caderno de estudos IV para iniciantes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 19-39.

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: 34, 2017.



## UMA ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DO DISCURSO ANTIVACINA NO GOVERNO BOLSONARO

Thiago Costa da Silva<sup>1</sup>

*Universidade Federal Fluminense (UFF)*

Patrick Neves de Paula da Silva<sup>2</sup>

*Universidade Federal Fluminense (UFF)*

Cláudia Cristina Mendes Giesel<sup>3</sup>

*Universidade Veiga de Almeida (UVA)*

### RESUMO

O presente trabalho irá apresentar uma análise do discurso performado pelo Presidente Jair Bolsonaro em relação à pandemia e às medidas sanitárias instauradas, tendo estas o intuito de retardar os efeitos nocivos da covid-19. Além disso, iremos realizar uma apreciação crítica de seus ataques direcionados à busca de vacina e às medidas preventivas recomendadas pela OMS. Este artigo possui como justificativa comprovar que o discurso antivacina, balizado por *encenações* negacionistas e ideológicas, desencadeou um gerenciamento político ineficaz durante a pandemia, promovendo uma alta taxa de contaminação e óbitos. Para a realização das análises dos depoimentos proferidos pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, utilizaremos a Teoria Semiolinguística, desenvolvida pelo pesquisador francês Patrick Charaudeau (2019, 2011, 2005, 1999), para buscar saber se seu *projeto de influência* pretendeu causar *efeitos de sentido* que motivaram e incentivaram a população brasileira a abrandar os cuidados profiláticos em relação à pandemia. A presente pesquisa possui como objetivos averiguar algumas condutas psico-sócio-linguageiras manifestadas pelo presidente do Brasil em relação à vacina contra o Covid-19; examinar a influência negacionista exercida e os efeitos causados por Bolsonaro, no imaginário sociodiscursivo, à população e analisar o posicionamento do Chefe de Estado quanto à periculosidade da ação do vírus para a saúde humana; e às recomendações de medicamentos sem comprovação científica.

**Palavras-chave:** Teoria Semiolinguística; Bolsonaro; pandemia; covid-19; análise do discurso.

### ABSTRACT

The present work will present an analysis of the speech performed by President Jair Bolsonaro in relation to the pandemic and the health measures put in place, with the aim of delaying the harmful effects of covid-19. In addition, we will conduct a critical appraisal of their targeted attacks on the search for a vaccine and the preventive measures recommended by the WHO. This article has the justification to prove that the anti-vaccine discourse, marked by denial and ideological *enactments*, triggered an ineffective political management during the pandemic, promoting a high rate of contamination and deaths. To carry out the analysis of the testimonies given by President Jair Messias Bolsonaro, we will use the Semiolinguistic Theory, developed by the French researcher

---

<sup>1</sup> É mestrando em Estudos de Linguagem (UFF) e bolsista da Capes. Email: thiago\_cs@id.uff.br

<sup>2</sup> É mestrando em Estudos de Linguagem (UFF). Email: patricknps@id.uff.br

<sup>3</sup> É doutora em Educação e coordenadora do curso de Letras EAD (UVA).



Patrick Charaudeau (2019, 2011, 2005, 1999), to seek if his *project of influence* and intending to cause *meaning effects* motivated and encouraged the Brazilian population to slow down prophylactic care in relation to the pandemic. The present research aims to investigate some psycho-socio-language behaviors expressed by the president of Brazil in relation to the vaccine against Covid-19; examine the negationist influence exerted and the effects caused by Bolsonaro, in the socio-discursive imaginary, to the population and analyze the position of the Head of State regarding the dangerousness of the action of the virus for human health; and the recommendations of medicines without scientific evidence.

**Keywords:** Semiolinguistic Theory; Bolsonaro; pandemic; Covid-19; speech analysis.

## INTRODUÇÃO

A chegada do Covid-19 ao território nacional deu-se no mês de fevereiro de 2020, quando um grupo de brasileiros, que vivia em Wuhan, foi repatriado. Apesar do cuidadoso período de catorze dias de isolamento social desses indivíduos, tempo de transmissão do vírus, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), à época, no dia vinte e seis de fevereiro, um senhor de sessenta e um anos, que viajara recentemente à Itália, foi diagnosticado com a doença. Poucos dias após esse caso, houve um crescimento no número de pessoas com suspeita de contaminação e outros eventos foram confirmados, levando o governo a assumir uma postura de receio e de políticas de profilaxia em nível nacional.

Em meio a esse cenário pandêmico, em oposição a instituições sanitárias, surgiu, no Brasil, uma narrativa oposta à encenação psicossocial adotada por outras nações, relacionada à busca de vacina e às medidas profiláticas recomendadas pela OMS, assim como a uma descrença na letalidade do contágio do vírus Sars-CoV-2. O presidente Jair Messias Bolsonaro, Chefe de Estado, ao longo de seu exercício governamental, vem desdenhando da potencialidade de contágio e, com isso, dos impactos à vida dos brasileiros, ao sistema público de saúde e à economia. Em consequência disso, tem-se visto um percentual consideravelmente alto no índice de mortalidade, além do colapso da saúde pública na busca de leitos hospitalares e do desemprego crescente, em decorrência da crise financeira, social e política.

Pontua-se, tendo em vista a atual crise sanitária – de proporção mundial – e os discursos vinculados às medidas restritivas, bem como os cuidados imediatos contra a infecção, as seguintes **problemáticas**: 1- o presidente, em sua gestão da pandemia, difundiu uma ideologia para impedir medidas necessárias para frear o contágio do vírus? 2- pode-se, diretamente, culpabilizar Bolsonaro pelo não cumprimento pleno ou a atitudes contrárias a um distanciamento social dos brasileiros na pandemia? 3- de que modo o discurso antivacina do presidente, simultâneo à difusão de medicamentos não comprovados cientificamente, influenciou no atraso do início da campanha de imunização?

Tem-se, nesta pesquisa, como **objetivo geral**, averiguar algumas condutas psico-sócio-linguageiras manifestadas pelo presidente do Brasil em relação à vacina contra o Covid-19. Já em relação aos **objetivos específicos**, pretende-se: 1- examinar a influência negacionista exercida e os efeitos causados por Bolsonaro, no imaginário sociodiscursivo, à população; 2- analisar o posicionamento do Chefe de Estado quanto à periculosidade da ação do vírus para a saúde humana



e às recomendações de medicamentos sem comprovação científica; 3- avaliar como são inferidas diferentes interpretações acerca das *ações*<sup>4</sup> e *causações*<sup>5</sup> relacionadas aos discursos do presidente.

Diante do questionamento aqui proposto, pretende-se, neste estudo, pelas vias da análise semiolinguística do discurso, verificar as seguintes **hipóteses**: 1- Bolsonaro interferiu negativamente no comportamento de parte da população brasileira quanto às medidas profiláticas em relação à pandemia; 2- é possível afirmar que determinadas atitudes de Bolsonaro corroboraram para uma onda de pensamento negacionista durante sua gestão; 3- acredita-se que os efeitos de discurso simultâneos ao poder de influência criaram, no imaginário sociolinguageiro, situações de crença em medicamentos sem comprovação científica.

Este artigo possui como **justificativa** comprovar que o discurso antivacina, balizado por *encenações* negacionistas e ideológicas, promovendo uma alta taxa de contaminação e óbitos, desencadeou um gerenciamento político ineficaz. Concomitante a isso, um estudo no campo semiolinguístico acerca do discurso de um presidente, representante de uma nação, em um período pandêmico, seria capaz de promover reflexões sobre os atos linguageiros de Bolsonaro e de seu poder de influência no comportamento dos brasileiros quanto às medidas restritivas e quanto à eficácia da vacinação.

## 1 A LINGUAGEM E O DISCURSO NA TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA

Para a pesquisadora brasileira Lúcia Santaella (2003, p. 02), “As linguagens estão no mundo e nós estamos na linguagem”. Tendo em vista a concepção adotada, é possível compreender que o ser humano é um ser linguageiro, ou seja, as relações humanas só são possíveis por intermédio da linguagem. De acordo com Charaudeau (2019), esta instância ocorre por meio de uma dupla articulação indissociável, uma implícita e outra explícita.

O ato de linguagem, uma concretização da comunicação, é concebido tendo-se em vista duas diferentes vertentes: a primeira, produzida por um emissor-receptor ideal; a segunda, por um emissor-receptor determinado, levando-se em conta um delimitado contexto sócio-histórico. Chamaremos, a partir de agora, essas duas concepções como instância explícita e implícita, respectivamente. Estas, por sua vez, são indissociáveis.

O explícito interessa-se, principalmente, pela parte estrutural da linguagem (simbolização referencial). Apesar de lermos/ouvirmos uma oração dissociada de sua situação de comunicação, conseguiremos compreender a mensagem que o emissor quer passar-nos, como em “Fecha a porta”. Por meio de operações de alterações paradigmáticas e/ou sintagmáticas, conseguiremos diferenciar uma frase de outra, como em “Fecha a janela” ou “Fecha uma porta”, o que Charaudeau denomina de paráfrases estruturais. “A produção dessas paráfrases estruturais permite que se efetue na linguagem um jogo de reconhecimento morfossemântico construtor de sentido [...]” (CHARAUDEAU, 2019, p. 25).

O implícito, por sua vez, interessa-se pela atividade serial da linguagem (*significação*). Um ato de linguagem, para ser plenamente entendido pelo sujeito interpretante (TUi), não pode estar alheio à situação de discurso, tal qual a delimitação espaço-temporal em que os interagentes estão inseridos. Na oração “Fecha a porta”, por exemplo, se o contexto em que a comunicação ocorre

---

<sup>4</sup> Termo da Teoria Semiolinguística que será elucidado a seguir.

<sup>5</sup> Idem.



estiver contemplado na interação, poder-se-á compreender o motivo que levou o sujeito comunicante (EUc) a dizer/escrever isso ao sujeito destinatário (TUd), tais como por motivação de estar com frio, querer confiar-lhe um segredo ou que a parte externa do cômodo está barulhenta etc., constituído em *paráfrases seriais*. A *significação* depende da situação de discurso em que o ato de linguagem está inserido (CORRÊA-ROSADO, 2014).

De acordo com Charaudeau (2019, p.17), entende-se que:

O ato de linguagem não esgota sua significação em sua forma explícita. Este explícito significa outra coisa além de seu próprio significado, algo que é relativo ao contexto sócio-histórico. Um dado ato de linguagem pressupõe que nos interroguemos a seu respeito sobre as diferentes leituras que ele é suscetível de sugerir. O que nos leva a considerá-lo como um objeto duplo, constituído de um Explícito (o que é manifestado) e de um Implícito (lugar de sentidos múltiplos que dependem das circunstâncias de comunicação).

Para entendermos a proposta da Teoria Semiociológica, para este autor, primeiro temos que compreender a sua concepção de discurso. Este, para Charaudeau (2011, p. 6),

[...] é um percurso de significância que se acha inscrito num texto, e que depende de suas condições de produção e dos locutores que o produzem e o interpretam. Um mesmo texto é então portador de diversos discursos e um mesmo discurso pode impregnar textos diferentes. Há discurso atravessando textos diferentes, e um mesmo texto pode ser portador de discursos diferentes.

O discurso, dessa forma, consiste em uma materialização discursiva contida em um texto ou em uma sequência de texto, que compartilha uma certa ideologia de uma pessoa ou de um grupo social, manifestada em um determinado espaço e tempo da história. Deve-se conceber o discurso como uma instância iminente, contida em todos os textos e formas de comunicação humana, podendo ser instalado de maneira implícita ou explícita no ato de linguagem. Orlandi (2013, p. 60) ratifica essa proposição ao afirmar que o discurso é definido como “*efeito de sentido* entre locutores. Assim, se considera que o que se diz não resulta só da intenção de um indivíduo em informar um outro, mas da relação de sentidos estabelecida por eles num contexto social e histórico”.

Para Charaudeau (2019, p. 17), tendo-se em vista que “[...] a linguagem é um objeto não transparente”, a instância implícita pode não ser compreendida corretamente pelo TUi, tendo em vista diferentes fatores psicossociais que os interagentes possuem, o que atribui à linguagem a noção de *aposta*. Esta, por sua vez, configura-se como uma hipótese criada pelo TUi para entender sua intencionalidade. Ainda para Charaudeau (2019, p. 26), “[...] é o sentido implícito que comanda o sentido explícito para constituir a significação de uma totalidade discursiva”. Porém, é impossível de se recuperar essa *totalidade discursiva* de um ato de linguagem.

Charaudeau (2019, p. 37) propõe, ainda em relação ao conceito de grau de *aposta* em um ato de linguagem, a noção de núcleo metadiscursivo (NmD), no qual “a matéria significante [...] é testemunha provisória de um jogo de ajustamento entre um sentido mais ou menos estável,



resultado de uma atividade metacultural sobre a linguagem”, constituindo uma expectativa em uma ação linguageira.

O implícito é, por definição, “[...] um lugar de sentidos múltiplos que dependem das circunstâncias de comunicação”, estabelecendo, por assim ser, “[...] uma aptidão para significar o mundo como uma totalidade que inclui o contexto sócio-histórico e as relações que se estabelecem entre emissor e receptor” (CHARAUDEAU, 2019, p. 17). Alinhado a isso, pode-se entender que a “[...] linguagem significa ao mesmo tempo em que transmite; é no próprio ato de transmissão que ela significa, com o efeito que produz sobre o outro” (CHARAUDEAU, 2011, p. 8).

O efeito previsto é conduzido por uma *intencionalidade*, visto que todo ato de comunicação visa influenciar o outro, seja para um fazer-pensar, um fazer-emocionar ou um fazer-fazer. Assim, insere-se nesse processo “contratos” ou “possíveis saberes” instaurados na esfera do implícito, estabelecido por elementos comuns aos sujeitos interagentes, pela ordem do conhecimento de crença ou conhecimento de mundo. Desse modo, como postula Charaudeau (2019, p. 34), o ato de linguagem apresenta-se sob uma dupla face, “qualificação referencial” e “funcionalidade”, remetendo-se ao valor de designação e ao valor de uso dos sentidos.

A semiotização do mundo, de acordo com Charaudeau (2019), ocorre por meio de dois processos que possibilitam nomear, qualificar, reconhecer, agir, influenciar, entre outros, a comunicação dos sujeitos psicossociais. Charaudeau nomeia estes mecanismos como *processo de transformação* e *processo de transação*. O primeiro apresenta-se por meio de quatro operações: **identificação** (refere-se aos substantivos e pronomes que são utilizados para referir-se aos sujeitos ou seres de um texto), **qualificação** (atribuição positiva ou negativa referente a esses sujeitos), **ação** (atividade sofrida ou praticada por um sujeito) e **causação** (o que motiva a ação).

Além disso, Charaudeau (2005) classifica o *processo de transação* como sendo configurado por meio de quatro operações: o **princípio de alteridade**, o **princípio de pertinência**, o **princípio de influência** e o **princípio de regulação**. O primeiro refere-se ao fenômeno de interlocução entre dois sujeitos (presencialmente ou não) em um duplo processo de reconhecimento como semelhantes e diferentes. A semelhança está relacionada à necessidade de um reconhecimento de *universos de referência* (saberes afins); a dessemelhança acontece, pois é indispensável para a constatação da alteridade com o outro, além do caráter particular de cada interagente. A comunicação depende de um processo bilateral (não simétrico) de concepção do outro, sendo uma condição do ato de linguagem e do aspecto *contratual*.

O *princípio de pertinência* refere-se aos conhecimentos compartilháveis no ato de linguagem, no processo de interlocução. É necessário que haja uma apropriação desses saberes ao *contexto* comunicacional e à *finalidade*, o que confirma o caráter contratual do dispositivo sociolinguageiro. O *princípio de influência* refere-se, como seu próprio nome remete, ao processo de influência de um sujeito ao outro, no qual há uma pretensão de levá-lo a uma ação, persuadir suas emoções ou encaminhar seu pensamento. Todo ato de linguagem está passível de influências, o que leva os interagentes a atentarem-se a essa instância. O *princípio de regulação* está relacionado à necessidade de um reconhecimento mútuo mínimo estabelecido no ato de linguagem, sem o qual a interação entre os sujeitos seria impossibilitada, pela falta de assunto ou de outras rupturas. Esse processo é preciso para que a comunicação tenha um prosseguimento, podendo ser constituído de maneira consciente ou não.



Charaudeau (1999; 2019) declara que o nível discursivo é o processo resultante de duas forças: a centrífuga/exocêntrica e a centrípeta/endocêntrica. A primeira refere-se à concepção de um signo ou ato de linguagem atrelado a uma situação de comunicação, tendo seu sentido construído e definido por um contexto. Já a segunda está relacionada à condição de um sentido uno, desvinculado de *Circunstâncias de Discurso* e tendo sua significação definida de maneira lacunar, em um caráter estritamente denotativo.

## 2 METODOLOGIA

O presente trabalho possui um caráter qualitativo, visto a imersão que será realizada nos *corpora* alvos da análise do discurso. Para isso, utilizaremos o método exploratório, considerando o seu pendor para a criação de uma familiaridade com os objetos relacionados com as motivações discursivas diante da sociedade, além de um levantamento bibliográfico, o qual proporcionará um compêndio das argumentações enunciativas protagonizadas por Bolsonaro.

Em decorrência da proposta de nosso trabalho, utilizaremos o método e a técnica de pesquisa de estudo de caso, posto que se pretende compreender os movimentos e influência desempenhados pelo presidente da República em relação ao combate à pandemia, especificamente quanto aos seus pronunciamentos e efeitos destes sobre a campanha de vacinação, no imaginário sociodiscursivo do brasileiro.

Para isso, utilizaremos como recurso metodológico a Teoria Semiolinguística do Discurso, entendendo que esta apresenta características fundamentais para a condução da análise proposta neste trabalho. Patrick Charaudeau apresenta em seu aporte teórico que, em todo *ato de linguagem*, estão presentes, no mínimo, quatro sujeitos interagentes, que são responsáveis pela *mise-en-scène* discursiva. Tendo em vista que todo sujeito enunciador visa causar no sujeito destinatário *efeitos de sentido*, projetados por meio de um plano de influência, a fim de mobilizar, fazer agir ou pensar, Bolsonaro dota-se de *estratégias* discursivas para cumprir tais ações.

Para isso, utilizaremos, como principais referenciais teóricos, Charaudeau (1999, 2005, 2011, 2019), Corrêa-Rosado (2014), Ida Machado (2020) e Pauliukonis e Gouvêa (2012), tendo em vista a elucidação teórico-metodológica acerca da Teoria Semiolinguística do discurso, o que será de fundamental importância para as análises psico-sócio-linguageiras dos sujeitos que serão realizadas a seguir.

## 1 A ENCENAÇÃO DISCURSIVA DE BOLSONARO

O vírus Sars-CoV-2, devido ao seu caráter altamente contagiante, afetou o mundo inteiro. Para realizarmos a análise do primeiro pronunciamento selecionado, é importante pontuarmos que, neste caso, a pandemia estava em seu período inicial no Brasil. O presidente Jair Messias Bolsonaro, em contramão às instâncias mundiais, referiu-se à doença, até o momento pouco conhecida, como “gripezinha”, em um pronunciamento feito no dia dezesseis de março de 2020.

**Pronunciamento 1:** “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma ‘gripezinha’ ou ‘resfriadinho’, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão”.



A semiotização de mundo, como bem descrita anteriormente, apresenta uma dupla instância, definida como *processo de transformação* e *processo de transação*. A fim de constatar essa premissa na afirmação *encenada* pelo Presidente da República, explicitaremos, abaixo, esses fenômenos, que culminam na *encenação discursiva*.

*identificação*: as palavras *meu*, *histórico*, *vírus*, *me*, *“gripezinha”*, *“resfriadinho”*, *aquele*, *médico*, *daquela* e *televisão* são empregadas como agentes que possibilitam empreender os sujeitos inseridos no pronunciamento. Quando o enunciador utiliza o pronome “meu”, é criada a argumentação de que o vírus desenvolve-se melhor em pessoas sedentárias e sem condicionamento físico, além de essa estratégia retirar de si a culpa pela negligência de suas palavras, tendo em vista que ele está referindo-se ao seu caso particular. Os termos “aquele médico” e “daquela [...] televisão” expressam, em sua argumentação, um forte posicionamento ideológico, preso a uma estratégia de convencimento de que, de fato, o que se enquadra como “uma gripezinha” e/ou “um resfriadinho” não é alvo de preocupação em nível nacional. Acredita-se que o uso dos vocábulos “gripezinha” e “resfriadinho”, no diminutivo, proporciona a minimização do perigo em relação à pandemia, além de poder indicar o desprezo por sua superdimensão.

*Qualificação*: as palavras *particular*, *histórico de atleta*, *contaminado*, *acometido*, *conhecido* e *conhecida* são empregadas com o intuito de atribuir aos sujeitos interagentes uma qualificação tanto positiva quanto negativa, especificando traços particulares. O adjetivo “particular” retira a culpa do presidente Bolsonaro em relação às vítimas acometidas pelo vírus, o que poderia acarretar possíveis consequências sanitárias. O termo “atleta” atribui, ao presidente, uma saúde superior em relação à população comum, incorrendo, implicitamente, em uma separação de classes, além de induzir conscientemente as pessoas “fortes” a abrandarem os cuidados profiláticos. Ao utilizar os vocábulos “conhecido” e “conhecida”, o enunciador busca produzir *efeitos de sentido* a fim de legitimar sua fala e não sofrer sanção judicial ao atribuir o nome do Dr. Drauzio Varella e da emissora de televisão Rede Globo.

*Ação*: os verbos e formas verbais *fosse*, *precisaria me preocupar*, *nada sentiria*, ou *seria*, além de serem conjugados no subjuntivo ou no futuro do pretérito, indicando uma incerteza em sua afirmação, são utilizados com o intuito de demonstrar o exercício simbólico ou literal de preocupações futuras, atribuindo à essa possibilidade um acontecimento remoto.

*Causação*: os conectivos *caso* (conjunção), *ou* (conjunção) e *como* (advérbio) constroem um percurso argumentativo a ser percorrido pelo receptor. A palavra “caso” indica a possibilidade (remota) de o enunciador ser contaminado pelo vírus, o que pode ser portador de um posicionamento ideológico. A conjunção “ou”, neste caso, está indicando a alternância entre duas probabilidades de sintomas que, em seu caso particular, não causaria grandes males à saúde. O advérbio “como” foi utilizado com o objetivo de constituir legitimidade à sua argumentação.



Relacionado ao processo de transformação encontra-se o *processo de transação*, o qual promove a possibilidade de encontrar, em seu discurso, motivações comunicacionais, compreendendo que há, em seu pronunciamento, o reconhecimento de um *jogo de influência* dos cidadãos ou partidários favoráveis ao posicionamento político-ideológico do presidente. Torna-se possível o reconhecimento do *princípio de alteridade* na sentença enunciativa do presidente, ao pronunciar “no meu caso em particular, pelo meu histórico de atleta”, levando ao entendimento de que existem outros que não possuem o mesmo histórico ou particularidades essenciais relacionadas à saúde.

**Pronunciamento 2:** “*Pessoal, se fala muito da vacina da Covid-19. Nós entramos naquele consórcio lá de Oxford. Pelo que tudo indica, vai dar certo e cem milhões de unidades chegarão para nós. Não é daquele outro país não, tá ok, pessoal? É da Oxford aí*”.

O presidente Bolsonaro, em um de seus pronunciamentos, no dia trinta de julho de 2020, proferiu a sentença supracitada, explicitando o grau de pouca confiabilidade na vacina produzida pela China, tratando implicitamente desse tema. Abordaremos, abaixo, da análise do processo de transformação.

*Identificação:* as palavras *pessoal, vacina, covid-19, nós, consórcio, Oxford, unidades e país* são identificadas como portadoras de uma identidade no discurso enunciado por Bolsonaro. O vocativo “pessoal” foi utilizado para chamar a atenção dos seus telespectadores para o comunicado que viria a seguir. O pronome “nós” está referindo-se ao Bolsonaro e à sua equipe do governo, em uma busca pela solução do Covid-19 para todos os brasileiros. Nesse momento, ao mencionar sobre o consórcio com a Oxford, com o pedido de cem milhões de vacinas, é criado um discurso xenofóbico com aquele “outro país” (China), deixando implícita a falta de confiança e credibilidade no trabalho desenvolvido pelos cientistas chineses, em decorrência de um posicionamento político-ideológico.

*Qualificação:* As palavras *certo* e *outro* revelam o modo de pensar do presidente sobre o processo de produção, aquisição e confiabilidade dos imunizantes. O processo qualificado como “certo” refere-se à compra e utilização das vacinas produzidas pela farmacêutica britânica Oxford, sendo por ele digna para o povo brasileiro. Em contrapartida, para legitimar o seu discurso, Bolsonaro credita à vacina produzida pela China (nomeada como “[...]aquele outro país”), diferentemente da Oxford, como não confiável e digna para o Brasil.

*Ação:* os verbos e formas verbais *se fala, entramos, vai dar certo, chegarão, não é e é da* são empregadas por Bolsonaro com a intenção de criar em seu discurso a confiança do povo brasileiro sobre a sua gestão e da sua nova aquisição, apesar de não apoiar a vacinação obrigatória a todos. A forma verbal “se fala” introduz à sua fala que a pandemia é sim um assunto recorrente e prioritário em seu governo, principalmente pelo fato de ele estar em negociação por uma grande quantidade de imunizantes, buscando dar, outra vez, estabilidade ao país. Em seguida, é criada uma relação antagônica entre as vacinas desenvolvidas entre duas farmacêuticas. A CoronaVac *não é* bem qualificada pelo presidente; o bom produto *é da* Oxford.



*Causação:* apesar de o nome da empresa chinesa CoronaVac não ter sido utilizado por Bolsonaro, fica implícito o seu posicionamento contrário ao país, sobretudo pelo fato de o primeiro caso registrado da doença ser desse país asiático. Contudo, acredita-se que os motivos mais contundentes para esse ataque (velado) sejam pelo fato de a China já ter sido um país comunista.

Quanto ao processo de transação, pode-se evidenciar a expressão “Pelo que tudo indica”, que é utilizada para encorajar o povo brasileiro a continuar confiando em seu governo e que as vacinas, em breve, chegarão para imunizar todos os interessados (*princípio de influência*). Por outro lado, o presidente da República atua no imaginário social para informar que algumas vacinas são confiáveis e outras não (*princípio de alteridade*).

**Pronunciamento 3:** *“Lá no contrato da Pfizer, está bem claro. Nós (a Pfizer) não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um chi...virar um jacaré, é problema de você, pô” [...] “Se você virar Super-Homem, se nascer barba em alguma mulher aí, ou... algum homem começar a falar fino, eles (Pfizer) não têm nada a ver com isso. O que é pior, mexer no sistema imunológico das pessoas”*

O pronunciamento supracitado, realizado no dia dezessete de dezembro de 2020, apresenta o descontentamento de Jair M. Bolsonaro em relação aos possíveis efeitos colaterais da vacina da farmacêutica Pfizer, ainda em fase de testagem. Para compreendermos os possíveis sentidos que esse texto apresenta, iremos analisar abaixo o *processo de transformação*.

*Identificação:* as palavras *contrato, Pfizer, nós, nos, efeito, você, jacaré, super-homem, barba, mulher, homem, eles, isso, sistema imunológico e pessoas* indicam os sujeitos inseridos no pronunciamento. O “contrato”, documento produzido pela empresa “Pfizer”, é utilizado como um objeto de desconfiança pelo presidente Bolsonaro, pelo fato de ele não concordar com a cláusula de responsabilidade em relação a possíveis efeitos colaterais. Para demonstrar seu descontentamento com o posicionamento da Pfizer, o presidente utiliza palavras com possíveis *efeitos de sentido*, como: “virar jacaré”, “virar super-homem” “nascer barba em alguma mulher”, “algum homem começar a falar fino.” Assim, torna-se claro o uso de termos que reafirmam a história, tal qual a intertextualidade estabelecida com a descredibilidade gerada com a criação da vacina contra a varíola. As expressões *mulher barbada* e *homem falar fino* são utilizadas com a intenção clara de criar o medo e discriminação em seus apoiadores, ao associar, como consequência, efeitos colaterais com mutação genética, posto sua ideologia conservadora.

*Qualificação:* as palavras *efeito colateral, falar fino, pior* e *sistema imunológico* são utilizadas pelo presidente para retirar a credibilidade da efetividade da vacina, por meio da utilização de elementos que, em relação de atribuição negativa, buscam sustentar sua hipótese ideológica, utilizando-se do medo do desconhecido.



**Ação:** os verbos e formas verbais *responsabilizamos*, *virar*, *nascer*, *começar a falar* e *mexer* são empregadas com a intenção de descredibilizar a segurança da vacina oferecida pela farmacêutica Pfizer. A palavra “responsabilizamos” remete à cláusula do contrato referente à saúde popular, em que, ao mesmo tempo, protege a empresa de possíveis consequências judiciais e, tendo isso em vista, faz Bolsonaro adotar uma postura contrária à sua adoção. Já as demais palavras estabelecem uma relação de transformação, na qual o uso do imunizante poderia sim causar processos desconhecidos à saúde e vida humanas.

**Causação:** os conectivos “se” e “ou” são empregados para criar um projeto argumentativo pelo presidente Bolsonaro. A conjunção subordinativa condicional “se” foi utilizada como um elemento que introduz as possíveis consequências relacionadas à aplicação do imunizante produzido pela farmacêutica americana. A conjunção “ou” é inserida com o intuito de pontuar malefícios mais graves aos seres humanos que decidirem se imunizar, incentivando o povo brasileiro a adotar seu discurso antivacina.

No processo de transação, Bolsonaro utiliza *o projeto da influência* para, por meio de seu pronunciamento, levar seus apoiadores, eleitores e a população brasileira, de um modo geral, a compartilhar de seu posicionamento político-ideológico em relação às imunizações ainda em fase de testagem. Suas palavras, tendo em vista causar *efeitos de sentido*, levando em consideração seu importante posicionamento em nível nacional, são capazes de criar uma ruptura entre o plano de imunizações e o público-alvo, o que foi capaz de politizar o uso das vacinas e levarem pessoas a optarem por uma outra farmacêutica, alterando o imaginário social com notícias falsas e promovendo a crença em medicamentos não comprovados pela ciência.

**Pronunciamento 4:** “*Eu tive a melhor vacina, foi o vírus. Sem efeito colateral*”.

A frase supracitada foi realizada pelo presidente Bolsonaro em um depoimento no dia vinte e três de dezembro de 2020, proferida a apoiadores-eleitores na cidade de São Francisco do Sul (SC), provocando aglomeração entre os telespectadores e incentivando, implicitamente, o não uso de máscaras faciais de proteção.

**Identificação:** as palavras *eu*, *vacina*, *vírus* e *efeito* são identificadas como os sujeitos da frase enunciada por Jair M. Bolsonaro. O pronome “eu”, mediante análise, levantou o entendimento de duas hipóteses. São essas: de um lado, a visão individual do presidente da República acerca do contágio e imunização causados pelo contato com o vírus, incentivando, inclusive, o efeito de rebanho; do outro, o “eu” representando o “povo brasileiro”, em um apelo para as pessoas se exporem ao vírus para criarem anticorpos e retornarem à normalidade do mundo pré-covid, buscando salvar a economia, um dos pilares centrais de seu governo. O vocábulo “vacina” estabelece uma relação metafórica com medicamento-solução capaz de nos tirar do ostracismo em que vivemos. No que tange ao “efeito” colateral, Bolsonaro afirma que não houve ou há perigos na contaminação pelo vírus Sars-CoV-2; quando, explicitamente, o índice de problemas e mortalidade, em consequência do contágio, vem crescendo exponencialmente no início do ano de 2021.



*Qualificação:* as palavras *melhor* e *colateral* revelam as características atribuídas por Bolsonaro para a defesa de seu ponto de vista em relação ao não perigo na contração do vírus do Covid-19. Ao utilizar o adjetivo “melhor”, Bolsonaro qualifica o vírus como um antídoto mais seguro e eficaz que as próprias vacinas desenvolvidas pelas farmacêuticas. Já a qualificação de “colateral” em relação a não presença de sintomas e efeitos na “contração natural” de anticorpos é entendida como um apelo para a volta à normalidade.

*Ação:* O uso dos verbos *tive* e *foi*, conjugados no pretérito perfeito, comungam com o posicionamento de que o problema do vírus, em seu caso particular, é algo superado. Esse discurso visa descredibilizar a letalidade da doença, com o intuito de fomentar o próprio pensamento em relação ao distanciamento social, causando, com isso, aglomerações que massificam o contágio pelo vírus.

*Causação:* A utilização do vírus como um imunizante para a pandemia do coronavírus é capaz de criar desinformação entre a população brasileira e incentivar o abrandamento das medidas de segurança, tanto em nível pessoal quanto coletivo.

Quanto ao processo de transação, pode-se evidenciar, por meio do *princípio de influência*, que, de acordo com o presidente Jair Bolsonaro, vacinas não são necessárias e seguras para o enfrentamento da pandemia, o que pode criar resistência por parte da população brasileira em tomar a vacina. Esse tipo de discurso e uma política governamental de criticar farmacêuticas e países exportadores desses produtos foram os motivos para os quais houve um retardamento nas campanhas de imunização, as quais necessitam de celeridade, credibilidade e adesão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente trabalho, foi possível averiguar as condutas assumidas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro e suas declarações mais polêmicas, no ano de 2020, acerca das vacinas contra o Covid-19. Os objetivos da pesquisa foram contemplados e foi possível comprovar, por meio do discurso, a influência negacionista e anticiência exercida pelo Chefe de Estado e suas principais consequências; seu posicionamento leviano quanto à periculosidade do vírus; e o incentivo a medicamentos sem comprovação científica.

A partir das problemáticas formuladas, foi possível afirmar que o presidente da República, em meio à sua gestão no ano de 2020, foi contrário as medidas sanitárias adotadas por importantes instituições, tanto nacionais quanto estrangeiras, indo de encontro a atitudes tomadas pelos países mais importantes para a política internacional. Apesar de não ser possível culpabilizar unicamente o presidente pela má gestão na pandemia do coronavírus, seu posicionamento negacionista é capaz de surtir *efeitos de sentido* e um *projeto de influência* que leva ao abrandamento dos cuidados necessários nesse período ímpar do século XXI.

Seus encontros com apoiadores-eleitores, promovendo aglomerações e incentivando o não uso de máscaras faciais de proteção, mesmo em períodos de aumento no índice de mortes pela doença, demonstram sua não prioridade para com a preservação da saúde do povo brasileiro e com



a vida. Aliado a isso, o ataque às vacinas, sobretudo a que foi desenvolvida pela farmacêutica chinesa, foi capaz de criar uma resistência em uma parte (minoritária) da população, culminando na difusão de *fake news* e na recusa de essas pessoas imunizarem-se.

As hipóteses levantadas pela presente pesquisa mostraram-se verdadeiras e foi possível comprovar o poder de influência que um discurso proferido muitas vezes pode provocar no imaginário social. Conclui-se que, para haver um bom enfrentamento na pandemia ou em qualquer outra situação adversa em que se precisa da mobilização da população, precisa-se de um líder capaz de governar em prol da segurança, saúde, estabilidade financeira e alimentícia a todos. Para isso, antes de tudo, o representante precisa dar um bom exemplo ao povo para que suas atitudes possam ser, de fato, alvos de influência.

Este artigo não objetiva finalizar todas as discussões acerca da análise do discurso antivacina proferido pelo presidente Bolsonaro no ano de 2020, mas oferece uma análise que poderá ser retomada por demais pesquisadores interessados na Análise do Discurso e na temática da pandemia do Coronavírus. Pretende-se, futuramente, a partir dessa pesquisa, ampliar a discussão realizada, aqui, em um trabalho acadêmico mais robusto e que abarque, de forma mais ampla, as principais enunciações do Chefe de Estado sobre a pandemia em nosso país.

## REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. Análise do discurso: controvérsias e perspectivas. In: MARI, H.; PIRES, S.; CRUZ, A. R.; MACHADO, I. L. (Orgs.). **Fundamentos e dimensões da análise do discurso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso / FALE / UFMG, 1999. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Analise-do-discurso-controversias.html>. Acesso em: 28 abr. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (Orgs.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>. Acesso em: 28 abr. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu *corpus*, eu te direi qual é a tua problemática. In: **Revista Diadorim** / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 10, dezembro 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3932>. Acesso em: 28 abr. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. Linguagem e discurso: modos de organização. 2. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

CORRÊA-ROSADO, Leonardo Coelho. Teoria semiolinguística: alguns pressupostos. **Revista Memento**, V. 05, N. 2 (julho-dezembro de 2014). Revista do Mestrado em Letras, linguagem, discurso e cultura – UNINCOR. ISSN 2317-6911. Disponível em:

<http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/1826>. Acesso em: 28 abr. 2022.

MACHADO, I. L. **O ato de linguagem segundo a Semiologia: implicações, explicações e aplicações práticas**. Gragoatá, v. 24, n. 50, p. 760-772, 27 jan. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/34125>. Acesso em: 28 abr. 2022.



MOTA, Graziela Borguignon. **Imaginários sociodiscursivos na temática feminina da obra de Chico Buarque**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. 132p. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3007>. Acesso em: 28 abr. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A análise de discurso: mais uma volta nos círculos. In: \_\_\_\_\_. **O que é linguística**. 2ª. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2013. p.58-61. (Coleção Primeiros Passos; 184).

PAULIUKONIS, M. A. L.; GOUVÊA, L. H. M. Texto como discurso: uma visão semiolinguística. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - v. 8 - n. 1 - p. 49-70 - jan./jun. 2012. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2638>. Acesso em: 28 abr. 2022.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.



## **PANDEMIA EM CAPAS DE REVISTA: MULTIMODALIDADE E ARGUMENTATIVIDADE SOB A ÓTICA SEMIOLINGUÍSTICA**

Gláyci Kelli Reis da Silva Xavier<sup>1</sup>

*Universidade Federal Fluminense (UFF)*

Isabella da Rocha Pontes<sup>2</sup>

*Universidade Federal Fluminense (UFF)*

### **RESUMO**

O mundo em 2019 conheceu um inimigo invisível, mas forte o suficiente para causar danos intensos: o novo coronavírus. Por isso, esse agente biológico e a doença causada por ele, a Covid-19, tornaram-se tema constante em pesquisas, notícias, reportagens, postagens em redes sociais e conversas no dia a dia. Considerando que a argumentatividade é inerente ao discurso e que, nas variadas situações de comunicação, em maior ou menor grau, fazemos uso de estratégias argumentativas, o presente trabalho tem como objetivo principal investigar os recursos linguístico-discursivos e as estratégias de argumentação presentes em capas de revista publicadas durante esse período complexo, cujo tema principal foi a própria pandemia. A metodologia da pesquisa, de caráter teórico e aplicado, é essencialmente qualitativa. São analisados aqui textos multimodais – aqueles que integram diferentes semioses em sua composição –, mais especificamente três capas de revistas distintas, publicadas respectivamente no México, Estados Unidos e França, mostrando diferentes perspectivas do acontecimento. A base teórica principal será a Teoria Semioliológica de Análise do Discurso, de Patrick Charaudeau, em interface com a Argumentação no discurso, de Ruth Amossy. Por meio desta pesquisa, percebeu-se que, apesar de as capas não apresentarem uma estrutura argumentativa aparente, o projeto de influência encontra-se de forma implícita, conduzindo a leitura em determinada direção.

Palavras-chave: Argumentação; Semioliológica; Multimodalidade; Pandemia; Covid-19.

### **ABSTRACT**

In the year 2019, the world was introduced to an invisible enemy, but strong enough to cause intense damage: the new coronavirus. Therefore, this biological agent and the disease caused by it, named Covid-19, have become a constant theme in research, news, reports, posts on social networks and everyday conversations. Considering that argumentativity is part of discourse and that, in different communication situations, to a greater or lesser degree, we use some argumentative strategies, the present work has as main objective to investigate the linguistic-discursive resources and the argumentation strategies which are present in magazine covers published during this complex period, whose main theme was the pandemic. The research

---

<sup>1</sup>É professora adjunta de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (UFF). Email: glaycikelli@id.uff.br

<sup>2</sup>É bolsista PIBIC/CNPq e licenciada em Letras Português-Francês (UFF). Email: isabellarochapontes@id.uff.br



methodology has a theoretical and applied character and it is essentially qualitative. Multimodal texts are analyzed here – those that integrate different semiosis in their composition –, more specifically three different magazine covers, published respectively in Mexico, United States and France, showing different perspectives of the event. The main theoretical basis will be the Semiolinguistic Theory of Discourse Analysis, by Patrick Charaudeau, in interface with Argumentation in Discourse, by Ruth Amossy. Through this research, it was noticed that, although the covers do not present an apparent argumentative structure, the influence project is implicitly found, leading the reading in certain direction.

**Keywords:** Argumentation; Semiolinguistics; Multimodality; Pandemic; Covid-19.

## INTRODUÇÃO

Desde de dezembro de 2019, o mundo tem lutado contra um inimigo invisível, potente e devastador, causador da doença Covid-19<sup>3</sup>: o vírus SARS-CoV 2, mais popularmente conhecido como *novo coronavírus*. Antes de as vacinas serem desenvolvidas e distribuídas à população, o medo de contraí-lo, de perder entes queridos e de sofrer danos sociais e econômicos era real e bem presente, pois a doença infectocontagiosa se espalhava rapidamente e tinha poder letal.

A pandemia foi anunciada oficialmente em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Em apenas dois anos, de acordo com o site de notícias G1<sup>4</sup>, em boletim publicado em março de 2022, acumularam-se mais de 29 milhões de casos e 654 mil mortes ainda estavam sendo contabilizadas. Essa crise sanitária configurou-se também em uma crise econômica e social (LIMA; BUSS; PAES-SOUSA, 2020) que afastou a população de locais públicos, devido ao distanciamento social, e modificou inúmeros hábitos essenciais, como a aquisição de produtos alimentícios<sup>5</sup> e as modalidades de trabalho<sup>6</sup> e de ensino<sup>7</sup>. Nesse contexto, então, a escolha do tema sobre a pandemia ganha mais profundidade e relevância. Assim, será sobre determinadas produções midiáticas publicadas durante esse período que este trabalho irá se debruçar.

Nesse cenário, o objetivo principal da pesquisa foi investigar os recursos linguístico-discursivos e as estratégias do discurso argumentativo presentes em gêneros midiáticos – mais especificamente *capas de revistas* – publicados durante o período mais crítico da pandemia. A metodologia da pesquisa, de caráter teórico e aplicado, é essencialmente qualitativa e, por meio da análise de *corpus*, visa a evidenciar que a argumentatividade é inerente ao discurso e, portanto, está presente também em gêneros multimodais – aqueles que têm diferentes semioses em sua composição – que não têm o objetivo explícito de argumentar. Dessa forma, são apresentadas aqui

---

<sup>3</sup>De acordo com a OMS, A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 12 mar. 2022

<sup>4</sup> Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/>. Acesso em: 12 mar. 2022.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-12/pesquisa-revela-aumento-de-pedidos-de-comida-por-app-durante-pandemia>. Acesso em: 12 mar. 2022.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/12/06/vagas-de-trabalho-remoto-crescem-215percent-entre-marco-e-novembro-veja-cargos-com-maior-demanda.ghtml>. Acesso em: 12 mar. 2022.

<sup>7</sup> Pesquisa Undime (União Nacional Dos Dirigentes Municipais De Educação): educação na pandemia, novembro de 2021, Brasília, dez. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/16996/file/pesquisa-undime-educacao-na-pandemia-sexta-onda.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2022.



três capas de revistas distintas, publicadas respectivamente no México, Estados Unidos e França, mostrando diferentes perspectivas do período pandêmico.

Para isso, tomou-se como embasamento teórico principal a Teoria Semi linguística de Análise do Discurso, de Patrick Charaudeau, presente em suas produções científicas de 2001, 2008, 2016 e 2020, com enfoque na dupla dimensão do fenômeno linguageiro (a interação entre o explícito e o implícito), a competência de linguagem requerida na construção de sentido, os modos de organização do discurso, a relação entre os sujeitos envolvidos na comunicação e o gênero midiático. Também foi considerada a teoria da Argumentação no discurso, de Ruth Amossy (2011; 2018), estudos sobre textos multimodais (ROJO, 2012), assim como outros textos de apoio para um maior aprofundamento no tema.

## 1 A ANÁLISE DO DISCURSO SEMIOLINGUÍSTICA: UMA PERSPECTIVA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA

A Teoria Semi linguística de Análise do Discurso proposta por Charaudeau se preocupa em analisar os textos tendo em vista a língua e todo o contexto da formação do discurso (os sujeitos envolvidos e suas intenções, a situação do ato de linguagem, o contrato de comunicação), ou seja, não privilegia apenas o sujeito ou apenas a língua, mas os analisa em conjunto. O próprio nome “semi linguística” se refere ao discurso sob duas perspectivas. A primeira perspectiva (*semio-*) mostra que a construção da significação ocorre por meio de uma relação da forma com o sentido, gerado, por sua vez, pela relação entre dados extralinguísticos, significado e situação comunicativa. A segunda (*-linguística*), por outro lado, trazem si a dimensão da forma do discurso e lembra que isso é feito por meio de um material linguageiro, que pode ser constituído por diferentes códigos semiológicos, dentre eles a expressão verbal da linguagem.

Segundo Charaudeau (2001), o discurso pode ser utilizado em dois sentidos: no primeiro, é compreendido como um conjunto de saberes compartilhados e construídos por indivíduos integrantes de um grupo social específico. Dele, fazem parte os imaginários sociais (ou discursos sociais). No segundo, o “discurso está relacionado ao fenômeno de encenação do ato de linguagem” (CHARAUDEAU, 2001, p. 26), que é um circuito formado por um lado externo (o situacional) e um lado interno (a organização do dizer) ou, mais respectiva e especificamente, a encenação linguageira e a encenação discursiva.

De acordo com Charaudeau (2001, p. 29-30), um ato de linguagem é também uma encenação, como uma peça teatral, com seu palco e personagens, que é realizada por sujeitos. Esses sujeitos, conhecidos como sujeitos da linguagem, formam a situação de comunicação. Nela, podemos encontrar os parceiros reais, de “carne e osso” (Eu-comunicante e o Tu-interpretante) e as abstrações formadas pelo Eu-comunicante (o Eu-enunciador e o Tu-destinatário). Assim como as regras de uma peça teatral, todo ato de linguagem exige um contrato de comunicação, que são as restrições que os sujeitos precisam respeitar.

A primeira restrição é a do tipo comunicacional, que impõe a necessidade de se observar quais são os parceiros envolvidos na situação de comunicação, como estão se comunicando (face a face, por qual canal, se gráfico ou oral). A segunda restrição é a do tipo psicossocial (situacional), que impõe a obrigação de considerar a idade, o sexo, o nível de relação, o local e a profissão dos sujeitos envolvidos. A terceira e última restrição é a do tipo intencional (discursivo), que obriga os parceiros a considerar os conhecimentos que ambos “possuem um do outro, os imaginários culturais e os saberes que se supõe serem compartilhados” (REBELLO, 2021, p. 20-21).



Dentro da situação de comunicação, não há apenas restrições. Embora elas precisem ser respeitadas, o Eu-comunicante tem espaço para fazer manobras dentro do contrato de comunicação, conhecidas como estratégias discursivas, rotuladas em três grupos:

1. A estratégia de *legitimação* é usada para demonstrar aptidão e capacidade de dizer o que se diz. Por exemplo, um advogado precisa se comunicar da forma esperada por conta de sua profissão, demonstrar uma imagem de si compatível com aquela imaginada socialmente de um advogado.

2. A estratégia de *credibilidade* é usada normalmente pelo domínio midiático, porque engloba atitudes de neutralidade, de distanciamento e de engajamento, próprias de um indivíduo imparcial e comprometido com a verdade.

3. A estratégia de *captação* engloba as atitudes de polêmica, de dramatização e de sedução. O sensacionalismo é um exemplo de estratégia de captação.

Dentro desse cenário, a semiotização do mundo é uma noção fundamental da Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, que se refere à forma como representamos o mundo (a realidade) por meio das nossas habilidades sociocomunicativas. Essa noção é regida por dois mecanismos: o processo de transformação e o processo de transição.

O *processo de transformação* é o processo em que a realidade é passada para um “mundo significado” e composto por quatro etapas: a identificação (apreensão e nomeação dos seres do mundo, reais ou imaginários), a qualificação (a descrição e qualificação desses seres apreendidos), a ação (“confere um motivo de ser aos seres do mundo”) e a causação (estabelece relações de causa e efeito para esses seres) (MONNERAT, 2021, p. 43).

Já o processo de transação está ligado à interação entre o interlocutor e o comunicante e é composto, também, por quatro princípios: a alteridade (a troca entre os parceiros, que têm funções diferentes no ato de comunicação), a pertinência (coerência com o contexto comunicativo), a influência (o desejo de um dos parceiros influenciar o outro na troca comunicativa) e a regulação (por meio de estratégias, os interlocutores buscam regular a influência um sobre o outro).

Tendo todos esses componentes do discurso delineados, a seguir, será abordado o modo argumentativo, sobre o qual este trabalho se baseia.

## 2 ARGUMENTAÇÃO E MULTIMODALIDADE: ORIENTANDO O OLHAR DO OUTRO

Os primeiros estudos sobre a argumentação surgiram durante a Antiguidade, na Grécia, intimamente conectados ao discurso jurídico, no qual, por diversas vezes, a argumentação era referida como retórica ou “a arte de seduzir”. O termo argumentação, entretanto, hoje apresenta dificuldades em sua definição: de um lado, há aqueles que a englobam em um espectro de raciocínio lógico, sem intervenção das emoções e psicologia humanas e, de outro, aqueles que a definem como pura persuasão, debruçada sobre as fraquezas e a volubilidade das emoções humanas.

A tentativa de manter uma visão lógica, oriunda da matemática, acabou por forçar uma divisão da linguagem em categorias, engessada e exata. No entanto, como dito por Charaudeau e parafraseado por Amossy (2011),

todo ato de linguagem emana de um sujeito que gere sua relação com o outro (princípio de alteridade) de modo a influenciá-lo (princípio de influência), tendo de



gerir uma relação na qual o parceiro tem seu próprio projeto de influência (princípio de regulação). (CHARAUDEAU apud AMOSSY, 2011, p. 129)

Se o discurso pode ser compreendido como uma troca verbal sustentada por um jogo de influências dos sujeitos que participam dele, então há a necessidade de distinguir as categorias da língua da organização discursiva. É nessa organização discursiva que se insere a argumentação, que está intimamente conectada à situação de comunicação dos sujeitos envolvidos no ato discursivo. Isso porque, de acordo com Charaudeau (2008, p. 203), “a argumentação não se limita a uma sequência de frases ou de proposições ligadas por conectores lógicos, ela se encontra no que está implícito”.

Como um ato do discurso, a argumentação pode ser confundida com outros, como a negação, a proibição ou a refutação por ser, normalmente, ligada a um sentido de adversidade. No entanto, a argumentação define-se como uma atividade discursiva caracterizada pela busca de influência e racionalidade, que está diretamente ligada à lógica argumentativa. Esta organiza-se de forma bem específica: pela relação argumentativa e pelos modos de raciocínio.

A *relação argumentativa* é composta por três elementos: uma premissa, um resultado e um ou mais argumentos. Respectivamente, utilizando a nomenclatura dada por Charaudeau (2008, p. 209), uma asserção de partida, uma asserção de chegada e uma asserção de passagem.

Além da relação argumentativa, pode-se citar outros componentes básicos da lógica argumentativa, como os modos de encadeamento (as formas como as categorias de articulações lógicas podem ser utilizadas durante a relação argumentativa), as modalidades (as condições lógicas de realização de um argumento: possível, necessário ou provável) e o escopo de valor de verdade, diretamente relacionada à proposta feita pelo sujeito-argumentante e pode ter três distinções: generalização (“para todos os casos”), particularização (“para um caso específico”) e hipótese (“para um suposto caso”).

Os *modos de raciocínio*, por sua vez, reúnem todos os elementos vistos até então para organizar a lógica argumentativa e criar uma razão demonstrativa. Eles se dividem em cinco tipos: modo de raciocínio por dedução, por explicação, por associação, por escolha alternativa e por concessão restritiva.

Juntos, os modos de raciocínio, a relação argumentativa e outros componentes trabalham para organizar a lógica argumentativa, mas este não é o único elemento da argumentação: “a razão demonstrativa deve associar-se a uma razão persuasiva (...) [que] depende do sujeito que argumenta e da situação em que este se encontra diante do interlocutor a que está ligado por um contrato de comunicação” (CHARAUDEAU, 2008, p. 220). Assim, a encenação argumentativa funciona de uma forma triangular, em que há a necessidade de um sujeito que, diante de um questionamento, apresenta uma proposta em relação a ele, defendida como uma “verdade”, e um outro sujeito, engajado no mesmo questionamento e na mesma proposta, que se encontra como alvo da argumentação. Ou, pelas palavras de Charaudeau (2008, p. 205), “a argumentação (...) define-se numa relação triangular entre um sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo e um sujeito-alvo.”

Em relação às posições do sujeito no discurso, é preciso fazer um breve resumo. O sujeito é um dos componentes mais importantes da encenação argumentativa. É ele quem toma uma posição em relação à proposta (i), ao emissor da proposta (ii) e à sua própria proposição (iii). No primeiro



caso (i), o sujeito dependerá do saber que detém sobre a proposta e sua opinião sobre ela. Ele pode ficar a favor, ser contra e ainda analisar os prós e contras. No segundo caso (ii), o sujeito irá julgar o emissor da proposta, ou seja, o sujeito enunciante. Assim ele poderá rejeitar a proposta do emissor, aceitá-la ou ainda gerar a sua própria. No terceiro caso (iii), a posição do sujeito dependerá do seu tipo de engajamento, que poderá ser passional (controverso), pessoal, ou não, impessoal.

Também numa perspectiva linguístico-discursiva, intimamente ligada às posições do sujeito, Amossy (2011) põe em cena uma distinção entre os textos canonicamente argumentativos e os que têm a argumentação mais implícita. Seria essa distinção entre *intenção* e *dimensão argumentativa*. Para a autora, a intenção argumentativa está explicitada no gênero do discurso. Nesse caso, o objetivo de persuadir faz parte da natureza do ato comunicativo e a estratégia de persuasão é programada, como, por exemplo, em redações dissertativo-argumentativas. Já a dimensão argumentativa faz-se presente nos discursos em que a persuasão não é um objetivo direto, ou seja, não está explícita, mas existe em todo ato comunicativo, em maior ou menor grau, como será visto no *corpus* analisado. Nos textos com dimensão argumentativa, segundo Amossy (2011, p. 132), é importante identificar e analisar a maneira como os discursos destinados, primariamente, a informar, descrever, narrar, testemunhar, “direcionam o olhar do alocutário para fazê-lo perceber as coisas de uma certa maneira”.

Portanto, como afirma Koch (1998, p. 28), quando interagimos por meio de da linguagem, temos sempre objetivos a serem atingidos: há relações que desejamos estabelecer, efeitos que esperamos causar, comportamentos que queremos suscitar, ou seja, pretendemos atuar sobre o outro de modo a desencadear determinadas reações. Além disso, todo enunciado “confirma, refuta, problematiza posições anteriores” (AMOSSY, 2018, p. 42), devido à natureza dialógica da linguagem, e, ao nos expressarmos em ato linguageiro, convidamos o outro a “compartilhar modos de pensar, de ver, de sentir” (AMOSSY, 2018, p. 12).

Dessa forma, pode-se afirmar que a argumentatividade é inerente ao discurso e que o projeto de influência é algo amplo, presente em todos os discursos em maior ou menor grau, configurando-se de forma explícita ou implícita e materializando-se em diferentes códigos semiológicos. Para Charaudeau (2020),

a influência é o processo geral de tentativa de modificação da ação ou do pensamento de um ou mais destinatários, passando por procedimentos diversos, todos os quais não são nem perfeitamente conscientes nem previsíveis, nem totalmente domináveis; o ato de persuasão é um processo linguageiro no sentido amplo, ou seja, semiodiscursivo, pois pode integrar diversos modos de expressão verbais, gestuais, mímicos, icônicos etc., colocado em ação por um sujeito responsável por seu ato de comunicação, desencadeando estratégias discursivas (mesmo que ele não tenha plena consciência) para alcançar os seus propósitos. (CHARAUDEAU, 2020, p. 253)

Percebe-se, então que, além de afirmar que o ato de persuasão está presente de maneira consciente ou não no ato linguageiro, o teórico afirma que tal ato é semiodiscursivo, pois pode integrar diversos modos de expressão, o que é chamado nos estudos da atualidade de *multimodalidade*. Dionísio e Vasconcelos, (2013, p. 19) afirmam que a sociedade na qual estamos inseridos configura-se num “grande ambiente multimodal, no qual palavras, imagens, sons, cores,



músicas, aromas, movimentos variados, texturas, formas diversas se combinam e estruturam um grande mosaico multissemiótico”. Os textos contemporâneos, principalmente os midiáticos, são geralmente compostos de muitas linguagens e, assim, “exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar”. (ROJO, 2012, p. 19)

Dentro desse contexto, inserem-se as capas de revista, *corpus* deste trabalho. Pertencente ao domínio jornalístico, as capas têm geralmente imagens atrativas e, de forma sintética, veiculam juízos de valor e opiniões a respeito de determinado assunto, direcionando o olhar dos leitores para o modo de “ver” o mundo da redação. De acordo com Rebello (2014), as capas

representam a embalagem das notícias, formando antecipadamente a opinião dos leitores a respeito dos assuntos que serão abordados dentro da revista. Como grande parte do público leitor (leitor de banca) não tem acesso às reportagens anunciadas nas revistas de modo integral, a simples exposição dos elementos sígnicos na capa transmite informações e direciona a interpretação dos fatos (REBELLO, 2014, p. 1141).

Dessa forma, pode-se perceber o teor argumentativo de tal gênero discursivo. E é a partir desse embasamento teórico que foram feitas as análises contidas aqui, desenvolvidas no próximo tópico.

### **3 ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DE CAPAS DE REVISTA: ORIENTANDO MODOS DE VER O MUNDO PANDÊMICO**

Para a realização da análise do *corpus* escolhido, que se configura neste trabalho como três capas de revistas com um tema em comum (a pandemia de Covid-19), foi necessário estudar e aprofundar o aporte teórico elencado na parte inicial deste artigo. A análise preliminar do *corpus* levou em consideração os elementos extralinguísticos e imagéticos e observou a forma como tais textos são capazes de apresentar argumentos implícitos, muitas vezes sem o acompanhamento do texto verbal. Aqui estão dispostas três das análises feitas após estudo teórico desenvolvido durante os primeiros seis meses da pesquisa, apresentando o contexto, os sujeitos enunciante e destinatário e a dimensão argumentativa.

A primeira capa escolhida (Figura 1) foi a da edição mexicana do mês de maio de 2020 da revista *Marie Claire*, a qual foi intitulada pela matéria como “The real influencers”.

Figura 1 - The real influencers (Marie Claire)



Fonte: [https://conteudo.imguol.com.br/c/entretenimento/46/2020/04/29/capa-da-edicao-mexicana-da-revista-marie-claire-em-maio-de-2020-1588201143486\\_v2\\_450x600.jpg](https://conteudo.imguol.com.br/c/entretenimento/46/2020/04/29/capa-da-edicao-mexicana-da-revista-marie-claire-em-maio-de-2020-1588201143486_v2_450x600.jpg). Acesso em: 7 jan. 2022.

Em tempos de pandemia, uma revista como a *Marie Claire*, que fala de beleza, moda e sexo para o público feminino interessado nos temas, dedicou a capa de uma de suas edições publicadas em plena pandemia a mostrar o rosto de uma médica sem máscara. Sob a proteção da máscara PFF2<sup>8</sup>, podemos ver, no rosto da profissional, as marcas deixadas pelo uso contínuo do objeto, mudando o foco da beleza padronizada pelos estereótipos da moda para a realidade pandêmica.

O título da matéria surge como reforço da ideia: “*the real influencers*”, que, em tradução livre, significa “as verdadeiras influenciadoras”. Esta frase faz uma alusão direta ao termo “*digital influencer*” ou “influenciador(a) digital”, expressão mais utilizada aqui no Brasil. Nas mídias sociais, um influenciador digital é uma pessoa capaz de influenciar opiniões e comportamentos de outros indivíduos por meio de produção de conteúdo digital. Muitas vezes, essa influência está diretamente relacionada ao consumo de moda, cosméticos e procedimentos estéticos, como retirar pequenas imperfeições da pele ou tratar de manchas, sinais ou rugas.

A *Marie Claire* é uma revista, como muitas outras direcionadas ao público feminino, que se caracteriza por ter sempre uma mulher famosa, referência em beleza, nas suas capas. Na foto da edição de maio de 2020, entretanto, nos deparamos com as marcas deixadas no rosto da médica desconhecida pelo uso constante da máscara de proteção. Pode-se entender, então, que a capa oferece uma outra proposta para si própria. A argumentação implícita nela tira o valor do que ela crê que se tornou irrelevante para o seu público (manchas e sinais de pele, beleza e moda), em um momento delicado, de perda de vidas, de crise sanitária e econômica, e o direciona para o novo relevante: a saúde e também a luta e força constantes das pessoas que estão na linha de frente

---

<sup>8</sup> A nomenclatura PFF diz respeito à “peça facial filtrante”. As máscaras desse tipo são construídas parcial ou totalmente de material filtrante que cobre o nariz, a boca e o queixo, sendo muito utilizadas por profissionais da saúde. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/mascara-pff2-mais-eficaz-coronavirus>. Acesso em: 25 jun. 2022.



contra o novo coronavírus. Assim, direciona o valor de beleza para outro tipo de mulher, no caso, a médica que lutava para salvar vidas.

A segunda capa (Figura 2) é também de uma edição de maio de 2020, mas da revista americana *Time*.

A *Time* é uma revista dedicada a noticiar fatos mundialmente sobre política, tecnologia, saúde, ciência e entretenimento, voltada para o público adulto que consome as notícias mais atuais (sujeito destinatário). Nessa edição, a revista apresentou uma capa com o jogo de palavras com uma placa “open” (em tradução livre, “aberto”) muito comum em estabelecimentos comerciais. Com a letra “N” rasgada e deslocada para o início da palavra, o sentido muda para “nope”, uma forma coloquial do advérbio “no”, ou, em português, não”. Nesse sentido, podemos observar uma negação contra o ato de abrir um comércio, referente à pandemia e à crise de saúde pública decorrente do período.

Figura 2 - N(ope) (Time)



Fonte: <https://pbs.twimg.com/media/EW2cHSIWsAACOgo?format=jpg&name=large>. Acesso em: 07 jan. 2022.

Como suporte dessa interpretação, podemos observar as manchetes das reportagens contidas na revista: “*How to reopen safely*”, em tradução livre, “como reabrir com segurança”; “*Where it’s worked - and hasn’t*”, em tradução livre, “onde funcionou - e não funcionou”; “*The governor vs. the president*”, em tradução livre, “o governador versus o presidente”. Na primeira manchete, compreendemos, pelo contexto e o uso da placa “open”, que o verbo “reabrir” se refere ao comércio.

A segunda manchete, utilizando o mesmo contexto, refere-se a exemplos de comércios e lugares que colocaram em prática a reabertura e o que funcionou, ou não, funcionou para eles. Já na terceira manchete, infere-se a importância das ordens dadas por figuras de poder. No contexto americano do momento em que a edição de maio foi lançada, havia uma discussão entre o



presidente Donald Trump e os governadores sobre abrir, ou não, o comércio<sup>9</sup>. A questão posta nessa manchete é: seguir as orientações do governador, líder do estado onde os comércios se localizam, ou do presidente, líder da nação, hierarquicamente mais poderoso que o primeiro.

Entende-se, também, que as orientações e ordens dessas duas figuras podem ser diferentes ou opostas, devido à necessidade de seguir um ou outro líder, principalmente porque, nos Estados Unidos, os estados têm bastante autonomia legislativa perante o governo federal norte-americano. Em suma, a capa demonstra uma posição de sujeito que analisa os prós e os contras da abertura do comércio, mas que reconhece a importância das atitudes políticas tomadas durante esse período.

A terceira e última capa apresentada neste trabalho é de uma revista francesa, a *Society*, uma publicação quinzenal independente que fala, como seu nome sugere, de notícias de nível social da França e do mundo para um público adulto engajado em questões socioeconômicas. Na capa da primeira quinzena de maio de 2020, podemos observar uma pessoa utilizando a manga de seu casaco para evitar tocar na barra de metal de um metrô. Entre as medidas iniciais de proteção do início da pandemia do Covid-19, estavam a higiene constante das mãos e o uso de máscaras descartáveis.

A imagem dialoga com o título da capa pela expressão “*prochain arrêt*”, que, em tradução livre, significa “próxima parada”, comumente usada para se referir ao local em que fica a próxima estação de metrô, onde os passageiros poderão descer, ou não. Entretanto, o título quebra a expectativa ao colocar a próxima parada em “*l'inconnu*”, ou, em português, “desconhecido”. Essa frase dá a entender, pelo contexto da imagem, que não era possível saber qual seria o próximo passo em relação à pandemia, para onde a doença estaria levando a sociedade, incitando a curiosidade do leitor em descobrir o que o título estaria insinuando.

Figura 3 - Prochain arrêt: l'inconnu (Society)

---

<sup>9</sup> Conferir: <https://www.brookings.edu/blog/fixgov/2020/03/25/trump-or-governors-whos-the-boss/>. Acesso em 12 mar. 2022.



Fonte:

[https://f.i.uol.com.br/fotografia/2020/05/04/15886307215eb094c1ac194\\_1588630721\\_3x4\\_md.jpg](https://f.i.uol.com.br/fotografia/2020/05/04/15886307215eb094c1ac194_1588630721_3x4_md.jpg)  
Acesso em: 07 jan. 2022.

Nesse caso, a capa da revista apresenta, também, uma postura de análise da situação pandêmica. No contexto do mês de maio de 2020, não se podia falar em vacina ou previsão para o fim da pandemia, pois os efeitos e comportamento do vírus SARS-Cov-2 eram desconhecidos e os estudos, muito recentes. Por outro lado, pessoas que dependiam do metrô para se movimentar pela cidade de Paris, principalmente, enfrentavam dificuldades com o distanciamento social, já que apenas 30% dos trens circulavam na época<sup>10</sup>. Portanto, a capa dialoga com a dificuldade sofrida pelos parisienses de se locomover pela cidade e de, ainda, lidar com o possível contágio de Covid-19. Assim, implicitamente, a capa reforçava a importância de pensar em alternativas para possibilitar a movimentação das pessoas, além de planejar medidas a serem implementadas durante o período pandêmico, já que não havia perspectivas de qual seria “a próxima parada”. Por meio de tal inferência, percebe-se a posição crítica da revista diante desse cenário.

A partir das análises aqui apresentadas, reforça-se que explorar a argumentatividade implícita em textos que conjugam diferentes semioses pode enriquecer as aulas de Língua Portuguesa, numa perspectiva dos multiletramentos. O Grupo de Nova Londres, pioneiro nos estudos da área, defendem que “a multiplicidade de canais de comunicação e a crescente diversidade cultural e linguística do mundo de hoje requerem uma concepção mais ampla de letramento do que a descrita nas abordagens tradicionais baseadas na língua” (CAZDEN et al, 2021, p. 12). Segundo os autores do grupo, o uso de tal abordagem pode permitir aos estudantes alcançar o duplo objetivo da aprendizagem letrada: “ter acesso às linguagens em permanente evolução do trabalho, do poder e da comunidade; e favorecer o engajamento crítico necessário à projeção de

<sup>10</sup>Conferir: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/05/01/distanciamento-social-no-metro-de-paris-sera-um-dos-maiores-desafios-do-fim-da-quarentena.htm>. Acesso em: 12 mar. 2022.



seus futuros sociais e à obtenção do sucesso por meio de empregos satisfatórios” (CAZDEN et al, 2021, p. 12). Por isso, na escola, a argumentação precisa ser explorada em suas diferentes formas de manifestação, em seus diferentes níveis, de forma a instrumentalizar os alunos a expressarem claramente e respeitosamente suas opiniões e, além disso, a não serem alvo fácil de manipulação.

## CONCLUSÃO

O progresso da pesquisa e a seleção de *corpus* foram norteados em consonância com o objetivo do projeto empreendido e, assim como dito anteriormente, da situação mundial decorrente do vírus SARS-CoV-2. Embora tenham públicos diferentes, abordem o tema por áreas diversas e não apresentem uma estrutura argumentativa canônica – ou seja, não ter o objetivo explícito de argumentar –, as capas escolhidas direcionam a leitura do público em determinada direção, o que Amossy (2011) chama de *dimensão argumentativa*, uma estratégia de persuasão indireta.

No entanto, as análises aqui feitas procuram refletir sobre como essa estratégia, em textos multimodais, pode influenciar as ações e os comportamentos dos indivíduos que consomem esses gêneros midiáticos e, principalmente, poderiam orientar a postura dos leitores com relação à pandemia causada pela Covid-19. Tais capas buscam instaurar a ideia de um “novo normal”, com mudanças nos cuidados de proteção sanitária (representado pelo cuidado com a higiene das mãos, na capa da revista *Society*, por exemplo), nas formas de pensar o comércio e os negócios financeiros, assim como a política (capa da revista *Times*, referente à reabertura do comércio e à discussão de forças entre o poder federal e o poder local norte-americanos), e na forma como se percebe a beleza e a importância de se priorizar saúde em relação à estética (a capa da *Marie Claire*, que apresenta uma médica com o rosto marcado pelo uso excessivo de máscaras).

Com essa etapa do trabalho definido e aberto para um possível enriquecimento, acredita-se que esta é uma pesquisa que pode ser ampliada e aprofundada no ensino de Língua Portuguesa, de modo a estudar as possibilidades de se trabalhar a leitura e a produção textual, pensando na argumentatividade presente em textos multimodais, com o objetivo de levar os alunos a desenvolver uma leitura, análise e interpretação mais crítica e apurada em sala de aula e no dia a dia, assim como uma consciência mais crítica em relação ao consumo e a decisões pessoais ou civis.

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. **EID&A** - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov. 2011.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

CAZDEN et al. **Uma pedagogia dos multiletramentos**. Desenhando futuros sociais. (Orgs. Ana Elisa Ribeiro e Hércules Tolêdo Corrêa; Trad. Adriana Alves Pinto et al.). Belo Horizonte: LED, 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, H. et al. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso-FALE/UFMG, 2001.

CHARAUDEU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.



CHARAUDEU, Patrick. A argumentação em uma problemática da influência. In: **ReVEL**, edição especial v. 14, n. 12, 2016. Tradução: Maria Aparecida Lino Pauliukonis. p. 8-30. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/82cdc76251f39fa72a9aa561bec1216a.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2022.

CHARAUDEU, Patrick. O turbilhão do interdiscurso. In: CAVALCANTE, Mônica M.; BRITO, Mariza A. P. (Orgs.). **Texto, discurso e argumentação**: traduções. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 71-96.

DIONISIO, Angela Paiva; VASCONCELOS, Leila Janot de. Multimodalidade, gênero textual e leitura. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 19-42.

KOCH, Ingedore Villaça G. **A inter-ação pela linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.

LIMA, Nísia Trindade; BUSS, Paulo Marchiori; PAES-SOUSA, Rômulo. A pandemia de COVID-19: uma crise sanitária e humanitária. **Cad. Saúde Pública**, v. 36, n. 7, 24 jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00177020>. Acesso em: 12 mar. 2022.

MONNERAT, Rosane. O olhar discursivo para uma metodologia integrada. XAVIER, G.; REBELLO, I. da S.; MONNERAT, R. (Org.). **Semiolinguística aplicada ao ensino**. São Paulo: Contexto, 2021. p. 41-57.

REBELLO, Ilana da Silva. Rato e política: a crítica explícita em capas da Veja. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, n. 43, v. 3, p. 1140-1156, set-dez 2014. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/512>. Acesso em: 10 out. 2020.

REBELLO, Ilana da Silva. A Semiolinguística vai para a escola. MONNERAT, xxx. XAVIER, G.; REBELLO, I. da S.; MONNERAT, R. (Org.). **Semiolinguística aplicada ao ensino**. São Paulo: Contexto, 2021. p. 15-39.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.



# O INTERDISCURSO MESSIÂNICO NO *AQUI E AGORA* PANDÊMICOS: JOGO DE IMAGENS EM UMA CHARGE REPRESENTATIVA DE JAIR BOLSONARO

Aline Milena Borges da Silva Dias<sup>1</sup>  
*Universidade Federal do Pernambuco*  
Sarah Sibelly de Moraes Ferreira Silva<sup>2</sup>  
*Universidade Federal do Pernambuco*

## RESUMO

Esta pesquisa buscou compreender o funcionamento do interdiscurso em uma charge na qual se estabelece a retomada do pensamento judaico-cristão na representação da figura política do atual presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro. À vista disso, tem-se a pergunta norteadora do trabalho: como a retomada do discurso bíblico ressignifica a imagem do presidente? Nossa hipótese é de que, nesse caso, o interdiscurso opera um deslizamento de sentido, do qual surge um novo, por sua vez ligado a uma determinada forma-sujeito. A análise do corpus segue a metodologia qualitativa do tipo documental (LAKATOS e MARCONI, 2003) e se fundamenta, substancialmente, em teóricos de referência na Análise do Discurso de linha francesa, tais como Orlandi (1998; 2007; 2015), Possenti (2003), Indursky (2011) e Heine (2010). Para situar a abordagem das charges, consideramos a pesquisa de Romualdo (2000) e Kurtz (2017). Assim, constatamos que, na charge analisada, elementos verbais e visuais se coadunam num todo indissociável e, através dos processos simultâneos de intertextualidade e da interdiscursividade, haja vista a materialização do discurso-outro de maneira explícita (POSSENTI, 2003, p. 140), geram valorações negativas a respeito do exercício político de Bolsonaro em um momento de grave crise sanitária nacional.

**Palavras-chave:** Interdiscurso. Memória. Charge.

## ABSTRACT

This research sought to understand the functioning of the interdiscourse in a charge in which the resumption of Judeo-Christian thought is established in the representation of the political figure of the current Brazilian president Jair Messias Bolsonaro. In view of this, one has the guiding question of work: how does the resumption of the biblical discourse re-signify the image of the president? Our hypothesis is that, in this case, the interdiscourse operates a slip of meaning, from which arises a new, in turn linked to a certain form-subject. The corpus analysis follows the documentary-type qualitative methodology (LAKATOS and MARCONI, 2003) and is based, substantially, on reference theorists in the French Discourse Analysis, such as Orlandi (1998; 2007; 2015), Possenti (2003), Indursky (2011) and Heine (2010). To situate the approach of charges, we consider the research of Romualdo (2000) and Kurtz (2017). Thus, we find that, in the analyzed charge, verbal and visual elements converge in an inseparable whole and, through the simultaneous processes of intertextuality and interdiscursivity, in view of the materialization of the other-discourse explicitly

---

<sup>1</sup> É graduanda do curso de Licenciatura em Letras Português da Universidade Federal de Pernambuco. É bolsista de iniciação científica CNPq E-mail: [aline.borgessilva@ufpe.br](mailto:aline.borgessilva@ufpe.br)

<sup>2</sup> É graduanda do curso de Licenciatura em Letras Português da Universidade Federal de Pernambuco. É bolsista de iniciação científica CNPq E-mail: [sarah.morais@ufpe.br](mailto:sarah.morais@ufpe.br)



(POSSENTI, 2003, p. 140), generate negative valuations regarding the political exercise of Bolsonaro in a time of serious national health crisis.

**Keywords:** Interdiscourse. Memory. Charge.

## INTRODUÇÃO

O estudo do funcionamento da linguagem é uma tarefa que, ao longo da história, tem interessado pesquisadores de diversos campos do saber. Na Análise do Discurso, a questão se reveste de importância pela forma como ela trabalha com os processos de sua constituição, afastando-se da análise clássica de conteúdo das ciências sociais e voltando-se para os efeitos de sentido entre locutores. Esses criam, mediante a paráfrase e a polissemia, “a relação entre o mesmo e o diferente, a produtividade e a criatividade na linguagem” (ORLANDI, 1998, p.14), sendo o texto o espaço material de realização do discurso e caminho para apreender tais construções ideológicas (KURTZ, 2017, p. 4).

Nesses termos, considerando-se a noção da repetição, sabe-se que a memória — o interdiscurso — pressupõe uma relação direta com a História e com o social (HEINE, 2010 p. 26) e atua organizando o funcionamento do discurso dentro de uma determinada matriz de sentido ou formação discursiva, estabilizando ou criando novos sentidos. Assim, o pré-construído é “todo o elemento de discurso que é produzido anteriormente, em um outro discurso e independentemente.” (INDURSKY, 2011, p. 2) e que, segundo Pêcheux ([1975] 1995), pode ser mobilizado tanto pelo encaixe sintático no intradiscurso, dando a ideia do “sempre já lá”, quanto pelo discurso transversal, que, como o nome sugere, incide de viés como um eco de um discurso-outro.

Logo, este trabalho objetiva compreender o funcionamento do interdiscurso numa charge na qual se estabelece a retomada do pensamento judaico-cristão na representação da figura política do atual presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro. A charge foi retirada do portal de notícias *O Dia*, que funciona como um suporte de diversos gêneros jornalísticos e teve, como evento motivador de sua produção, a fala do presidente, em abril de 2020, acerca do número de mortes por COVID-19 no Brasil, quando declarou: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”<sup>3</sup>. Nessa fala, o tom irônico na menção à figura cristã desencadeia uma relação polêmica (FIORIN, 1998, p. 45) com os enunciados que concebem o Messias como solucionador de conflitos e dores humanas e revela, em contraste, um novo Messias, caracterizado pela aceitação e desinteresse em agir efetivamente para mudar uma situação problemática.

Nesse ínterim, tomamos como ponto de partida a seguinte questão: como a retomada de elementos do discurso religioso cristão ressignifica a imagem do presidente? Nossa hipótese é de que, nesse caso, o interdiscurso opera um deslizamento de sentido, do qual surge um outro, por sua vez ligado a uma determinada forma-sujeito. Em vista de tal propósito, o trabalho se fundamentará, substancialmente, em teóricos de referência na Análise do Discurso de linha francesa, tais como Orlandi (1998; 2007; 2015), Possenti (2003) e Indursky (2011). Para situar a abordagem das charges, consideramos a pesquisa de Romualdo (2000) e Kurtz (2017).

---

<sup>3</sup> CARTAZ Social. "Eu sou messias, mas não faço milagres" diz Bolsonaro sobre o aumento de mortos pelo Clóvis. **YouTube**, 28.abr.2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=stKU-TUYLKY>.



Estudar o funcionamento do interdiscurso ou da memória discursiva, afetada pelo esquecimento, revela-se necessário à compreensão dos efeitos de sentido do discurso, uma vez que, segundo Orlandi (2015, p. 33-34), "para que as minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido" e, quando nascemos, "eles já estão em processo". Dizendo de outro modo, ainda conforme a autora, o que é dito em outro lugar tem peso e significa, ali, por sua ausência, no discurso.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO

O gênero charge se caracteriza, dentre outros aspectos, pela explicitação de um ponto de vista crítico acerca de acontecimentos da vida social e política da comunidade em que é produzido e publicado. Por meio da crítica e da denúncia, a charge chama atenção para o fato abordado, gerando uma relação de humor com coisas do cotidiano (KURTZ, 2017, p. 6). Seu cunho eminentemente social pode ser observado, por exemplo, na recorrência com que veicula críticas a figuras políticas envolvidas em uma determinada situação-problema. Isso se evidencia ainda mais nas charges jornalísticas, por sua íntima relação com as notícias veiculadas no suporte de publicação (ROMUALDO, 2000, p. 39).

Em todo caso, é possível observar como recurso de construção desse tipo de enunciado a alusão à exterioridade, sendo um exemplo bastante sugestivo de como o "primado do interdiscurso (a memória do dizer)" (ORLANDI, 2007, p. 31) estrutura a linguagem. Esse processo, no entanto, consta já no interior do discurso presentificado, pois

[...] o Outro não deve ser pensado como uma espécie de "envelope" do discurso nem um conjunto de citações. No espaço discursivo, o Outro não é nem um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade exterior; nem é necessário que seja localizável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso. Ele se encontra na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. O Outro é o que faz sistematicamente falta a um discurso, é aquela parte de sentido que foi necessário que o discurso sacrificasse para constituir sua identidade (POSSENTI, 2003, p. 146).

Vê-se, então, que o interdiscurso se configura como uma presença na ausência, uma alteridade constitutiva, que leva o indivíduo a identificar-se ou contra-identificar-se em relação a uma dada formação discursiva, gerando a movência dos sentidos pelos processos semânticos que se instauram no discurso (INDURSKY, 2011, p. 3). Por conseguinte, o que é dito em outro lugar também significa nas 'nossas' palavras" (ORLANDI, 2015, p. 32). Essa constituição de sujeitos e sentidos se faz mediada pela ideologia e pelo inconsciente, estando, portanto, fora do controle do indivíduo (ORLANDI, 1998, p. 12). Por conseguinte, o interdiscurso corresponde à voz anônima incorporada no enunciado como se ela aí surgisse. Nesse contexto, o papel da ideologia é fundamental por constituir tanto o sujeito quanto o discurso, que, pela interpelação, cria a ilusão referencial, o esquecimento nº 2, e a evidência do sentido, esquecimento nº 1.

Por tal razão, o sentido não é universal, mas particular à cada gesto de interpretação (KURTZ, 2017, p. 3), pois "todo enunciado está intrinsecamente exposto ao equívoco da língua, sendo, portanto, suscetível de tornar-se outro" (ORLANDI, 1998, p. 11). Logo, o enunciado não reflete puramente uma realidade, antes veicula em si uma visão de mundo e um sistema de valores, por



sua vez ligados a estereótipos valorizados positiva ou negativamente (FIORIN, 1998, p. 55). Como coloca Silva (2015, p.1012), a noção de estereótipo liga-se à de memória discursiva por supor a existência de algo que antecede e fundamenta a emergência dos enunciados. Logo, é produtiva no estudo em apreço, considerando-se que é pelas imagens prévias mobilizadas em torno da palavra “Messias” que se pode compreender a crítica realizada na charge.

Ainda, segundo Heine (2010), intertextualidade e interdiscurso são elementos com características semelhantes, mas que não se confundem. No primeiro caso, há uma relação entre discursos, e o dizer tem como base de sua constituição o esquecimento. No segundo, contrariamente ao que ocorre no interdiscurso, “o sujeito produtor do intertexto é um sujeito pragmático, livre em sua essência, totalmente dono do dizer e origem do discurso.” (HEINE, 2010, p. 29).

De toda forma, como procuramos demonstrar, o interdiscurso está presente criando as condições para o dizer. Por isso, na análise materialista do discurso, toma-se o texto como uma porta de entrada para se alcançar os processos de significação inscritos na memória, uma “peça de linguagem de um processo discursivo muito mais abrangente” (ORLANDI, 2007, p. 61), a qual não tem nem uma origem nem um fim absolutos. Na charge do portal *O Dia*, conforme veremos a seguir, a intertextualidade é o elemento que, no texto, materializa os sentidos (eixo da formulação) e ao mesmo tempo aciona a exterioridade (eixo da constituição).

## 2 METODOLOGIA

Por se propor a uma abordagem processual e descritiva do *corpus* em análise, o presente trabalho situa-se no quadro de pesquisas de metodologia qualitativa, bem como do tipo documental e bibliográfica, já que a coleta de dados claramente incide tanto sobre fonte primária de investigação (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 174), escrita e contemporânea, quanto sobre teorias já sedimentadas a esse respeito. Fundamentando-se, pois, em um conjunto de procedimentos adequados a esse constructo técnico-científico, realizamos a incursão dentro do campo de estudo com vistas a responder a questão colocada inicialmente a propósito da delimitação do nosso objeto de interesse.

Em primeiro lugar, respeitante ao tratamento dos dados no método qualitativo, Lakatos e Marconi (2009, p. 269) afirmam que estes são de ordem psicossocial. Nessa conjuntura, consideramos, para a análise do material escolhido, fatores situacionais, os quais auxiliam o pesquisador a compreender e explicar os distintos comportamentos dos grupos humanos frente a problemáticas de repercussão mundial, desencadeadoras do (re)aparecimento e da circulação de discursos alimentados por forças sociais contrárias, centrífugas e insurgentes na vida social. Assim, o contato com tais variáveis possibilita ao final da pesquisa o levantamento de conclusões mais seguras e interpretações embasadas em um olhar fidedigno dos fatos que engendram as condições de produção dos gêneros discursivos em funcionamento na sociedade.

Tendo em vista a função da teoria de “explicar ou compreender um fenômeno, um processo ou um conjunto deles” (LAKATOS e MARCONI, 2009, p. 272), iniciamos o trabalho pela leitura de obras relevantes no cenário da Análise de Discurso Materialista, para apoiar a reflexão posterior acerca do problema tratado, por Orlandi (1998; 2007; 2015), Possenti (2003), Indursky (2011) e Heine (2010). Atrelado a essas, recorreremos a produções voltadas ao estudo da charge, junto às relações intertextuais e interdiscursivas que ela abarca, a saber, Romualdo (2000) e Kurtz (2017).



De fato, o acesso à bibliografia pertinente à discussão em vista é imprescindível à construção de uma hipótese válida, uma vez que "a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras" (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 183). Assim, são muitas as contribuições trazidas por ela ao tópico em questão no trabalho.

Sob essa base, realizamos em seguida a abordagem direta do documento que compõe o *corpus* do trabalho, utilizando-se, para isso, da consulta à página na rede social (Instagram) do jornal *O Dia*. Selecionamos este suporte por constituir um espaço natural de propagação de notícias e por ter, como outros jornais reconhecidos, a seção CHARGE DO DIA, desse modo oferecendo farto material para a finalidade de pesquisa visada e funcionando como importante sensor da vida social.

Por fim, prosseguimos, conforme o objetivo proposto, à análise dos elementos interdiscursivos (e intertextuais) referentes ao discurso messiânico nos enunciados verbo-visuais da charge, buscando identificar como eles se apresentam e a partir de quais elementos composicionais são reproduzidas no discurso. Simultaneamente, trataremos das condições de produção em relação às quais o enunciado se filia, conjugadas a algumas características da charge.

Atendidos os procedimentos elencados, a hipótese levantada inicialmente poderá ser confirmada ou não pelos resultados da pesquisa, os quais poderão, inclusive, apontar "aspectos válidos e aplicáveis a outros fenômenos, indo além dos objetivos imediatos" (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 171). Logo, sabendo que naturalmente a pesquisa científica nasce no intervalo de outras, a quem é tributária, e em tese impulsiona novas produções, buscamos, com a proposta apresentada, promover a ampliação do interesse em estudos acerca do eixo da constituição do discurso, isto é, a memória, espaço do dizível. Outrossim, desejamos que a recepção deste material redunde em mais contribuições para a área em apreço, à medida que novos aspectos do tema são enfocados.

### 3 ANÁLISE



Fonte: Portal *O Dia*. Acesso em: 15 ago. 2021.

Na charge acima, objeto de análise desta pesquisa, identificamos elementos verbais e visuais que se coadunam num todo indissociável no processo de produção de sentidos materializado no



gênero chargístico. É importante destacar que o gênero charge geralmente está relacionado a fatos políticos, por isso somente aqueles que já conhecem esses fatos conseguirão compreender a charge em seu estado de completude (ROMUALDO, 2000, p. 32), isto é, mobilizando conhecimentos prévios a partir da memória discursiva.

O plano imagético aponta para a figura do Presidente Jair Bolsonaro, que pode ser identificado principalmente pelas características físicas, embora seus olhos estejam cobertos. Outro elemento visual que nos permite apontar para a figura de Bolsonaro é a presença da faixa presidencial brasileira. Além disso, ele está vestido com túnica e sandálias, elementos do vestuário judeu os quais somados aos demais elementos visuais que reproduzem uma ação sobrenatural — o andar sobre as águas — apontam para a figura de Cristo. Percebemos também que o presidente está vendado por uma máscara de proteção facial, que, a partir do contexto imediato contido nas condições de produção, conceituadas por Orlandi (2015, p. 30), atua — ou deveria atuar — como barreira física contra o vírus da COVID-19, desde que usada corretamente sobre nariz e boca.

Esse detalhe é bastante significativo na leitura, uma vez que reproduz uma cena ocorrida em coletiva de imprensa acerca das medidas de combate ao coronavírus, logo no início da pandemia, em que Bolsonaro aparece — junto aos então ministros da economia e saúde Paulo Guedes e Luiz Henrique Mandetta — utilizando a máscara de forma inadequada. O acontecimento foi alvo de compartilhamento em massa nas redes sociais, estimulando inclusive a produção de memes, que se caracteriza, conforme a origem da palavra, como um evento passível à repetição por membros de uma comunidade (SILVA; CORTEZ, 2020, p. 389). Dessa maneira, a charge, em sintonia com esses discursos, absorve o tom humorístico dado à figura do presidente — relativo à imagem de um líder nacional ignorante, pois promove o uso correto da proteção facial — e a relaciona ao descaso com o enfrentamento do vírus e, por extensão, com as vítimas dele, já que a máscara desajustada sobre o rosto, além de propagar o vírus, é também o elemento que impede o seu olhar para elas.

Ao redor da figura do presidente, observamos diversas mãos que emergem das águas sobre as quais ele anda. Os elementos visuais nos permitem resgatar a memória discursiva da passagem bíblica na qual há o relato do milagre em que Jesus Cristo anda sobre as águas ao encontro dos discípulos. Nesse ínterim, salva Pedro de se afogar, quando está e, que decide se apressar em direção ao mestre também andando sobre águas, de repente começa a afundar. Esse resgate discursivo-imagético aponta, para o processo de intertextualidade, que se restringe à relação de sentido implícita ou explícita entre textos, não recorrendo ao esquecimento enquanto elemento estruturador da formação do discurso (ORLANDI, 2015, p. 34).

A relação intertextual, quando esmiuçada, revela uma contradição, pois enquanto Cristo andava sobre as águas e fornecia segurança para os discípulos, a figura de Bolsonaro, conforme representada na charge, está de mãos atadas como quem resolutamente se abstém de fazer algo em favor dos diversos sujeitos com as mãos levantadas. Esse último aspecto da charge indica pedidos de socorro, diante das condições de produção de sentido, a saber: a pandemia da COVID-19, circunscrita na gestão do presidente Bolsonaro, a partir das quais são promovidos tais discursos. Outro elemento imagético que corrobora para a representação do presidente enquanto negligente é, novamente, a utilização incorreta da máscara de proteção contra o vírus, que se bifurca em pelo menos dois deslizamentos complementares de sentido:

- I) Bolsonaro é negligente, porque fecha os olhos para os pedidos de socorro.



II) Bolsonaro é negligente, porque não se importa com o uso (correto) da máscara.

O plano verbal confirma que se trata do contexto pandêmico, pois sobre o mar consta, escrita em cores azuis, a expressão “COVID-19”, corroborando para a produção de sentido de que as mãos estendidas representam pessoas que estão em estado de morte iminente, que poderia ser evitada caso houvesse alguma ação por parte do presidente. Do mesmo modo, o enunciado verbal de Bolsonaro se constrói a partir do trocadilho com o seu sobrenome Messias, que por sua vez, coincide com um dos nomes de Cristo, aquele que realizou milagres. Curiosamente, o uso do termo “milagres” na fala do presidente também resguarda um deslocamento de sentido, que contribui para o efeito humorístico da charge. Partindo da situação imediata que gerou a resposta, entende-se que os milagres a que ele se referia diziam respeito, em última análise, à tomada de medidas enérgicas para combater o crescimento dos índices de mortes pela doença, que, no momento em questão, já ultrapassavam o da China.<sup>4</sup>

Logo, apesar de a fala associada à figura de Bolsonaro no gênero charge não ter, necessariamente, uma relação de compromisso com a verossimilhança, enfatizamos que, neste caso específico, o enunciado de Bolsonaro, de fato, originou-se de uma situação concreta, constituindo-se a partir do discurso judaico-cristão em resposta ao discurso de uma jornalista que o questionou sobre o número de mortes por COVID-19 no Brasil. Consequentemente, é possível observar que, assim como é da natureza de todo discurso, também a fala do presidente é ideologicamente marcada, através do qual é possível identificar relações com o pré-construído à medida em que dialoga com outros discursos (ORLANDI, 2015, p. 38).

Nesse sentido, percebemos que o discurso verbal de Bolsonaro na charge se constrói, também e a princípio, a partir do processo de interdiscursividade, uma vez que aponta para o esquecimento nº 1, que é da ordem do inconsciente como resultado do modo como se é interpelado pela ideologia (PÊCHEUX, 1975). A partir da conjuntura das produções de sentidos engendradas na materialidade verbo-visual, é possível observar que há uma tensão entre o já dito e o novo. Como pontua Orlandi (2015, p. 36), a paráfrase está para o já-dito, enquanto a polissemia está para o novo. Desse modo, identificamos que, a partir da ótica polissêmica, mediante a conjuntura verbo-visual, há um deslocamento de sentido a respeito da representação da figura de Bolsonaro, que podemos desdobrar em pelo menos cinco proposições possíveis:

- I) Bolsonaro é negligente.
- II) Bolsonaro não tem postura de presidente.
- II) Bolsonaro não transmite segurança.
- IV) Bolsonaro não se assemelha a Cristo.
- V) Bolsonaro é genocida.

---

<sup>4</sup> COM 474 novas mortes, Brasil registra mais vítimas da COVID-19 que a China. **CNN Brasil**, São Paulo. 28.abr.2020. Disponível em : <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/com-474-novas-mortes-brasil-ja-tem-mais-vitimas-fatais-da-covid-19-que-a-china/>.



Nessa ótica, a charge não apenas situa, pelos motivos acima referidos, o Messias presidente e o Messias bíblico em planos diametralmente opostos, mas também questiona a gestão política de Bolsonaro no cenário da pandemia no Brasil. Isso se torna claro quando, demorando-se mais um pouco nas condições de produção desse enunciado, observam-se as tensões entre seu posicionamento e o de entidades e profissionais da saúde desde o início do surto do vírus COVID-19 no Brasil. Em mais de um episódio, o presidente demonstrou estar em clara oposição a esse grupo, o que ocasionou uma divergência de recomendações sobre as formas de enfrentamento ao vírus e, por extensão, uma desarticulação do governo Bolsonaro com a ciência.

Tais dados sustentam, portanto, a concepção de um governo ignorante e descompromissado com a saúde da nação. Por conseguinte, embora a charge não tenha reproduzido toda a fala do presidente, o trecho “E daí?” se reverbera semanticamente na representação visual da figura de Bolsonaro. Ele significa no retrato de um Messias imponente caminhando, em um movimento firme e resolutivo, sobre o mar de moribundos. Seu estado de indiferença frente ao acontecimento é duplamente retratado em seu corpo - pelo gesto das mãos juntas e para trás e pelos olhos vendados pela máscara.

Dessa maneira, constata-se que a charge opera a movência do sentido em torno do signo Messias, que passa, então, a designar, como um dos sobrenomes do presidente, não mais um agente cujos poderes são utilizados a favor da vida, mas um líder que, conscientemente, omite-se de seu papel de garantir a segurança sanitária e econômica em meio a uma pandemia. Consequentemente, a charge atribui ao presidente a responsabilidade pelo crescimento do número de mortes e, sobretudo, o coloca em confronto direto com os direitos constitucionais do cidadão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos analisar, sob a perspectiva da Análise do Discurso, o funcionamento da charge com base nas noções de intertextualidade e interdiscursividade situadas social e historicamente (HEINE, 2010 p. 26). Dessa maneira, na charge analisada, a interdiscursividade se dá de modo explícito, com a intertextualidade naturalmente implicada (POSSENTI, 2003, p. 140). A reprodução verbal de parte do pronunciamento do presidente - bem como a materialização de elementos bíblicos acionados nesse - se faz em um claro projeto discursivo de contestação a sua flagrante falta de ação frente ao rápido aumento de mortes causadas pelo vírus. Logo, a charge põe em conflito, pela sátira, duas imagens: de um lado a do Messias compassivo e salvador do imaginário cristão e de outro a do presidente, que aparece de mãos atadas e olhos vendados, marcando a sua responsabilidade pelas mortes e, consequentemente, a sua contra-identificação com a primeira figura.

Portanto, observamos que tanto a intertextualidade quanto a interdiscursividade possibilitaram que o leitor resgatasse elementos do pré-construído em discursos anteriores, conforme pontua Indursky (2011, p. 2). Tal memória é acionada pelas condições de produção em sentido estrito e amplo (ORLANDI, 2015, p. 30), observadas, respectivamente, no questionamento à gestão do atual presidente brasileiro na pandemia e na releitura de uma narrativa bíblica cristã, especialmente da figura de Jesus Cristo, chamado também de “Messias”, um dos nomes de Bolsonaro. Desse modo, pela análise realizada, que incidiu sobre o enunciado do presidente reproduzido no recorte chargístico escolhido, reafirmamos a nossa hipótese. A imagem apresentada na charge, ao materializar o discurso-outro de maneira explícita (POSSENTI, 2003, p. 140), opera deslizamentos de sentidos em torno da representação de Jair Bolsonaro, projetando-o finalmente



como um anti-Messias no hic et nunc pandêmico, isto é, no aqui e agora da crise sanitária vivida no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- JOTA, A. In: **Portal O Dia**. Disponível em: <<https://www.portalodia.com/blogs/jotaa/confira-a-charge-de-jota-a-publicada-na-edicao-desta-quinta-do-jornal-o-dia-375745.html>>. Acesso em: 15. ago. 2021
- HEINE, P. Reflexões sobre o interdiscurso. **Intersecções**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 25-34, 2010. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaIntersecoes/article/view/1035/918>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro Ferreira. (Org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. 1 ed. Campinas: Mercado das Letras, 2011.
- KURTZ, V. V. O. A. A charge - intertextualidade e interdiscursividade presentes em sua construção. **Ao Pé da Letra**, Recife, v. 19, n. 2, p. 1-13, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/peda letra/article/view/236044/0>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. Metodologia qualitativa e quantitativa. In: **Metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 169-273.
- ORLANDI, E. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. **Rua – Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade da Unicamp NUDECRI**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 9-19, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/RUA/article/view/8640626>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- \_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria, leitura, efeitos do trabalho simbólico**. 5 ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- SILVA, E. G. Estereótipos, religião e humor. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 1009-1018, set. dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1033>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- SILVA, J. P. M.; CORTEZ, S. L. A (re)construção de referentes em memes verbo-visuais. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 29, p. 386-405, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/32149>. Acesso em: 22 abr. 2022.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. Edição original: 1975.
- POSSENTI, S. Observações sobre interdiscurso. In: \_\_\_\_\_. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola, 2009. p. 153-168.



ROMUALDO, E. C. A charge jornalística. *In*: ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia**. Maringá: Eduem, 200. p. 21-39.



## A POLÊMICA SOBRE O FECHAMENTO DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS E DE TEMPLOS NA PANDEMIA DE COVID-19: ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS EM *TWEETS* DE UM PASTOR EVANGÉLICO

Mônica Santos de Souza Melo<sup>1</sup>

*Universidade Federal de Viçosa/CNPq (UFV)*

João Vitor Ferreira Rivelli<sup>2</sup>

*Universidade Federal de Viçosa/PIBIC-CNPq (UFV)*

### RESUMO

Este artigo aborda a polêmica instaurada nas redes sociais em relação ao fechamento de estabelecimentos comerciais e templos, que foi recomendado num dos momentos mais críticos da pandemia da COVID-19 no Brasil. Especificamente, analisamos aqui as principais teses e estratégias apresentadas a respeito do tema por Lúcio Barreto, pastor neopentecostal de grande influência no mundo evangélico, em duas publicações no Twitter. Para alcançarmos esse objetivo, adotamos uma abordagem discursiva: a Teoria Semiollingüística do Discurso, de Patrick Charaudeau, especificamente, as categorias associadas aos chamados modos de organização do discurso (CHARAUDEAU, 2008). As análises nos permitiram identificar o uso de estratégias baseadas prioritariamente nos domínios de avaliação do ético e do pragmático que fundamentam a tese contrária ao fechamento dos estabelecimentos comerciais e templos.

**Palavras-chave:** Discurso religioso. COVID-19. Argumentação e Redes sociais.

### ABSTRACT

This paper addresses the controversy created in social networks regarding the closing of commercial establishments and temples, which was recommended in one of the most critical moments of the COVID-19 pandemic in Brazil. Specifically, we analyze here the main theses and strategies presented on the subject by Lúcio Barreto, a neo-Pentecostal pastor of great influence in the evangelical world, in two publications on Twitter. To achieve this objective, we adopted a discursive approach: the Semiolinguistic Theory of Discourse, by Patrick Charaudeau, specifically, the categories associated with the so-called modes of discourse organization (CHARAUDEAU, 2008). The analyzes allowed us to identify the use of strategies based primarily on the ethical and pragmatic domains of evaluation that support the thesis against the closing of commercial establishments and temples.

**Keywords:** Religious discourse. COVID-19. Argumentation and Social networks.

### INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> É Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG) e Professora Titular do Departamento de Letras da UFV- Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: monicamel@ufv.br

<sup>2</sup> É Graduando em Letras da UFV- Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq). Email: joao.v.rivelli@ufv.br



O Brasil e o mundo atravessaram, a partir do início de 2020, uma crise sanitária sem precedentes, em função da pandemia da COVID-19<sup>3</sup>, que já vitimou mais de seis milhões de pessoas no mundo, sendo mais de 660 mil vítimas só no Brasil. Essa crise tem ocasionado também graves consequências sociais e econômicas, afetando a população de todos os países, especialmente os mais pobres. Apesar do inestimável serviço prestado pelo Sistema Único de Saúde (SUS), a situação de urgência sanitária impactou fortemente a estrutura de atendimento médico à população no país, o que causou, em alguns momentos, um colapso que impossibilitou que todas as pessoas contaminadas recebessem um atendimento adequado. Com isso, situações dramáticas envolvendo filas de esperas em hospitais e pessoas morrendo sem atendimento médico foram testemunhadas em todo o país. A pandemia só começou a recuar a partir do início do processo de vacinação que, no Brasil, teve início em janeiro de 2021.

A pandemia da COVID-19 foi marcante não só pelas vidas perdidas e pelos impactos na saúde física e mental das pessoas, mas também pela mudança na rotina de todos em função da implementação de medidas para evitar o contágio e a proliferação da doença. Especialmente nos primeiros meses da pandemia, várias medidas foram adotadas, sob a orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS), tais como: a higienização frequente das mãos, o uso de máscaras e o isolamento social – inclusive com o *lockdown* em algumas cidades. Neste período, a medida mais polêmica foi, sem dúvida, o isolamento social.

No Brasil, o conceito de isolamento social nunca foi precisamente definido, tendo passado por entendimentos diferenciados ao longo da pandemia. A respeito dessa medida de prevenção à contaminação, a população brasileira se viu diante de orientações divergentes: de um lado, medidas de isolamento foram adotadas por alguns prefeitos e governadores que, acompanhando o que diziam as autoridades sanitárias, os cientistas e a OMS, defendiam a necessidade de as pessoas ficarem em casa, a fim de minimizar os índices de contaminação pelo Coronavírus. Essas orientações incentivavam medidas que poderiam variar do fechamento de alguns estabelecimentos e setores considerados não essenciais até o *lockdown*, em casos extremos. De outro lado, foram propagadas orientações do governo federal e dos seus apoiadores que pregavam que as pessoas saíssem de casa, a fim de que a economia do país não fosse prejudicada<sup>4</sup>. Essa orientação baseava-se, a princípio, na convicção de que havia um exagero em torno da gravidade da situação e na defesa de teses como a imunidade de rebanho (obtida por contaminação espontânea) e o isolamento vertical, de acordo com o qual apenas as pessoas idosas deveriam se manter em casa. Tal situação provocou um embate entre o governo federal – e seus apoiadores – e os governos estaduais e municipais, além de cientistas e pessoas que se alinhavam às orientações científicas.

A polêmica em torno dessa temática chegou a ponto de o Supremo Tribunal Federal (STF), em abril de 2020, precisar se posicionar a fim de garantir a prefeitos e governadores a autonomia para determinarem medidas para o enfrentamento ao Coronavírus. A divergência em torno de medidas de distanciamento social, com o fechamento de estabelecimentos públicos também

---

<sup>3</sup> A COVID-19 é uma doença causada pelo Coronavírus SARS-CoV-2, que afeta o sistema respiratório, cujo quadro clínico que pode variar de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves que podem levar o paciente ao óbito.

<sup>4</sup> Toda essa polêmica em torno das medidas de isolamento social foi amplamente divulgada pela mídia brasileira. A posição do Governo Federal foi expressa em diversas oportunidades e está materializada na campanha “O Brasil não pode parar”, que é objeto da notícia disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/03/27/governo-lanca-campanha-brasil-nao-pode-parar-contra-medidas-de-isolamento>. Acesso em 12 abr. 2021.



retomou ao STF em abril de 2021, quando este foi demandado a se pronunciar a respeito das restrições temporárias de atividades religiosas presenciais no estado de São Paulo, provocadas pelos fechamentos dos templos. Na ocasião, o STF, mais uma vez, se manifestou, posicionando-se favoravelmente a essas medidas, apoiando a decisão do governo daquele estado. Ambas as decisões repercutiram sobre a população, suscitando reações diversas entre os vários segmentos da sociedade e também entre os dirigentes municipais, estaduais e o governo federal. Um dos segmentos que mais se manifestou foi o religioso, especialmente algumas denominações evangélicas, que contestaram, principalmente nas mídias, o fechamento dos templos.

Esse artigo se insere num projeto que visa avaliar a ação e a repercussão das publicações no *Twitter* feitas por agentes vinculados a segmentos religiosos que se manifestaram contrariamente às medidas de isolamento social, especificamente no que diz respeito ao fechamento de estabelecimentos comerciais e templos religiosos durante a pandemia. Aqui pretendemos identificar quais as principais teses e estratégias argumentativas adotadas por um pastor neopentecostal, Lúcio Barreto, da Igreja Batista da Lagoinha, em publicações do *Twitter*, na defesa da abertura dos estabelecimentos comerciais e templos, postadas em março de 2021, durante um dos períodos mais críticos da pandemia da COVID-19. Trata-se de publicações que geraram grande repercussão nessa plataforma, tendo originado reações no formato de “curtidas” e comentários. Aqui pretendemos descrevê-las a partir das categorias dos modos de organização do discurso, identificadas por Charaudeau (2008).

Nosso artigo vai se compor das seguintes partes: uma breve contextualização sobre o momento em que a produção dos dados se insere, particularmente, a relação entre Estado e Igreja, suas implicações e a importância das redes sociais nesse contexto; um resumo das bases teóricas e metodológicas nas quais nossa descrição e análise se sustentam; descrição e análise dos dados e algumas considerações finais.

## 1 INTERSEÇÃO RELIGIÃO-POLÍTICA: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Os dados que analisamos se vinculam ao contexto brasileiro atual, que se caracteriza por uma inserção de representantes religiosos no espaço público – proporcionada por concessões públicas de TV e, mais recentemente, pela participação ativa de líderes religiosos nas mídias sociais – e no espaço de governança, por meio da representatividade nos diferentes poderes da república, especialmente o legislativo e o executivo. A relação entre Estado e Igreja não é exclusiva no nosso país e nem é um fenômeno recente na história das nações. Atualmente, no Brasil, essa relação tem se ampliado em função de uma crescente inserção de representantes religiosos em posições públicas legitimadas de governança, nos âmbitos federal, estadual e municipal. Simultaneamente a esse empoderamento de religiosos no ambiente político, constata-se um aumento expressivo do uso das redes sociais para interação entre representantes religiosos e o fiel.

A relação entre os campos religioso e político foi objeto de estudo de alguns pesquisadores. Um dos trabalhos mais conhecidos é o de Bourdieu (1974), que, ao abordar a relação entre religião e política, afirma que as práticas religiosas interferem nas relações de classe, uma vez que contribuem para reprodução e permanência da ordem estabelecida, o que faz com que a religião seja veículo de um poder simbólico. Trata-se, para esse autor, de uma estrutura que se organizaria em torno de um sistema de práticas e de representações que tendem a justificar a hegemonia das



classes dominantes e, ao mesmo tempo, impõem aos dominados uma espécie de resignação diante das condições de existência. Para Bourdieu, a religião cumpre funções políticas em favor das diferentes classes sociais de uma determinada formação social, tendo em vista sua eficácia simbólica. Essas funções variam entre as diferentes classes sociais, sociedades e épocas.

Também Burity (2008) estuda essa relação. Para o autor, “as religiões e as diferenças religiosas são um elemento ativo e inseparável das dinâmicas culturais e políticas que estão transformando o sentido do vínculo social e do político em nosso tempo, quer quando se expressam de forma regressiva, quer emancipatória” (BURITY, 2008, p. 94). Sendo assim, os representantes religiosos agem sobre o fiel, defendendo posicionamentos em torno de questões sociais e políticas que, de alguma forma, mantêm interseção com os princípios das denominações religiosas que esses representam. A representatividade e a extensão dessa atuação variam conforme a posição que o agente ocupa e as redes de relações proporcionadas por essa posição.

Esses trabalhos exemplificam estudos que apontam a existência do poder exercido pela religião que afeta a individualidade, as relações interpessoais e a vida política, interferindo nas relações entre os indivíduos em termos do embate entre classes e das atividades de regulamentação social que são intrínsecas ao campo político. Atualmente, deparamo-nos com conflitos variados de ordem social que se articulam a questões que podem ultrapassar o âmbito religioso e afetar os domínios moral e político, tais como a questão da legalização do aborto e das relações homoafetivas, entre outras.

A respeito desse papel da religião, é importante citar a posição do psicólogo social Martín-Baró (1998), que reconhece que a igreja pode dar suporte a ideologias mais conservadoras ou mais progressistas. No primeiro caso, há uma tendência à alienação e a comportamentos de resignação, que são de interesse das classes dominantes que esperam manter a ordem estabelecida, enquanto, no segundo caso, provocam-se questionamentos e a conscientização em relação à situação de exploração que podem levar à indignação e à reação por parte dos oprimidos. Porém, no contexto de extrema polarização política que vivemos, tanto a instância que apoia ideologias mais conservadoras, quanto as mais progressistas manifestam-se ativamente nas redes sociais, mantendo a efervescência do debate político e sustentando as teses defendidas por esses segmentos opostos.

A discussão resumida nos permite depreender que a religião pode funcionar como instrumento que favorece ou questiona, por meio de suas práticas discursivas, a legitimação de um poder instituído ou de uma situação instituída. Isso nos leva à hipótese central que norteia a nossa pesquisa: a crescente influência de agentes religiosos na vida política atual se faz, em grande parte, pelas manifestações nas redes sociais que compõem uma espécie de esfera midiática, ora de apoio, ora de resistência, às políticas implementadas no Brasil desde as últimas eleições presidenciais.

O sujeito comunicante autor das postagens aqui focalizadas vincula-se a uma igreja de vertente neopentecostal. Para Mariano (2014, p.41), há uma “crescente influência e penetração de modismos teológicos e de instituições norte-americanas no pentecostalismo brasileiro recente”, algo que, segundo ele descreve, ocorre em várias fases do pentecostalismo em momentos diferentes, desde o movimento tradicional ao neopentecostalismo. Sobre os neopentecostais, Mariano diz que eles são mais imediatistas e pragmáticos, almejam a felicidade através do bem-estar social, progresso material e consumo de bens de alto valor monetário e nesse sentido os cultos têm papel importante, pela arrecadação das igrejas como justificativa de garantir a prosperidade dos fiéis. Essas orientações vão se manifestar nas postagens analisadas, como veremos a seguir.



Recuperando os termos de Bourdieu (1974), descritos acima, vamos voltar nossos olhos para as “práticas e representações” por meio das quais uma autoridade religiosa cristã oferece apoio e sustentação às políticas implementadas pelo atual governo federal no combate à pandemia do Coronavírus no Brasil. Sabemos que o governo federal se posicionou, ao longo da pandemia, contrariamente às medidas de isolamento social, recomendadas pela OMS e adotadas por alguns governos estaduais e municipais. Aqui abordaremos de que forma se deu esse debate no que se refere às restrições impostas ao funcionamento de estabelecimentos comerciais e aos cultos presenciais, a partir de duas publicações do pastor no *Twitter*.

A escolha de um corpus proveniente das redes sociais se deve, basicamente, a dois fatores: primeiramente, o crescente processo de midiaticização do discurso religioso, por meio do qual os agentes religiosos exercem uma influência sobre a população que extrapola o espaço dos templos; em segundo lugar, o fato de essas serem, na nossa opinião, peças fundamentais nessa espécie de engrenagem midiática de divulgação de posicionamentos de todo tipo e, mais especificamente, de manifestações ora de defesa, ora de oposição às diretrizes propostas pelo governo federal para o enfrentamento da crise sanitária provocada pela pandemia da COVID-19.

Sabemos do crescente potencial de influência das redes sociais, como veículos de informação e incitação de grande parte da população que encontra nas plataformas digitais e redes sociais um dos principais meios de acesso à informação. Nesse contexto, são também frequentes a divulgação de conteúdos falsos e a promoção de discursos de ódio e intolerância. Uma das plataformas mais populares para atender essas finalidades é o *Twitter*, dispositivo a partir do qual extraímos os dados para a nossa pesquisa.

De acordo com Recuero (2012), o capital social, conceito importado de Bourdieu (1974), proporciona aos internautas, nas redes sociais, a promoção de seis valores, a saber, a visibilidade (estar visível na rede), a reputação (percepção do ator por outros atores), a autoridade (nível de conhecimento que a rede atribui ao ator), a popularidade (número de conexões que tem o perfil com “retuites” e respostas), a interação (caráter conversacional) e o suporte social (nível de retorno para uma solicitação). Sendo assim, as interações nesse ambiente proporcionam o estabelecimento de relações variadas entre os participantes, e podem provocar efeitos que vão desde a promoção de sua imagem pessoal ou institucional à incitação do outro, levando-o a determinados comportamentos.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

### 2.1 METODOLOGIA

A pesquisa que aqui se apresenta é de natureza qualitativa. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa focaliza um conjunto de significados, crenças, valores e atitudes, que correspondem a um espaço de relações dos processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Sendo assim, trata-se de uma análise que parte da descrição do corpus por meio de categorias previamente definidas, mas que depende da interpretação do seu uso, tendo em vista a situação de comunicação em que se insere. Para Minayo (2001), a pesquisa de natureza qualitativa visa a:

[...] compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalham com a vivência, com



a experiência, com a cotidianidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultados da ação humana objetivada. Ou seja, desse ponto de vista, a linguagem, as práticas e as coisas são inseparáveis.” (MINAYO, 2001, p. 24)

Seguindo essa orientação, nosso trabalho busca interpretar fatos ligados à dinâmica das relações sociais, por meio da análise de práticas discursivas, recorrendo a procedimentos definidos no âmbito da Teoria Semiociológica do Discurso.

A Análise do Discurso, ao adotar uma perspectiva qualitativa, tem a significação do discurso como foco de suas pesquisas. Para isso, os estudos nessa linha se operacionalizam em duas etapas: a descrição das estratégias discursivas e a interpretação dessas estratégias à luz dos valores e imaginários que representam. A seguir apresentaremos os pressupostos teóricos básicos norteadores nossa pesquisa, que enfatizará a organização argumentativa do discurso, uma vez que essa se mostra central nos dados.

Tomamos como objeto de pesquisa duas postagens do pastor Lúcio Barreto, importante figura do neopentecostalismo no Brasil. Essas publicações foram selecionadas por apresentarem elementos de interesse para o nosso projeto geral de pesquisa: primeiro, o fato de serem publicações provenientes de um religioso influente nas mídias sociais; em segundo lugar, por abordarem as medidas relacionadas ao isolamento social no período crítico da pandemia, especificamente, o fechamento de estabelecimentos comerciais e templos religiosos. As postagens foram descritas e interpretadas a partir dos pressupostos teóricos que apresentaremos, de forma sucinta, a seguir.

## 2.2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS: A TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA

Nosso eixo teórico e metodológico será a Análise Semiociológica do Discurso, de Patrick Charaudeau. A Semiociologia é uma teoria que se insere no escopo dos Estudos Discursivos e, como tal, considera o ato de linguagem como o produto de um contexto do qual participam um emissor e um receptor submetidos a condições contratuais, ou seja, às condições psicossociais que regulam as enunciações e os comportamentos.

Na perspectiva semiociológica, os participantes devem ser entendidos como seres psicológicos e sociais, sendo o locutor um “EU comunicante” (ser social) que performa um “EU enunciativo” (ser de fala) para um “TU destinatário” (ser de fala), que pode ser diferente do “TU interpretante” (ser social). Há então, em toda situação de comunicação, um ambiente interno, espaço do dizer, e um ambiente externo, espaço do fazer.

De acordo com essa abordagem, todo ato de linguagem se insere num projeto geral de comunicação que é concebido por um sujeito comunicante, o qual precisa organizar seu discurso em função da situação em que se encontra. Para fazê-lo está subordinado a um espaço de restrições, que compreendem as condições mínimas às quais o ato de linguagem deve satisfazer para que seja válido, e um espaço de estratégias, que corresponde às escolhas que os sujeitos podem fazer na encenação comunicativa. As restrições são estabelecidas pelo contrato comunicacional, que se refere a uma espécie de obrigação convencional de cooperação que liga os parceiros numa finalidade de dizer e que atribui a eles determinados papéis linguageiros, definindo as práticas



sociolinguageiras em função das circunstâncias do discurso, a partir das quais vão se definir as estratégias a serem adotadas.

As estratégias são fornecidas por princípios de organização da matéria discursiva, os quais Charaudeau (1992) denomina “modos de organização do discurso”. Trata-se de procedimentos de ordem linguageira que consistem no uso de categorias de língua, organizadas em torno das finalidades do ato de comunicação. Esses procedimentos estão agrupados em quatro modos: (i) o *modo de organização enunciativo*, que diz respeito aos protagonistas do ato de linguagem, indicando a posição que o enunciador ocupa em relação ao destinatário, em relação ao dito e em relação ao outro; (ii) o *modo de organização descritivo*, que se refere aos procedimentos pelos quais o enunciador identifica, localiza e qualifica os seres por meio de um olhar sobre o mundo que os fazem existir, olhar esse que é limitado pela finalidade da situação e comunicação em que se inscreve; (iii) o *modo de organização narrativo*, que organiza um mundo numa sequência de ações que se sucedem, mas, ao mesmo tempo, se influenciam e se transformam; (iv) o *modo de organização argumentativo*, que constitui um mecanismo que permite ao falante, inserido numa situação que tem finalidade persuasiva, levar o interlocutor a partilhar determinado ponto de vista.

Portanto, ao conceber o ato de linguagem do ponto de vista psicossocial, a Semiologia procura interpretar a organização discursiva como parte de um conjunto de estratégias pelas quais os indivíduos tentam se influenciar, relacionando o sentido proveniente da categorização referencial (externa) com o proveniente da categorização discursiva (interna), o que permite identificar os imaginários veiculados pelo discurso.

Para Charaudeau (2017), os discursos veiculam e reproduzem diversas significações sobre o mundo, as quais ele denomina imaginários sociodiscursivos. Para o autor:

O imaginário é uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual, conforme dito, constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva. Assim, o imaginário possui uma dupla função de criação de valores e de justificação da ação. (CHARAUDEAU, 2017, p. 578)

Sendo assim, ao se interpretarem os imaginários deve-se procurar estabelecer um cruzamento entre essas significações e os universos de discurso a que se referem. É importante destacar, ainda, que a noção de imaginário, de acordo com Charaudeau, refere-se não só a uma maneira de compreender e representar o mundo, mas também de justificar ações. E como esses imaginários se materializam por meio das interações verbais, eles podem ser compartilhados, difundidos e conseqüentemente, podem nortear as ações de terceiros.

## 2.3 ARGUMENTAÇÃO NUMA PERSPECTIVA SEMIOLINGÜÍSTICA

A publicação analisada tem caráter predominantemente argumentativo, por isso é necessário delinear como a Teoria Semiológica aborda a argumentação.



Segundo Charaudeau, para que haja argumentação é necessária uma proposta (que provoque questionamento) sobre o mundo, um sujeito que se engaje nessa proposta e um outro que seja alvo dela. Essa proposta é conduzida na argumentação, a partir de “pelo menos três elementos: uma asserção de partida (dado, premissa), uma asserção de chegada (conclusão, resultado), e uma (ou várias) asserção de passagem que permite passar de uma a outra (inferência, prova, argumento).” (CHARAUDEAU, 2008, p.209).

De acordo com Charaudeau (1992) a argumentação é um processo que envolve um sujeito que apresenta uma proposta ou tese direcionada a um interlocutor, a fim de levá-lo a partilhar determinado ponto de vista. Essa proposta pode assumir diferentes formatos em função das circunstâncias envolvidas na situação de comunicação, ou seja, das representações e do conjunto de conhecimentos que os participantes do ato de linguagem partilham.

Para Charaudeau (2016), o sujeito argumentante, vinculado a uma situação de comunicação, materializa, na sua fala, uma série de instruções discursivas através das quais ele poderá estabelecer o contato com o outro, regulando, de certa forma, suas crenças e seu comportamento. Isso se dá, a princípio, por um processo de racionalização, com o uso de uma razão demonstrativa, baseada em relações de causalidade que se estabelecem por procedimentos de uma organização da lógica argumentativa. Essa regulação pode se dar também por um processo de identificação, relacionado à criação de uma imagem positiva do falante (construção de *ethos*) ou por um processo de dramatização, por meio do apelo ao sentimento do outro (recurso patêmico).

Nessa perspectiva, o sujeito, inserido numa situação argumentativa, lança mão de uma série de estratégias que se manifestam em três níveis: no nível da problematização, no nível do posicionamento e no nível do ato de provação. No nível da problematização, trata-se do uso de diferentes estratégias para inserir o debate em torno de um determinado tema, enquadrando-o de modo a legitimar a discussão, indicando que o assunto é digno de ser discutido. As estratégias de posicionamento dizem respeito ao modo como o sujeito argumentante indica o seu nível de engajamento à tese defendida. Por fim, as estratégias no nível da provação consistem na seleção de argumentos fortes a favor de determinada proposta. Devem-se, segundo o autor, a três fatores: i. o modo de raciocínio no qual o argumento se insere; ii. o tipo de saber, ou seja, os domínios semânticos de avaliação que se fundamentam num conjunto de valores partilhados por membros de um grupo sociocultural e que, por isso mesmo, podem provocar a adesão dos destinatários; iii. a modalização enunciativa, por meio da qual o argumento se expressa.

O quadro resumido acima norteará a descrição e análise dos dados do nosso corpus.

### 3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Como antecipamos, vamos focalizar, nesse estudo, dois *tweets* do pastor neopentecostal Lúcio Barreto, publicados em março de 2021, momento crítico da crise sanitária do coronavírus no Brasil. Essas publicações foram selecionadas pela representatividade do sujeito comunicante envolvido e pela repercussão das postagens entre os internautas.

Os parâmetros para análise das situações de comunicação propostos por Charaudeau (2008), que serão utilizados como base para analisar as postagens de Lúcio Barreto, envolvem uma percepção ampla dos múltiplos fatores envolvidos no ato de fala.



Devemos destacar, portanto, a princípio, as condições situacionais envolvidas na produção dos discursos analisados. Trata-se de publicações no *Twitter*, que é uma plataforma que funciona como espaço para trocas de diversos tipos e também para a consolidação de convicções preexistentes, mudanças de pontos de vista ou abertura de espaço para o debate.

As mensagens no *Twitter*, como ocorre nas redes sociais, podem ter como fonte vários atores sociais, o que permite uma maior visibilidade para todos os seus nós, ampliando o acesso e a produção de informações. Assim, quando o usuário publica uma informação, ele atinge outros internautas que, por sua vez, podem replicar a mensagem ou inserir um novo comentário, a partir da original. Isso afeta o chamado “capital social” dos usuários.

No *Twitter*, o modo argumentativo tende a ser predominante, uma vez que nessa rede a circulação de imagens tende a ser menor (mais comuns ao *Instagram* ou *Facebook*) e é muito comum ver as pessoas defendendo suas opiniões, promovendo debates nesse espaço. É o que acontece nos *posts* de Barreto analisados aqui: eles buscam expor seu posicionamento e convencer seus seguidores a aderirem a ele. Além disso, o *Twitter* tem um espaço menor para o texto, o que dificulta o desenvolvimento de um texto narrativo ou descritivo. Como Charaudeau comenta, “as circunstâncias materiais são, talvez, as que influenciam mais diretamente nas formas, o que se explica já que estas induzem os dispositivos ‘materiais’”. (CHARAUDEAU, 2004, p.8)

Assim, para analisar a fala do pastor é importante entender quem é Lúcio Barreto enquanto ser social e quais as influências e ideologias que afetam seu discurso. Em seu próprio site, <https://www.prlucinho.com.br>, ele conta que viajou para os EUA e participou de cultos na igreja pastor Benny Hinn e essa pode ter sido uma das influências para concretização de sua visão neopentecostal. Essa formação proporcionou o contato com as orientações dessa vertente evangélica descritas acima que interferem na materialidade de suas publicações.

Há uma relação dessa ideologia neopentecostal com os *twittes* de Barreto que fazem abertamente um apelo a favor da presença nos cultos como algo essencial, como fica implícito no *post* em questão.

Devemos destacar que pelo fato de Lúcio Barreto ser um Pastor, isso o coloca na posição de representante da palavra de Deus, que tem uma responsabilidade com o que fala. O discurso religioso tende, segundo Eni Orlandi, à não-reversibilidade (homens não podem ocupar lugar do locutor, que é Deus), porém, como destaca a autora: “O representante, ou seja, aquele que fala do lugar de Deus transmite Suas palavras. O representa legitimamente, mas não se confunde com Ele, não é Deus”. Isso é o que ela chama de “ilusão de reversibilidade”. (ORLANDI, 1987, p. 253). Essa posição legitimada de autoridade interfere no tom do discurso e no seu efeito sobre o público-alvo: para um evangélico a palavra do pastor vai ser interpretada como uma verdade absoluta e a sua orientação pode ser tomada como uma ordem.

Devemos acrescentar, ainda, que além dessa dimensão religiosa, inerente a um ato de fala proveniente de um pastor, há uma dimensão política e econômica em seu discurso, visto que ele trata de uma temática amplamente debatida por todos os setores da sociedade, mas intrinsecamente relacionada às políticas de saúde pública nacional, de responsabilidade do Ministério da Saúde: as medidas de prevenção à proliferação de uma pandemia e de sua repercussão na economia do país.

A partir da descrição feita do ambiente externo, é possível compreender melhor a relação de Barreto com seus interlocutores através das categorias do modo enunciativo de Charaudeau.



Sobre esse modo, ele diz que “todo ato de linguagem se compõe de um *propósito referencial* que está encaixado no *ponto de vista enunciativo* do sujeito falante, integrando ambos uma *situação de comunicação*” (CHARAUDEAU, 2008, p.82).

Quanto ao propósito referencial, para Barreto, enquanto sujeito comunicante, há um sujeito destinatário que compartilha das referências do mundo concreto implícitas em seu discurso, como a existência de um cenário pandêmico, as medidas sanitárias tomadas pelos governadores e prefeitos e o termo “negacionistas” dirigida àqueles que confrontam o potencial da vacina e a eficácia das medidas de isolamento social. A situação de comunicação da fala do Lucinho, que é externa ao ato de linguagem, é o formato *tweet*, onde predomina o canal gráfico, há uma limitação de caracteres e normalmente há um público recorrente que acompanha as publicações, que por já conhecerem a postura de Lucinho, talvez estejam cientes do eu enunciador performado pelo Pastor.

Identificando os níveis da problematização, engajamento e provação das postagens analisadas, destacamos, no plano da problematização, que o pastor coloca em pauta, nas duas publicações, a temática do fechamento de estabelecimentos comerciais e templos religiosos, destacando o problema como relevante nas suas redes sociais e congregando seus seguidores num debate não de ordem exclusivamente espiritual ou religiosa, mas econômica e política. No nível do engajamento, as manifestações do Barreto sinalizam um posicionamento contrário ao fechamento de estabelecimentos prestadores de serviços não essenciais e de templos religiosos. Assumindo essa posição, mostra-se alinhado à posição defendida pelo governo federal. Quanto às estratégias no nível da provação, veremos, a partir de agora, os procedimentos argumentativos adotados a favor da proposta defendida.

Após essas considerações gerais acerca das publicações, vejamos como se dá a construção argumentativa das publicações selecionadas. Por se tratar de textos pequenos, optamos por inseri-los no corpo do artigo.

### *Post 1*

@Prlucinho/ 3 de março.

A incompetência dos prefeitos e governadores está sendo jogada nos ombros do governo federal! O presidente quer o país funcionando! Negacionista é quem nega aos trabalhadores o direito até de serem infectados mas na tentativa de por o pão de cada dia na mesa da sua família.

### *Post 2*

@Prlucinho/ 7 de março.

Acho que o povo confundiu o distanciamento social com afastamento de Deus pq eu nunca atendi taaaaanta gente que diz que esfriou na fé! Será que nesses dias de pandemia não deveríamos nos aproximar ainda mais dEle?

Nos *tweets* acima, o locutor problematiza a iniciativa de governadores e prefeitos de fecharem estabelecimentos que prestavam serviços considerados não essenciais em um momento difícil da pandemia do Coronavírus. Nessas postagens, o pastor defende a tese de que o fechamento desses serviços, que incluíam os templos religiosos, acarretava dois tipos de prejuízos à população: i. financeiro, dificultando que o trabalhador pudesse levar alimento à sua família; ii. espiritual,



afastando as pessoas de Deus. Nesse sentido, o pastor se engaja de forma contrária a essa medida. A essa proposta geral se associa tese de que “o presidente quer o país funcionando”, sendo este retratado como um beneficiário da população, que respeita a liberdade individual que proporcionaria aos trabalhadores “o direito até de serem infectados”.

Procuraremos descrever as principais estratégias argumentativas empregadas, abordando as duas postagens separadamente para, em seguida, identificar os imaginários comuns que nelas podem ser identificados. Partiremos das modalidades enunciativas empregadas.

Destacamos, no *Post 1*, uma estruturação em três partes, correspondentes aos três períodos dos quais a publicação se compõe. No primeiro momento, em um comportamento elocutivo, modalidade pela qual o locutor expressa seu ponto de vista explicitamente, o pastor indica ter conhecimento das ações de governadores e prefeitos e exprime uma apreciação negativa desses agentes em detrimento do governo federal. Em seguida, ele utiliza o modo delocutivo, modalidade aparentemente desvinculada do locutor e do interlocutor, para “terceirizar” sua opinião, citando a posição do presidente (“o presidente quer o país funcionando”), com a qual ele concorda. O uso dessa modalidade tem um grande valor argumentativo, uma vez que cria um efeito de verdade, fazendo crer que a afirmação condiz, necessariamente, com a realidade.

No terceiro e último período da publicação há uma retomada do modo elocutivo, com a expressão de uma opinião de maneira convicta. Mas, levando em conta o contexto sociodiscursivo no qual a publicação se insere, é possível supor que o enunciado é uma resposta a quem denuncia a postura negacionista do governo federal, o que instaura uma relação de força, atitude que remete à modalidade alocutiva, na qual o interlocutor é diretamente implicado no discurso.

Dentre os procedimentos discursivos ligados à lógica argumentativa, identificamos na postagem o uso da nomeação, que é uma atividade de linguagem pertencente ao modo descritivo que pode ser usada não para mera identificação do ser ou objeto descrito, mas com fins estratégicos para produzir um efeito de evidência ou de saber para o sujeito argumentante (CHARAUDEAU, 2008) Na postagem, temos a nomeação “negacionista”. Essa categoria pode ser definida de uma maneira objetiva: os negacionistas seriam aquelas pessoas que não aceitam uma realidade verificável, comprovada, factual. No contexto recente da pandemia, essa denominação tem sido usada frequentemente para designar aqueles que minimizam o impacto do vírus e se opõem às medidas sanitárias. Remete, portanto, a uma polêmica instaurada no âmbito político entre os que defendiam, naquele momento crítico da pandemia, a obediência às orientações científicas e os que as negligenciavam, priorizando a necessidade de se preservar a economia.

Na definição apresentada: “Negacionista é quem nega aos trabalhadores o direito até de serem infectados mas na tentativa de por o pão de cada dia na mesa da sua família.”, há, além da nomeação, a qualificação. No entanto é possível observar que essa qualificação não é objetiva, ou seja, não constrói uma “visão de verdade” sobre o mundo, que possa ser verificada por qualquer pessoa, mas sim subjetiva, tal como definido por Charaudeau (2008). Para o autor, “os procedimentos de construção subjetiva do mundo consistem em permitir ao sujeito falante descrever os seres do mundo e seus comportamentos através de sua própria visão, a qual não é necessariamente verificável. O universo assim construído é relativo ao imaginário pessoal do sujeito” (CHARAUDEAU, 2008, p.125).

Quando o pastor propõe a relação adversativa em “Negacionista é quem nega aos trabalhadores o direito até de serem infectados mas na tentativa de por o pão de cada dia na mesa



da sua família”, indica que é por meio do trabalho que os trabalhadores podem alimentar a sua família. Portanto, quem se opõe à abertura dos estabelecimentos é um inimigo do trabalhador e está condenando sua família a uma situação de penúria e fome.

Vejam agora algumas das principais estratégias argumentativas identificadas no *post 2*. Nessa postagem, identificam-se duas grandes partes: a primeira inclui a expressão de uma avaliação pessoal do pastor: “Acho que o povo confundiu o distanciamento social com afastamento de Deus pq eu nunca atendi taaaaanta gente que diz que esfriou na fé!” E a segunda traz uma espécie de sugestão: “Será que nesses dias de pandemia não deveríamos nos aproximar ainda mais dEle?”.

A postagem tem início com o uso da modalidade enunciativa elocutiva, por meio da qual o enunciador expressa de maneira convicta uma opinião, valendo-se de um testemunho, ou seja, de uma experiência que ele mesmo vivenciou, a saber, o contato com fiéis que estariam “esfriando na fé”. Para o Pastor, o distanciamento social estaria provocando um afastamento de Deus.

Há também o uso da modalidade delocutiva, pela inserção do procedimento discursivo da citação. Ao afirmar que nunca atendeu “taaaaanta gente que diz que esfriou na fé” ele insere outros locutores no discurso, o que, segundo Charaudeau (2008) produz na argumentação um efeito de autenticidade, uma vez que a citação é vista como “[...] uma fonte de verdade, testemunho de um dizer, de uma experiência de um saber” (CHARAUDEAU, 2008, p. 240)

Finalmente, no último período, manifesta-se o uso da modalidade alocutiva, por meio da qual Barreto propõe um questionamento ao fiel: “Será que nesses dias de pandemia não deveríamos nos aproximar ainda mais dEle?”. Embora tenha o formato de uma interrogação, o enunciado se aproxima mais de uma sugestão, reunindo as características definidas por Charaudeau (2008, p. 89) para essa categoria modal, a saber: o estabelecimento de uma ação a realizar (aproximar-se mais de Deus); a suposição de que o interlocutor está numa situação desfavorável (a distância de Deus); a proposição de que a ação descrita é uma forma de melhorar a situação do interlocutor (num momento de crise, devemos nos aproximar de Deus); a atribuição a si mesmo de um estatuto de saber, confirmado pela experiência (a posição de pastor dá a ele a legitimidade para aconselhar espiritualmente o fiel).

Dentre os procedimentos discursivos ligados à lógica argumentativa, identificamos também nessa postagem o uso da nomeação, expressa pela identificação genérica “o povo”, sem a especificação de um grupo a que este sintagma se refira. Trata-se de uma generalização que atribui a todos um comportamento que foi observado em algumas pessoas. Adotando essa identificação, sua afirmação ganha uma dimensão maior e, portanto, mais força, uma vez que, segundo o locutor, todas as pessoas estão se afastando de Deus em decorrência das medidas sanitárias restritivas que determinavam o fechamento dos templos naquele momento.

Ao se manifestar contrariamente ao fechamento dos serviços não essenciais e ao destacar que o afastamento social tem causado um afastamento de Deus, pressupõe-se a defesa da tese de que os templos também deveriam ser mantidos abertos. Tal postura se mostra coerente com uma das principais doutrinas adotadas pelas igrejas neopentecostais: a chamada Teologia da Prosperidade, que se pauta, entre outros, na crença de que as doações do fiel serão revertidas em prosperidade material para sua vida. Nessa visão, o dízimo é uma peça fundamental. O recolhimento dessa oferta provavelmente é favorecido nos cultos presenciais, o que pode ter sido uma motivação para que vários representantes de denominações neopentecostais tenham se manifestado



contrariamente ao fechamento das igrejas. Portanto, assim como na primeira postagem, há, aqui também, uma relação causal entre o distanciamento social e o afastamento das pessoas de Deus.

Comparando-se o funcionamento das duas publicações, pode-se dizer que ambas se inserem no amplo debate em que se questionou a condução da pandemia por parte do governo federal, que foi acusado de minimizar a crise e adotar uma postura negacionista. Assim, a postagem adota uma atitude de engajamento à posição do governo federal.

Em ambas as postagens, identifica-se, como vimos, a relação de causalidade. Charaudeau (2008) explica que esse tipo de relação pode se inserir dentro de diferentes maneiras de encadeamento. Assim, associam-se as medidas de fechamento de serviços não essenciais e templos a prejuízos financeiros (a dificuldade para o trabalhador levar o pão para a sua família) e espirituais (o esfriamento da fé), ao mesmo tempo em que ocorre um silenciamento sobre outras providências que poderiam ter sido tomadas para que os dois prejuízos fossem minimizados, tais como apoio financeiro por parte do Estado aos comerciantes e trabalhadores em geral, no primeiro caso e cultos e atendimentos espirituais à distância, no segundo caso.

As relações estabelecidas se pautam no domínio de avaliação do ético e do pragmático. O domínio do ético define as ações em termos de parâmetros como certo e errado. Nas postagens em questão, a atitude das pessoas que defendiam o fechamento de serviços não essenciais (nos quais se incluíam os templos religiosos) é caracterizada como moralmente condenável, por ser prejudicial à população, tanto do ponto de vista financeiro quanto espiritual.

Associa-se ao domínio do ético, o apelo ao domínio pragmático, que avalia as ações humanas em função das necessidades dos indivíduos nelas envolvidos. Assim, nas a postagens, a necessidade de subsistência e o esfriamento da fé são apontados como argumentos decisivos contra o fechamento dos estabelecimentos e templos, respectivamente. Constata-se o uso da dedução pragmática relacionada tanto ao plano econômico quanto ao plano religioso: no primeiro caso associa-se, de forma inalienável, o trabalho ao sustento, de modo que se conduz o leitor a uma conclusão do tipo: se não há trabalho, não há comida. No segundo caso, há uma associação da presença nos cultos à proximidade de Deus, de modo que o distanciamento social implicaria no afastamento de Deus.

Quanto aos imaginários sociodiscursivos veiculados, verifica-se que as publicações estão alinhadas com as políticas econômicas de linha neoliberal. Caracterizam-se pela identificação dos seguintes imaginários: “o sustento vem do trabalho individual”, no primeiro *post* e “o distanciamento social favorece o afastamento de Deus”, no segundo. A omissão, na primeira postagem do pastor, de qualquer outra iniciativa possível para se promover a subsistência da população num período de crise (inclusive aquelas que poderiam advir do poder público) isenta o Estado desse tipo de responsabilidade. Também se veicula aqui a chamada “ideologia da produtividade” (XAVIER, 2020, p. 122) que impõe que todo o esforço (e o risco, no caso de uma pandemia) seja de responsabilidade dos trabalhadores e não da classe capitalista. Assim, são, em geral, os empregados – e não os patrões – aqueles que se apresentam na “linha de frente” do ambiente de trabalho, o que, no contexto de pandemia, significa assumir mais de perto o risco de uma contaminação. Segundo Xavier (2020): “[...] a produtividade é um interesse próprio da classe capitalista, somente ela tem interesse em produzir mais, pois é a única a ganhar tal esforço. E isso porque o esforço não é dela, mas dos trabalhadores.” Se pensarmos que algumas igrejas têm assumido uma gestão cada vez mais próxima da empresarial, essa orientação se aplica também à segunda postagem, em que se apela, de forma indireta, para que o fiel compareça presencialmente



aos cultos. Constata-se, portanto, que, além da dimensão religiosa, há uma dimensão política e econômica no discurso de Barreto.

As reflexões apresentadas, apesar de não esgotarem todos os possíveis interpretativos associados aos discursos em questão, nos levam a crer que as categorias propostas por Charaudeau ajudam a entender um pouco melhor a complexidade envolvida no ato de fala, permitindo compreender os diferentes âmbitos que compõem a publicação de Barreto no *Twitter*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo proposto exemplifica o uso de estratégias argumentativas variadas não apenas para a defesa de um ponto de vista a respeito do fechamento dos serviços não essenciais- e conseqüentemente dos templos- mas para a promoção de um projeto político e econômico que adota uma visão neoliberal como base.

A compreensão do papel crescente do discurso religioso no domínio político se faz cada vez mais relevante, especialmente no momento de uma crise de saúde pública sem precedentes na história moderna do país, em que a população buscou orientar seu comportamento a partir das diretrizes ditadas por agentes públicos e influenciadores que usam as redes sociais para se dirigir ao público. Nesse contexto, a população é levada a confiar em determinados líderes, atribuindo a eles poderes quase messiânicos e duvidando de evidências (inclusive científicas) que contradigam aquilo que é defendido por essas pessoas.

O *tweet* do pastor Lucinho, embora travestido de um discurso religioso, por ter como instância de produção um representante religioso, possui um caráter político dominante, inserindo-se num movimento de apoio ao governo federal e à sua condução do país diante de uma das maiores crises sanitárias dos últimos séculos. Trata-se de uma postagem que exemplifica o crescente ativismo político promovido por agentes religiosos no Brasil.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BURITY, Joanildo A. Religião, política e cultura. **Tempo social**. v. 20, n. 2. SP. nov. 2008. p. 83-113.

CHARAUDEAU, Patrick. **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris: Hachette, 1992.

CHARAUDEAU, Patrick. **Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual**. In: Ida Lucia Machado e Renato de Mello. *Gêneros reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte, Nad/Fale-UFMG, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**. Os modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. A argumentação em uma problemática da influência.. Tradução de Maria Aparecida Lino Pauliukonis. [www.revel.inf.br]. **ReVEL**, edição especial vol. 14, n. 12, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**. Fortaleza, v. 7, p.571-591, jan./jun. 2017.



MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARTIN-BARÓ, Ignacio. Iglesia y Revolución em El Salvador. In: Martín-Baró. **Psicología de la Liberación**. Madrid: Editorial Trotta, 1998. p. 203-225.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

ORLANDI, Eni. O discurso religioso. In: **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Câmara Brasileira do Livro, 1987.

RECUERO, Raquel A. O capital social em rede: como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social. **Contemporanea**. Revista de comunicação e cultura - v.10 – n.03 – set-dez 2012 – p. 597-617

XAVIER, Marlon de Oliveira. Luta de classes e reforma trabalhista: prospectos da ideologia neoliberal. In: HEINEN, Luana Renostro (org.) **Estado e direitos no contexto de neoliberalismo**. Florianópolis: Habitus, 2020.

ORLANDI, Eni. O discurso religioso. In: **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Câmara Brasileira do Livro, 1987.

RECUERO, Raquel A. O capital social em rede: como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social. **Contemporanea**. Revista de comunicação e cultura - v.10 – n.03 – set-dez 2012 – p. 597-617



## DA TRANSGRESSÃO À CONSCIENTIZAÇÃO: OS SENTIDOS NO DISCURSO VERBO-VISUAL DE PICHAGÕES NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Antonio Leme Guerra Junior<sup>1</sup>

*Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)*

Ednéia de Cássia Santos Pinho<sup>2</sup>

*Universidade Estadual de Londrina (UEL)*

Lolyane Cristina Guerreiro de Oliveira<sup>3</sup>

*Universidade Estadual de Londrina (UEL)*

### RESUMO

As pichações, caracterizadas como inscrições verbo-visuais em muros e paredes, de autoria frequentemente anônima, são marcas tipicamente urbanas e consideradas, por vezes, ações marginais. Porém, os enunciados que integram as pichações podem ser tomados como textos, os quais, na confluência de caracteres verbais e visuais, reverberam discursos que deixam entrever críticas, valores e posicionamentos frente à realidade. Este trabalho, portanto, partindo dessa premissa, tem o objetivo de analisar os sentidos que emergem do discurso verbo-visual expresso em pichações com o tema “álcool gel”, situado no contexto da pandemia, capturados fotograficamente na cidade de Londrina - PR. Esses enunciados são postos em contraste com textos de natureza midiática e analisados à luz das teorias do texto/discurso, considerando-se a sua dimensão argumentativa e a sua dimensão histórico-ideológica. A partir do estabelecimento de conexões entre os “ditos”, tanto dos enunciados das pichações quanto dos enunciados midiáticos, e os “não ditos” que emergem de toda essa cadeia discursiva, as análises evidenciam que as pichações estudadas, num processo de evidente deslocamento, partem de uma posição transgressora para uma posição conscientizadora, na medida em que, em diferentes níveis, defendem a ciência que está por trás do “álcool gel” no combate à pandemia.

**Palavras-chave:** Pichação. Sentido. Argumentação e discurso.

### ABSTRACT

The graffiti, characterized as verbal-visual inscriptions on walls, often anonymously authored, are typically urban marks and are sometimes considered marginal actions. However, the statements that integrate the graffiti can be taken as texts, which, in the confluence of verbal and visual characters, reverberate speeches that allow a glimpse of criticism, values and positions in relation to reality. This work, therefore, based on this premise, aims to analyze the meanings that emerge from the verbal-visual discourse

---

<sup>1</sup> É Doutor em Estudos da Linguagem e Professor Colaborador do curso de Letras (UNESPAR – Campus Apucarana). E-mail: alguerrajunior@gmail.com

<sup>2</sup> É Doutora em Estudos da Linguagem e Professora Colaboradora do curso de Letras (UEL). E-mail: ediuell@yahoo.com.br

<sup>3</sup> É Doutora em Estudos da Linguagem e Professora Adjunto do curso de Letras (UEL). E-mail: lolyane@uel.br



expressed in graffiti with the theme “sanitizing alcohol”, situated in the context of the pandemic, photographically captured in the city of Londrina - PR. These statements are contrasted with media texts and analyzed in the light of text/discourse theories, considering their argumentative dimension and their historical-ideological dimension. From the establishment of connections between the “said”, both from the graffiti and the media statements, and the “unsaid” that emerge from this entire discursive network, the analyzes show that the studied graffiti, in a process of evident displacement, depart from a transgressive position to an awareness-raising position, insofar as, at different levels, they defend the science behind “sanitizing alcohol” in the fight against the pandemic.

**Keywords:** Graffiti. Meaning. Discourse and argumentation.

## INTRODUÇÃO

Nos múltiplos processos de interação dos quais participamos socialmente, buscamos expressar nossas ideias, nossas crenças, nossos valores, ou seja, tencionamos registrar quem somos e tudo aquilo que nos constitui. Essa expressão é alcançada por meio da mobilização de diferentes linguagens, as quais, inscritas em diferentes suportes, manifestam materialmente nossos dizeres.

O que dizemos, no entanto, não parte do nada. Há, revisitando o caráter dialógico da linguagem afirmado por Bakhtin (1979), uma interação constante entre vozes, as quais vão sendo paulatinamente retomadas e ressignificadas em outros tempos e outros espaços. Há, sob uma ótica discursiva, um “saber discursivo que torna possível todo dizer” (ORLANDI, 2001, p. 31), um interdiscurso a partir do qual se constroem (novos e outros) sentidos.

Considerando essas noções, é possível compreender que os discursos se moldam a situações específicas, a condições de produção que determinam, histórica, social e ideologicamente, o que se diz, o que significa. Dessa forma, nossos discursos são atravessados por marcas daquilo que vivenciamos, das experiências de que participamos.

Um exemplo produtivo e recente emerge da pandemia de Covid-19, cujos impactos se desdobram, em várias áreas, há aparentemente intermináveis meses. Como uma fonte de conteúdo quase inesgotável, esse evento de proporções globais se instaurou como a base fundamental de discursos componentes de notícias, textos científicos e, até mesmo, as mais simples interações conversacionais cotidianas.

Não só verbalmente, o tema “pandemia” se propagou em termos de visualidade. Imagens e registros gráficos de toda ordem se proliferaram na espacialidade urbana, reiterando as significações decorrentes dos discursos ininterruptamente disseminados pela mídia. E é nesse conjunto de materialidades discursivas que podem ser observadas as pichações delineadas dentro do campo semântico pandêmico.

Este trabalho tem, portanto, o objetivo de analisar os sentidos que emergem do discurso verbo-visual expresso em pichações com o tema “álcool gel”, situado no contexto da pandemia, capturados fotograficamente na cidade de Londrina - PR. Trata-se de uma proposta de análise das significações emergentes do diálogo discursivo entre esses textos e outros de natureza jornalística.



Na sequência, então, organizamos o texto da seguinte forma para o alcance do objetivo: primeiramente, apresentamos a fundamentação teórica mobilizada para o estudo; depois, incluindo o *corpus*, discutimos os procedimentos metodológicos adotados; por fim, trazemos nossas análises e reflexões a partir dos objetos selecionados para a discussão aqui proposta.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A proposta aqui delineada parte do interesse de investigar os sentidos que emergem de discursos veiculados por pichações, num diálogo com aqueles conduzidos por textos midiáticos. Dessa forma, é necessária uma discussão teórica que articule noções essenciais para as análises, tais como: (i) as relações que se estabelecem entre discurso e argumentação; (ii) o papel da mídia na disseminação de sentidos e valores ideológicos; e (iii) o caráter argumentativo que reveste as pichações inscritas na paisagem urbana.

### 1.1 INTERSECÇÕES ENTRE DISCURSO E ARGUMENTAÇÃO

O uso da língua sempre parte de um sujeito em direção a outro sujeito, ou seja, linguagem é interação. E essa interação do homem, por meio do discurso, caracteriza-se essencialmente pela argumentação, pois, conforme Oléron (1996), cada uma das pessoas, em vários momentos, em várias circunstâncias, é levada a argumentar, quer se trate de defender sua causa, de justificar sua conduta, de censurar ou de elogiar amigos, adversários, homens públicos ou parentes, de pesar os prós e os contras de uma escolha ou de uma decisão.

Koch (2000) afirma que o ato de argumentar, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, já que a todo discurso subjaz uma ideologia. Desse modo, em todo discurso se faz presente a argumentatividade, em maior ou menor grau. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 16) afirmam:

[...] Mas, quando se trata de argumentar, de influenciar, por meio do discurso, a intensidade de adesão de um auditório a certas teses, já não é possível menosprezar completamente, considerando-as irrelevantes, as condições psíquicas e sociais sem as quais a argumentação ficaria sem objeto ou sem efeito.

Orlandi (2001, p. 21) afirma que “o discurso é efeito de sentido entre interlocutores”. Para a autora, todo discurso produz sentidos a partir de outros sentidos já cristalizados na memória discursiva, legitimados na sociedade e recuperados pela historicidade. Sob esse aspecto, a produção dos sentidos acontece porque eles já estão lá, por já terem significado em algum momento, são os “já-ditos” (ORLANDI, 2001, p. 31). Ao utilizar a língua, o homem veicula discursos com o objetivo de atuar e interagir com e sobre o outro, ou seja, ele está argumentando, ele está integrando-se ao universo do outro. A língua passa, então, a ser vista como portadora de uma capacidade argumentativa inerente.



Por isso, sempre que falamos, mostramos uma conexão entre nossas ideias e nossas intenções. Quando direcionamos nosso discurso, temos certas intenções, orientamos nossas palavras para atingir determinado alvo, visamos produzir certos efeitos.

Entram aqui todos os aspectos relacionados à intenção do falante, à sua atitude perante o discurso que produz, aos pressupostos, ao jogo das imagens recíprocas que fazem os interlocutores um do outro e do tema tratado, além dos fatores implícitos que deixam no texto, marcas linguísticas [...] (KOCH, 2000, p. 32).

Essas relações são chamadas de argumentativas e são as responsáveis pela estruturação dos enunciados, por meio de encadeamentos sucessivos, sendo cada um resultante de um ato de linguagem, e, para convencer ou persuadir, tais encadeamentos agem sobre o interlocutor.

Considerando a relação que se constitui entre discurso e argumentação, Fiorin (2018) focaliza o princípio da responsividade contido na natureza dialógica do discurso, e justifica, assim, o seu posicionamento:

Ora, se a argumentação é a tomada de posição contra outra posição, a natureza dialógica do discurso implica que os dois pontos de vista não precisam ser explicitamente formulados. Na medida em que um discurso é sempre um discurso sobre outro discurso, todos os discursos são argumentativos, pois todos eles fazem parte de uma controvérsia, refutando, apoiando, contestando, sustentando, contradizendo um dado posicionamento. Todos os discursos são argumentativos, pois são uma reação responsiva a outro discurso. (FIORIN, 2018, p. 29)

A não necessidade de formulação explícita, como aponta Fiorin (2018), dialoga com as reflexões de Orlandi (2007, p. 12), quando a autora afirma que “todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer”. Em outras palavras, “ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam” (ORLANDI, 2001, p. 82). Nesse sentido, o teor argumentativo de um discurso vai se construindo a partir do conteúdo que ele carrega e de conteúdos que ele evoca.

Vale destacar que, nessa rede de relações, os sentidos podem ser múltiplos, mas não prescindem de determinações. Tais determinações são as condições de produção do discurso, as quais podem ser pensadas tanto como o contexto imediato e específico das circunstâncias de enunciação de um texto, quanto o contexto histórico, social, ideológico, político, econômico e institucional, ou seja, a história com a qual o discurso se relaciona (Orlandi, 2001).

Desse modo, é essencial pensarmos em como certas produções, certos textos, como os de natureza midiática, produzem e disseminam seus dizeres.

## 1 2 TEXTOS MIDIÁTICOS COMO VEÍCULOS DE SENTIDOS E IDEOLOGIAS



Os meios de comunicação como o rádio, a televisão e o jornal desempenham um papel muito importante socialmente, pois interferem nas opiniões e nas convicções dos que os acompanham. “Os meios de comunicação social são um instrumento de enorme eficácia para impor ideologias e interesses de todo tipo, criando uma opinião pública na medida dos grupos que controlam as informações” (BLAZQUÉZ, 1999, p. 51).

O poder inegável da mídia é provado a cada dia quando constatamos a rápida disseminação e reprodução de ideias, valores e pontos de vista, veiculadas por esses meios, pela população em geral. Hoje, os mais variados canais existentes, sejam eles digitais ou não, a exemplo, os aplicativos de mensagens, as redes sociais ou a boa e velha conversa presencial entre amigos são os responsáveis por reproduzir essas posições.

Dessa forma, os textos midiáticos colocam-se como veículos que levarão sentidos e ideologia em suas composições, que serão reproduzidos por outros textos (até mesmo pelas pichações), a fim de influenciar o dizer do sujeito/leitor, uma vez que “[...] a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (ORLANDI, 2001, p. 46).

Todos os campos de atuação humana estão permeados por ideologia, seja ele o social, o intelectual, o científico, o artístico, o dos trabalhadores, o dos pobres ou o dos ricos. Marcondes Filho (1997, p. 69) afirma que “onde está o trabalho do homem, a sua criatividade, aí está a produção e a reprodução da ideologia”. Em outras palavras, o ser humano está vinculado à ideologia, e, assim, toda criação contém uma crença, um sentido, uma visão de mundo, uma emoção.

Dessa forma, um texto, verbal ou não verbal, ao conter determinada imagem ou palavra, está expressando um posicionamento, uma forma de representar a realidade e, portanto, uma ideologia. “O poder da ideologia não pode ser superestimado. Ele afeta tanto os que negam sua existência quanto os que reconhecem abertamente os interesses e os valores intrínsecos às várias ideologias” (MÉSZÁROS, 2004, p. 64).

Os discursos proferidos pelos sujeitos estão em constante relação, seja por aproximação de ideias, seja pela negação dessas; e nossas práticas sociais são permeadas por esses dizeres e posições. Nessa direção, para Althusser (2001, p. 92): “1) só há prática através de e sob uma ideologia; e 2) só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito”. Nesse sentido, Fiorin (2000, p. 43) é ainda mais categórico ao afirmar que “o indivíduo não pensa e não fala o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale”, lembrando que a “realidade”, em si, é moldada pela ideologia”.

Assim, na construção dos textos, incluindo aqueles veiculados nas mídias e até aqueles que integram as pichações, considerando o que diz Orlandi (2005a, p. 105), “não é em ‘x’ que está a ideologia, é no mecanismo (imaginário) de produzir ‘x’, sendo ‘x’ um objeto simbólico”. Tomando “x” como sentido, a autora afirma que a ideologia não está inserida nele, mas, sim, no modo como ele foi produzido.

Em outras palavras, o texto, em sua composição e escolhas, carrega certos valores e ideias que são transmitidas aos indivíduos de determinado grupo, o denominado público-alvo. Todavia, a ideologia em si não está calcada na superfície, ou seja, ela não está explícita no(s) sentido(s) disponibilizado(s). A ideologia desse discurso está nas estratégias aplicadas para a sua organização, muitas vezes visando à adesão do



sujeito leitor. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 84), “os valores intervêm, num dado momento, em todas as argumentações”.

Nos discursos, os efeitos de sentido são construídos a partir do momento em que há interação entre os sujeitos. Assim, podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seus sentidos dessas posições, isto é, em relação às posições ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (ORLANDI, 2001, p. 42).

Para Bakhtin e Voloshinov (1979, p. 17-18),

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. [...] A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. [...] A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.

Isso posto, podemos afirmar que as pichações, *corpus* de nossas análises, atuam como uma forma de manifestação, por meio da palavra (“fenômeno ideológico por excelência”), das dinâmicas e mazelas sociais, do processo de exclusão, de conscientização, da propagação de ideias afins ou contrárias ao sistema, das crenças e descrenças, dos valores, ou seja, trata-se da exposição de um discurso ideológico e com alto teor argumentativo, como veremos a seguir.

### 1.3 AS PICHAGENS COMO DISCURSOS ARGUMENTATIVOS

Em termos conceituais, numa acepção basilar, dicionarizada, uma pichação corresponde ao “ato de pichar”, ou seja, “escrever, rabiscar (dizeres de qualquer espécie) em muros, paredes, fachadas de edifícios, etc.” (HOUAISS, 2009). Elementos como “rabiscar” e “qualquer espécie”, no entanto, direcionam semanticamente a definição para um tom depreciativo, afinal um rabisco é compreendido como um “risco mal traçado”, um “desenho composto por traços malfeitos” (HOUAISS, 2009). Talvez resida aí uma possível origem para um caráter vandálico atribuído às pichações encontradas na paisagem das cidades.

O fato é que, para muito além de enunciados decorrentes de ações de vandalismo, as pichações permitem-se observar sob outra ótica. Nascimento (2015), por exemplo, considera esse tipo de manifestação discursiva como uma manifestação de arte contemporânea. Essa associação se dá sob uma base filosófica, evocando-se preceitos relacionados à estética e à produção cultural.

Na perspectiva de Nascimento (2015), a pichação, como forma de arte, assume um papel contestatório. Nessa produção humana, inter-relacionam-se aspectos não



apenas artísticos, mas também sociais, culturais, políticos e ideológicos. Dessa rede de relações, são construídos sentidos a partir de uma linguagem organizada numa gramática própria.

Lassala (2010) também reflete sobre as pichações numa perspectiva artística, no âmbito específico da arte de rua. Segundo o autor, as intervenções urbanas que se enquadram nesse tipo de arte “[...] não usam apenas palavras e desenhos para se expressar [...] trata-se de criativas intervenções, sempre variando a forma de atuação, o suporte e o modo de expressão” (LASSALA, 2010, p. 25).

No que se refere especificamente à pichação, Lassala (2010, p. 35) argumenta que é “[...] uma ação de transgressão para marcar presença, chamar atenção para si ou para alguma causa por meio da subversão do suporte” – não se tem o papel ou a tela, mas o muro, a parede. E é nesse deslocamento que se instaura o movimento transgressor: “os suportes para a pichação nunca são autorizados ou cedidos, são sempre invadidos” (LASSALA, 2010, p. 35).

Entretanto, mais uma vez, recai sobre as pichações um olhar que não julga, mas que aprecia o seu potencial discursivo: Lassala (2010, p. 93), ao considerar as pichações como “fenômenos legítimos de manifestação social urbana”, defende a possibilidade de tomá-las “[...] como inspiração para reflexões visuais que podem e devem auxiliar na construção de novas formas de interpretações gráficas da condição em que vivemos”. Isso porque seus dizeres significam e refletem a realidade.

Por esse viés, podemos estabelecer um diálogo com as reflexões de Orlandi (2005b, p. 7), que define a pichação como um “lugar da resistência”. Conforme a autora, “há no gesto da pichação um desejo, uma necessidade que vai além. [...] O gesto da pichação representa esse sujeito mais fundamente na sua vontade social: o do que sai do silêncio [...]” (ORLANDI, 2005b, p. 12-13). Em outras palavras, por meio do registro de enunciados em muros e paredes, é facultada ao indivíduo a possibilidade de “dizer”.

Mesmo sob a condição de anonimato, especialmente nas situações em que não se tem o registro da autoria, a pichação é um “dito” que dialoga diretamente com outros dizeres. Isso se dá no movimento do interdiscurso, que “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2001, p. 31). Isso significa pensar que o pichador, sujeito da pichação, considerando as condições de produção nas quais se insere no momento da prática do ato, mobiliza sentidos que advêm de fontes discursivas e ideológicas à sua volta.

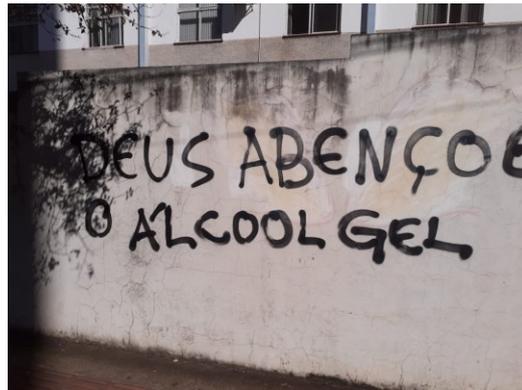
Nesse processo dialógico, o sujeito busca ser ouvido, ou melhor, lido, contemplado visualmente. E essa busca engendra um processo fundamentalmente argumentativo: suas escolhas lexicais, seus traços, o conteúdo associado a uma expressão, tudo é mobilizado com o propósito de atrair o olhar, de capturar a atenção de quem passa, de convencer. As pichações, assim, são alçadas ao estatuto de discursos argumentativos, cuja composição se dá por diferentes estratégias, tais como explicitamos a partir de nosso *corpus* de análise.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS



A proposta de análise aqui apresentada, conforme já explicitado, está balizada pelo objetivo de explorar os sentidos decorrentes da constituição verbo-visual de pichações que, enquanto discursos, mobilizam um mesmo tema: “álcool gel”. O *corpus*, conforme Figuras 1 e 2, é constituído de dois enunciados registrados em muros da cidade de Londrina - PR, nos quais permanecem desde 2020, ano em que o país foi atingido diretamente pelos efeitos da pandemia de Covid-19.

**Figura 1:** Pichação - tema “álcool gel” (1).



Fonte: Material coletado pelos autores.

**Figura 2:** Pichação - tema “álcool gel” (2).



Fonte: Material coletado pelos autores.

Metodologicamente, os enunciados são analisados a partir de fundamentos advindos das teorias do texto/discurso, especialmente a Semântica Argumentativa e a Análise do Discurso, considerando-se uma leitura pautada em categorias específicas, conforme explicitado no Quadro 1, a seguir:

**Quadro 1:** Categorias de análise do *corpus*.

Categoria	Descrição
Dimensão histórico-ideológica	Análise das condições de produção e do interdiscurso resgatado pelos ditos e não ditos.



Dimensão linguístico-argumentativa	Análise das marcas linguísticas que operam a argumentação contida no discurso verbal em si.
------------------------------------	---

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para as análises, considerando-se as categorias elencadas, especialmente a histórico-ideológica, e buscando-se a verificação de uma cadeia discursiva que extrapola os limites das pichações selecionadas, são mobilizados enunciados complementares, extraídos de manchetes publicadas em diferentes edições de um jornal local:

**Quadro 2:** Seleção de enunciados complementares.

Enunciados principais (pichações)	Enunciados complementares (textos midiáticos)
“Deus abençoe o álcool gel”	“Diálogo entre fé e ciência: reflexões em tempos de crise” (Folha de Londrina, 23 mar. 2021) “Em despedida, Mandetta elogia SUS, defende ciência e manda recado a Bolsonaro” (Folha de Londrina, 17 abr. 2020)
“Álcool gel < Água e sabão”	“Procon fecha farmácias por venda abusiva de álcool em gel” (Folha de Londrina, 19 mar. 2020) “Indústrias contabilizam escalada nas vendas de álcool em gel” (Folha de Londrina, 17 jul. 2020)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na seção a seguir, são apresentadas as análises.

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A partir de agora, são apresentados os resultados das análises dos enunciados componentes do *corpus*, com base nas categorias definidas, em contraste com os enunciados complementares que integram a cadeia discursiva em que se inserem as pichações.

#### Categoria 1: Dimensão histórico-ideológica

Quanto à *dimensão histórico-ideológica* dos enunciados componentes do *corpus*, tencionamos explorar as condições de produção e o interdiscurso resgatado pelos ditos e não ditos.

O primeiro enunciado – “*Deus abençoe o álcool gel*” (Figura 1) – integra uma pichação cujos efeitos de sentido direcionam para a valorização da ciência sob o aval de um discurso religioso. Essa leitura emerge da posição ocupada pelo “álcool gel” no discurso, como um objeto sobre o qual deve recair uma “bênção”, direcionamento alcançado pela expressão “*Deus abençoe*”, de caráter volitivo.

O sujeito pichador inscreve, em seu discurso, uma percepção positiva do produto, como se a bênção representasse uma espécie de agradecimento por sua existência. Dessa forma, como resulta de pesquisas científicas, que, em dado momento, chegaram à sua formulação, o produto passa a representar a própria ciência, de modo que ambos recebem o mesmo valor a partir de uma fundamentação religiosa.



Pode-se questionar, no entanto, as motivações que levaram o sujeito a essa produção, e essas são resgatáveis dos dizeres que circundam o enunciado, ou seja, dos não ditos: se a bênção é pedida para um produto, ou seja, se é afirmado o seu valor positivo, é bastante provável que um contradiscurso, refutador, tenha sido projetado em outras circunstâncias. E é isso que se recupera dos enunciados jornalísticos publicados à época dos registros das pichações.

A partir dos textos complementares apresentados no Quadro 2, verificamos a publicização de um cenário de embates ideológicos. São afirmados “tempos de crise” (Folha de Londrina, 23 mar. 2021), nos quais um representante do governo “defende a ciência” (Folha de Londrina, 17 abr. 2020), ao passo que outro, embora a informação não seja explicitada na manchete, a invalida constantemente. Vale ressaltar que a crise noticiada assume proporções tão significativas que elementos historicamente contrastantes são retratados em um patamar pacífico: “diálogo entre fé e ciência”. Tem-se, nessa associação entre discursos religiosos e científicos, a materialização da fonte do enunciado da pichação.

O segundo enunciado – “Álcool gel < Água e sabão” (Figura 2) –, de forma semelhante, aponta para a valorização dos estudos científicos, a partir dos quais se chega à constatação de que tanto o álcool quanto o sabão são eficazes no processo de sanitização. Porém, é atribuído ao “álcool gel” um papel aparentemente secundário: a associação de “água e sabão” é apontada com uma valoração maior. E o que poderia ser compreendido, à primeira vista, como uma simples opinião do sujeito pichador, pode ser assumido, de forma mais profunda, como uma importante crítica.

Conforme apontam os enunciados complementares extraídos das manchetes elencadas no Quadro 2, com as recomendações sanitárias constantes para a manutenção da higiene das mãos no combate à contaminação, foi percebida uma “escalada nas vendas de álcool gel” (Folha de Londrina, 17 jul. 2020), sendo que, inclusive, órgãos de fiscalização penalizaram pontos comerciais nos quais foi posta em prática a “venda abusiva” do produto (Folha de Londrina, 19 mar. 2020).

Nesse sentido, a pichação ecoa como um lembrete: a eficiência da combinação “água e sabão” permite aos indivíduos se esquivarem de gastos exorbitantes com a aquisição do álcool gel. O sistema capitalista é, nesse movimento discursivo, portanto, diretamente afetado.

O que se percebe, na análise dos dois enunciados, é o diálogo das pichações com outros dizeres, com produções discursivas de outros sujeitos, em outros suportes. Isso ilustra as proposições de Orlandi (2001, p. 32): “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas’ palavras.”

A síntese desse percurso de leitura é expressa no Quadro 3, a seguir:

**Quadro 3:** Síntese da análise dos enunciados na categoria 1.

Enunciados	Dimensão histórico-ideológica
“Deus abençoe o álcool gel”	Associação de elementos contrastantes (religião e ciência) Valorização da ciência



“Álcool gel < Água e sabão”	Combate ao capitalismo Valorização da ciência
-----------------------------	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

### **Categoria 2: Dimensão linguístico-argumentativa**

Quanto à *dimensão linguístico-argumentativa* dos enunciados componentes do *corpus*, tencionamos explorar as marcas linguísticas que operam a argumentação contida no discurso verbal em si.

O primeiro enunciado – “*Deus abençoe o álcool gel*” (Figura 1) –, como já apontado, integra uma pichação que, para a valorização da ciência, faz uso de uma expressão de base religiosa. Além do caráter volitivo, que evoca uma visão positiva do sujeito pichado em relação ao produto sanitizante, a seleção lexical “*Deus abençoe*” encontra respaldo justamente no suporte em que é registrada: o muro de um colégio católico da cidade.

Esse ajustamento entre o teor do enunciado e o espaço em que ele se materializa ilustra um caso de situacionalidade, a qual, segundo Koch (2009, p. 40) pode ser considerada em duas direções: “da situação para o texto e vice-versa”. No primeiro caso, são avaliados os fatores que interferem na produção e na recepção do texto: o conteúdo dessa pichação parece ser diretamente determinado pelo contexto pandêmico e, também, pelo colégio ao qual pertence o suporte de inscrição. Já o segundo caso refere-se aos reflexos do texto sobre a situação, a partir da mediação do produtor do discurso: o conteúdo da pichação, ao evocar elementos de ordem religiosa, parece justificar a ocorrência do ato, minimizando o caráter vandálico que comumente recai sobre produções dessa natureza.

O segundo enunciado – “*Álcool gel < Água e sabão*” (Figura 2) –, por sua vez, como já observado, instaura uma avaliação do enunciador a partir do contraste estabelecido entre produtos diferentes. Para isso, o texto é construído com base num paralelismo visual, em que “*álcool gel*” e “*água e sabão*” são cotejados a partir da mobilização do símbolo matemático “*<*” (menor que).

O recurso gráfico selecionado opera, no âmbito da argumentatividade do enunciado, um processo de comparação. Na perspectiva de Fiorin (2018, p. 50), uma das formas de comparação é aquela em que cada um dos elementos constitui uma parte do enunciado: “*analisa-se o primeiro termo da comparação; examina-se o segundo termo da comparação e, depois, faz-se uma reflexão nascida da confrontação dos fatos evocados nas duas partes precedentes*”. É esse o exato movimento que ocorre na leitura da pichação: de um lado, examinam-se os sentidos evocados pelo “*álcool gel*”; de outro, aqueles trazidos pela combinação “*água e sabão*”; por fim, a partir do símbolo que une os dois polos, conclui-se a suposta prevalência de um sobre o outro.

Vale dizer que, em um nível discursivo, o símbolo matemático empregado funciona como um operador argumentativo, já que tem a função de indicar “a força argumentativa” do enunciado (KOCH, 2010, p. 30). Nesse caso, traduzido pela expressão linguística “menor que”, o símbolo atua como um operador de comparação, direcionando a uma dada conclusão, conforme mencionado.

Uma das particularidades dos operadores é que, diferentemente dos “conectivos lógicos” da gramática, “eles podem ligar não apenas proposições, mas também



enunciações a proposições, e mesmo encadear com elementos da situação extralingüística ou com reações não ditas que o locutor atribui a si mesmo ou ao destinatário” (MAINGUENEAU, 1993, p. 162). No caso da pichação, tal operador estabelece conexões entre o dito do enunciado e os não ditos à sua margem.

Em linhas gerais, a análise de como enunciados dessa natureza se articulam linguisticamente é necessária, já que, conforme aponta Maingueneau (1993, p. 162), “os encadeamentos argumentativos possíveis dependem, pois, da estrutura lingüística dos enunciados e não apenas das informações que veiculam”.

A síntese desse percurso de leitura é expressa no Quadro 4, a seguir:

**Quadro 4:** Síntese da análise dos enunciados na categoria 2.

Enunciados	Dimensão linguístico-argumentativa
“Deus abençoe o álcool gel”	Construção fundada na situacionalidade (pichação em muro de colégio religioso)
“Álcool gel < Água e sabão”	Construção fundada na comparação (< = menor que ...)

Fonte: Elaborado pelos autores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises apresentadas evidenciaram um processo em que pichações dialogam com outros dizeres que, de alguma forma, permitem o alcance dos sentidos em suas margens. Sobre essa dinâmica discursiva, Orlandi (2001, p. 30) assevera:

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele.

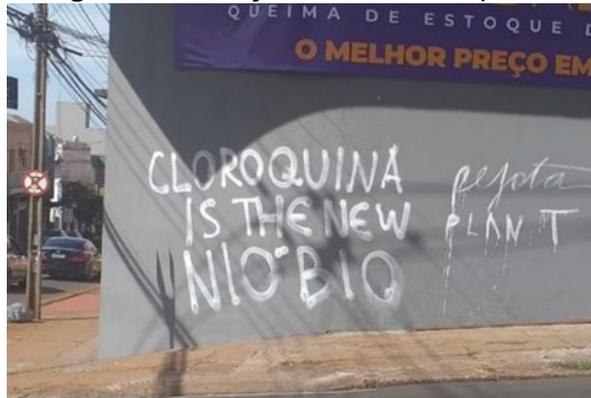
Além disso, verificamos que os enunciados explorados, num processo de evidente deslocamento, partem de uma posição transgressora, quando vistas como atos vandálicos, para uma posição conscientizadora, na medida em que, em diferentes níveis, defendem a ciência que está por trás do “álcool gel” no combate à pandemia.

Enfatizamos, contudo, que essas análises constituem apenas uma das múltiplas leituras possíveis. Afinal, enquanto enunciados públicos, as pichações estão disponíveis aos olhares de outros pesquisadores, inclusive sob outros vieses teóricos. Vale destacar, como exemplo, o texto “Pedagogias culturais em tempos de pandemia: educações nos muros de Londrina”, de Polizel, Fary e Rezzadori (2021), que coincidentemente se debruçaram sobre o mesmo *corpus*, com o objetivo de analisar essas pichações como recursos que promovem a reflexão e, sobretudo, ensinam.



Como essas pichações, existem outros exemplos disseminados pelas cidades, como ilustra a imagem da Figura 3, a seguir, também fruto da temática discutida neste artigo, mas que se manifesta com outras escolhas lexicais, fato que possibilita a análise e a identificação de outros discursos e diferentes ideologias, logo, novos sentidos: o foco, nessa pichação, é a discussão sobre a eficácia de um medicamento (a “cloroquina”), em torno da qual giraram intensos debates na mídia e na sociedade como um todo, em associação com as denúncias sobre o aumento nos índices de exploração do elemento químico “nióbio” no Brasil.

**Figura 3:** Pichação - tema “cloroquina”.



Fonte: Material coletado pelos autores.

Finalizamos, então, com o convite para que novos olhares, sob novas perspectivas, se voltem para essas e outras pichações, desvendando os seus multifacetados e argumentativos sentidos.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do estado**. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1979].

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979 [1929].

BLAZQUÉZ, N. **Ética e meios de comunicação**. Trad. de Rodrigo Contrera. São Paulo: Paulinas, 1999.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2000.

FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2018.

HOUAISS, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Lingüística Textual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.



- LASSALA, G. **Pichação não é pixação**. 1. ed. São Paulo: Altamira, 2010.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 2. ed. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes; Edunicamp, 1993.
- MARCONDES FILHO, C. **Ideologia**. 9. ed. São Paulo: Global, 1997.
- MÉSZÁROS, I. **O poder da ideologia**. Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2004.
- NASCIMENTO, L. H. P. do. **Pixação, a arte por cima do muro**. Cachoeira do Sul: Monstro dos Mares, 2015.
- OLÉRON, P. **L'argumentation**. 4. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005a.
- ORLANDI, E. P. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: II SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2005b. Disponível em: <https://tinyurl.com/yf6seae5>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Edunicamp, 2007.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- POLIZEL, A. L.; FARY, B. A.; REZZADORI, C. B. D. B. Pedagogias culturais em tempos de pandemia: educações nos muros de Londrina. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 24, p. 1-7, e-16067.060, 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/yaouuzl9>. Acesso em: 30 mar. 2022.



## RADIODIFUSÃO E PANDEMIA: DISCURSIVIDADES NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Dayvid Junio Sena Bispo<sup>1</sup>

*Universidade do Estado da Bahia (UNEB)*

### RESUMO

A proposta investigativa deste trabalho se debruça sob uma análise das discursividades materializadas no segmento educacional durante a chegada da pandemia, em específico na educação pública superior baiana. A sociedade foi impactada pelos tensionamentos provocados pela pandemia com repercussões em todas as camadas sociais. Os principais desdobramentos desta situação ensejaram uma mudança no funcionamento das relações econômicas, sociais e políticas, convergindo assim, para uma ampla reconfiguração das práticas ideológicas até então compartilhadas pelos grupos sociais. Optamos por selecionar o espaço radiofônico como *lócus* de produção dos processos discursivos, sobretudo pela ampla penetração do rádio nos múltiplos setores sociais situados no interior da Bahia. Para tanto, nos filiamos ao aporte teórico da *análise do discurso* de linha francesa como uma disciplina que permite diagnosticar os funcionamentos discursivos bem como os princípios que regulam a produção do discurso. Neste sentido, podemos dizer que este estudo tem como objetivo geral identificar as práticas ideológicas resultantes do evento pandêmico a partir de um segmento com participação importante nas engrenagens socioeconômicas: o setor educacional. O nosso *corpus* resulta de agrupamentos discursivos, organizados em sequências discursivas reguladas pela noção de *condições de produção*. Tal *corpus* se materializa através de uma entrevista realizada pelo diretor da UNEB/Campus IV, onde este tratou sobre a nova roupagem adotada pela universidade visando dar continuidade ao ensino superior no Piemonte da Diamantina. Portanto, a leitura deste arquivo oferece uma apreensão dos possíveis sentidos construídos a partir dos elementos históricos inéditos desencadeados pela pandemia possibilitando uma compreensão do acontecimento pandêmico.

**Palavras-chave:** Pandemia. Educação Superior. Discursividades.

### ABSTRACT

The investigative proposal of this article is focused on an analysis of the discursivities materialized in the educational segment during the arrival of the pandemic, specifically in higher public education in Bahia. Society was impacted by the tensions provoked by the pandemic with repercussions in all social layers. The main consequences of this situation brought about a change in the functioning of economic, social, and political relations, thus converging to a broad reconfiguration of the ideological practices shared by social groups until then. We chose to select the radio as the locus of production of discursive processes, especially because of the broad penetration of radio in the multiple social sectors located in the interior of Bahia. To this end, we affiliate ourselves to the theoretical contribution of French discourse analysis as a discipline that allows us to diagnose the discursive workings as well as the principles that regulate the production of discourse. In this sense,

---

<sup>1</sup> É mestrando pelo PPGEL/UNEB e professor da rede municipal de ensino básico em Jacobina/BA. E-mail: marksenas@gmail.com



we can say that this study has the general objective of identifying the ideological practices resulting from the pandemic event from a segment with important participation in the socioeconomic gears: the educational sector. Our corpus results from discursive groupings, organized in discursive sequences regulated by the notion of conditions of production. It is materialized through an interview conducted by the director of UNEB/Campus IV, where he talked about the new clothes adopted by the university aiming at giving continuity to higher education in the Diamantina Piedmont. Therefore, the reading of this archive offers an apprehension of the possible meanings constructed from the unprecedented historical elements triggered by the pandemic, enabling an understanding of the pandemic event.

**Keywords:** Pandemic. Higher Education. Discursivities.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi realizada com o intuito de analisar as discursividades produzidas no espaço das emissoras de radiodifusão durante a chegada da pandemia no Brasil, especificamente na região que compreende a cidade de Jacobina na Bahia. Para tanto, optamos por utilizar o aporte teórico da *análise do discurso* de linha francesa como uma disciplina que permite diagnosticar os funcionamentos discursivos, isto é, em comunhão com o pensamento de Pêcheux (1990) nos termos utilizados por Orlandi (2017, p. 46) “entendendo o discurso em sua relação com a ideologia, e o real da língua como um corpo atravessado por falhas, submetido à irrupção interna da falta”.

Desse modo, a AD catalisa questões de sentido que muitas vezes não conseguiam ser abarcadas por outros aportes teóricos, conseguindo atingir a compreensão de fatos discursivos numa ótica polifônica, desvelando as vozes que atravessam as materialidades discursivas.

Ultimamente, a sociedade foi impactada por uma série de tensionamentos provocados pela pandemia com repercussões em todas as camadas sociais. Os principais desdobramentos desta situação ensejaram uma mudança no funcionamento das relações econômicas, sociais e políticas, convergindo, assim, para uma ampla reconfiguração das práticas ideológicas até então compartilhadas pelos grupos sociais nas últimas décadas. Não obstante, esse novo contexto favoreceu ao surgimento de uma série de materialidades discursivas que refletem a atmosfera pandêmica em curso.

Neste sentido, podemos dizer que este estudo tem como objetivo geral identificar as práticas ideológicas resultantes do evento pandêmico a partir do segmento educacional superior, o qual possui importante participação nas engrenagens socioeconômicas. Para tanto, tomamos como base os dizeres do diretor da UNEB/Campus IV por meio de entrevista concedida ao programa de rádio da emissora local.

Diante da possibilidade de suspensão e até mesmo modificações de algumas atividades desenvolvidas no município, ocorreu uma série de debates provocados pelas emissoras de radiodifusão com sede em Jacobina. A partir deste cenário, os programas jornalísticos veiculados por estas rádios, as quais possuem forte penetração na opinião pública, iniciaram reportagens, editoriais e entrevistas que visavam construir uma imagem dos principais desafios instalados pela pandemia, sobretudo suas repercussões nos âmbitos *educacional* e *político*, segmentos que fizeram emergir múltiplas preocupações quanto à segurança das pessoas e às responsabilidades por eventuais favorecimentos à circulação do vírus.



Deste modo, o nosso *corpus é constituído por* agrupamentos discursivos, organizados em sequências discursivas reguladas pela noção de *condições de produção* (cf, COURTINE & MARADIN, 2016). Este conjunto de discursividades se materializa através de uma entrevista radiofônica realizada pelo diretor da UNEB/*Campus IV*, onde o mesmo tratou sobre a nova roupagem adotada pela universidade visando dar continuidade ao ensino superior no território do Piemonte da Diamantina, espaço que compreende 9 municípios atendidos pela UNEB sediada em Jacobina. Portanto, dado as bases que condicionam as materialidades examinadas neste trabalho, é importante reforçar que todos os abalos, problemas e desafios desencadeados pela chegada da pandemia no Brasil, mobilizaram nossos esforços no intuito de apreender os possíveis sentidos construídos a partir dos elementos históricos inéditos carregados pelo acontecimento pandêmico, talvez, o mais intrigante deste século. A leitura destes arquivos constitui abertura para descrição do acontecimento pandêmico, por meio de um enfoque na educação superior representada por meio do pronunciamento de seu diretor em entrevista às emissoras de radiodifusão.

## 1 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO RADIOFÔNICO

Diante do cenário no qual a sociedade moderna tem vivenciado inovações no acesso e na operacionalização dos meios de comunicação, é inegável o papel determinante exercido pela imprensa (TV, Rádio, Jornais e as Redes Sociais) nas práticas de linguagem que envolvem os diversos estratos sociais. Os vestígios históricos de constituição e produção sucessivas de informações na mídia são determinantes para a formulação, circulação e manutenção do discurso que se sustenta no papel da imprensa como um regulador social de saberes (MEDEIROS, 2008), atuando de modo a se estabelecer enquanto instância de autoria mediadora/interpretativa acerca de fatos e fenômenos que normalmente afetam e são afetados, de algum modo, pelos efeitos históricos, sociais, políticos e ideológicos.

Neste contexto, nosso objeto de análise – uma entrevista transmitida nos moldes dos dispositivos radiofônicos – mobiliza uma série de práticas discursivas que contribuem para produção de acontecimentos a partir do espaços heterogêneos onde estão instalados. Estes dispositivos de comunicação incorporam tecnologias pioneiras na comunicação junto às comunidades ouvintes e seus distintos segmentos, estão presentes no cenário sócio-histórico desde o início do século XX. As especificidades discursivas oriundas da imprensa de massa, e, neste caso, nas ondas de rádio, enquadram-se em questões centrais que Michel Pêcheux (ADD69) assinala como condições de produção do discurso:

(...) pensar os processos discursivos em sua generalidade: enunciaremos a título de proposição geral que os fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento mas com a condição de acrescentar imediatamente este funcionamento não é integralmente linguístico, no sentido atual desse termo, e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamamos de “condições de produção” do discurso. (PÊCHEUX, 2014, p. 78)

A partir desta premissa, iremos considerar as condições de produção do discurso rádio jornalístico para mapear parte do contexto sócio-histórico da mídia radiofônica e suas exterioridades constituintes mediante seleção de sequências discursivas obtidas através do arquivo



disponível em plataformas digitais, em virtude das limitações estabelecidas pelo recorte deste trabalho, iremos analisar duas sequências centrais da entrevista que compõe nosso corpus. A rádio difusão e dos demais veículos de comunicação contribuem para a produção de farta materialidade discursiva que servem como base de análise dos funcionamentos discursivos, suas contradições e subordinações, ou seja, na relação intrínseca presente nas atividades discursivas e suas conexões com a formação social, a ideologia e o discurso. Assim, para Pêcheux (2014), as condições de produção do discurso nas mídias de rádio estão correlacionadas com a superestrutura ideológica ligada ao modo de produção que domina a formação social considerada. Estes conceitos são, em parte, adotados do materialismo histórico proposto inicialmente por Marx, sendo mais tarde redimensionados na teoria da Ideologia desenvolvida por Althusser.

Em outras palavras, a região da ideologia deve ser caracterizada por uma materialidade específica articulada sobre a materialidade econômica: mais particularmente o funcionamento da instância ideológica deve ser concebido como “determinado em última instância” pela instância econômica, na medida em que aparece com as condições (não econômicas) da reprodução da base econômica, mais especificamente das relações de produção, inerentes a esta base econômica (PÊCHEUX & FUCHS, 2014, p. 162).

Os processos discursivos que emanam da organização e transmissão dos programas de rádio jornalismo não permitem identificar ideologia e discurso explicitamente, mas estas categorias podem ser estudadas a partir de outras perspectivas, ou seja, por meio das formações ideológicas subjacentes ao funcionamento discursivo no terreno da radiodifusão, retomando o que P. Henry, M. Pêcheux e Cl. Haroche (1971 apud Maldidier, 2014, p. 91) afirmam:

as formações ideológicas comportam necessariamente como um de seus componentes uma ou mais formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, um exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada, em uma conjuntura dada (MALDIDIER, 2014, p. 91).

As condições de produção do discurso também estão relacionadas ao jogo de imagens em que o sujeito está inserido (as formações imaginárias a respeito de sua própria posição e da posição do outro) e à situação concreta historicamente determinada, atrelada às funções imaginárias que os sujeitos A e B podem atribuir a si:

De A para A: “Quem sou eu para lhe falar assim?”;  
De B para A: “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”;  
De B para B: “Quem sou eu para que ele me fale assim?”;  
De A para B: “Quem é ele para que me fale assim?”  
Depois, passa para as impressões dos sujeitos postos ao referente (R):  
De A sobre R: “De que lhe falo assim?”;  
De B sobre R: “De que ele me fala assim?”  
(PÊCHEUX, 2014, p. 82-83)



Neste enquadre teórico, as funções imaginárias ocorrem dentro de complexa articulação dos processos discursivos. Considerando este cenário, Pêcheux (2014, p.81) reforça que estas rotas imaginárias esquematizadas entre *A* e *B* designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, e, portanto, condicionam as circunstâncias de enunciação e os respectivos efeitos de sentido dos discursos que emergem no cenário do radiojornalismo. Estas posições imaginárias, mobilizam a orientação dos sujeitos do discurso, suas posições (no caso, posição da imprensa radiofônica em relação ao público ouvinte e seus anunciantes) e a ideologia que os interpela são determinantes no processo de análise, conforme assinalado por Medeiros (2008).

Desta forma, o rádio jornalismo se inscreve numa conjuntura social onde produz suas narrativas representacionais associadas às representações imaginárias de suas condições reais de existência, os acontecimentos discursivos deste universo midiático, decorrem das possibilidades inscritas nos limites históricos das lutas de classes e suas relações de desigualdade nos modos produção capitalistas. Nestas circunstâncias, o rádio jornalismo parece promover algum tipo de deslizamento na linguagem veiculada durante os programas informativos e suas entrevistas. Assim, a radiodifusão e suas formas “espontâneas<sup>2</sup>” de atividades discursivas mobilizam uma atmosfera suscetível da análise de “condições de produção” do discurso e suas clivagens, reforçando o que foi evocado por Pêcheux (2014, p.73-74):

o processo de produção é um conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em circunstâncias dadas...o estado das condições do discurso é fixado, o conjunto de discursos suscetíveis de serem engendrados nestas condições manifesta invariantes semântico retóricas estáveis no conjunto considerado que são características do processo de produção colocado em jogo (PÊCHEUX, 2014).

A partir desta reflexão, podemos inferir que o quê é dito e produzido discursivamente no pano de fundo dos programas de notícias, servem de suporte para uma compreensão do discurso dentro do enfoque teórico que expõe e possibilita explorar os diferentes traços que “designam lugares determinados na estrutura de uma formação social” (PÊCHEUX, 2014, p.81), elementos que estão atrelados às condições de produção discursiva nos programas de rádio, e, integram ainda, segundo Henry e Pêcheux (2014) um encadeamento sintático ou uma sequência discursiva com formulação saturada: *o pré construído*.

Em concordância com o que acabamos de esboçar, os processos discursivos acionados no espaço das mídias radiofônicas enquanto *lôcus* de produção, constituem-se como materialidades viáveis para os estudos em análise do discurso francesa, de tal modo que os efeitos oriundos das discursividades noticiosas permitem uma exploração aprofundada das superfícies linguísticas que emergem a partir do ambiente radiofônico.

Isso implica dizer que levaremos em conta o que Pêcheux (2014, p. 76) preconizou:

---

<sup>2</sup> Para Pêcheux (2014) no seu livro *Semântica e Discurso* defendeu que as formas “espontâneas” exprimem ainda que de maneira “cega” os interesses da burguesia. O que não significa dizer que a forma burguesa de prática política pode ser verificada, em parte, a partir de acontecimentos discursivos solidificados no espaço radiofônico.



o discurso como parte de um mecanismo em funcionamento, isto é, como pertencente a um sistema de normas nem puramente individuais nem globalmente universais, mas que derivam da estrutura de uma ideologia política, correspondendo pois a um certo lugar no interior de uma formação social dada. (PÊCHEUX, 2014, p. 76).

Portanto, um exame no campo da AD realizado com base nestas noções, busca antes tudo, articular a organização de sequências discursivas reguladas pelas condições de produção do discurso no ambiente da radiodifusão. Neste sentido, as pautas que envolvem a política, a religião, a economia, a educação, os costumes dentre outras, servem de aporte para analisar o funcionamento discursivo por meio das transmissões.

## 2 AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO EDUCACIONAL

Os acontecimentos trazidos pela instalação da pandemia no mundo levaram repercussões aos mais diversos setores da atividade humana. O segmento educacional sofreu uma série de reconfigurações e interrupções como consequências das ameaças produzidas pela circulação do coronavírus.

Dentre os principais impactos observados no setor educacional, podemos considerar a mudança nos modos de interação entre os atores educacionais. A princípio, as escolas físicas foram substituídas pelo assento e a mesa da casa dos alunos e alunas. A lousa e o giz perderam espaço para as telas de LCD associadas aos aplicativos que facilitaram a interação entre professores e estudantes via internet.

Para além da descrição das mudanças nas práticas sociais aqui elencadas, devemos ressaltar que estas adequações não ocorrem numa perspectiva universalizante, ou seja, diante das limitações materiais instaladas no Brasil, a grande maioria de famílias não pôde se integrar à nova realidade instalada em decorrência da pandemia. Certamente, este panorama social e histórico serviu para salientar o fosso da desigualdade social presente no tecido social do Brasil em seus respectivos municípios.

Em Jacobina, os efeitos do universo pandêmico levaram a um horizonte muito complexo, haja vista a limitação de banda larga e de recursos materiais que permitem o acesso junto às plataformas digitais que promovem a integração de professores e alunos. Entretanto, no ensino superior, logo após o início dos problemas gerados pela pandemia, a UNEB elaborou e divulgou edital com a oferta de subsídios para os estudantes matriculados em todas as modalidades do ensino superior. Fato que não ocorreu no plano educacional da educação básica municipal.

Aqui se revela o tabuleiro que compõe nosso pilar de análise da esfera educacional superior, estabelecida, em parte, no contexto do Campus IV, sediado em Jacobina. Embora a UNEB disponha de autonomia financeira e administrativa, os processos que foram instalados para adequação à nova realidade, certamente, trouxeram uma série de implicações na reorganização das práticas que ora eram constituídas como tradicionais, formatando, assim, uma nova seara carregada de materializações discursivas que refletem essa situação inusitada.

A partir do cenário instituído pelas diversas consequências oriundas da pandemia, o diretor da UNEB - Campus IV concedeu uma entrevista no programa de radiojornalismo na emissora



Jacobina FM. Assim, as unidades discursivas produzidas pelo então dirigente da Universidade do Estado da Bahia reúnem um conjunto de práticas discursivas que constituem o discurso de natureza educacional o qual constitui nosso *corpus*. Os dizeres regulados a partir do espaço radiofônico, conjugados à posição social ocupada pelo enunciador e as limitações históricas ideológicas condicionadas pela pandemia, permitem ao analista estabelecer uma noção do que é preconizado como *condições de produção do discurso*.

Ao passo que o ensino remoto se estabeleceu como modalidade oficial, todos os segmentos educacionais passaram a adotar plataformas e metodologias visando atender às características técnicas do novo espaço de interação educacional, entretanto, após quase um ano de modificações no formato da educação, outras demandas começaram a surgir.

Por um lado, iniciou-se uma pressão administrativa exercida pelo Governo Federal com a intenção do retorno das aulas presenciais, bem como das atividades de comércio em geral, posicionamento que mobilizou alguns segmentos da economia e teve forte apoio do presidente da república, de alguns governadores e prefeitos. Do outro lado, os trabalhadores dos mais diversos segmentos sociais, dentre os quais, o setor educacional que ainda não tinha sido imunizado, assistiram a um elevado número de óbitos em todas as regiões do país, conjuntura que favoreceu a produção de várias materialidades discursivas em todo o território nacional.

Neste cenário se instaurou uma luta entre o direito dos indivíduos à vida e a necessidade de manter as forças produtivas em operação, afinal, a obstrução sanitária decorrente da pandemia trazia uma forte ameaça aos interesses do Estado. Toda esta atmosfera de relações sociais e históricas com suas respectivas clivagens ideológicas foram importantes para examinar as materialidades discursivas presentes no momento da entrevista.

Ainda no que tange aos aspectos relativos à UNEB, pretendemos apontar para uma breve compreensão das limitações e desafios que a comunidade acadêmica estava enfrentando. Com o Campus fechado para atividades presenciais, um conjunto de medidas foi adotado para auxiliar na reconfiguração das práticas interativas até então obstruídas pela pandemia. Todos os Campi universitários que compreendem a estrutura da Universidade do Estado da Bahia adotaram medidas de proteção coletiva e combate ao vírus. Neste sentido, o Campus IV de Jacobina mobilizou uma série de ações que tiveram o objetivo de respeitar as orientações da Organização Mundial de Saúde – OMS e garantir o seguimento das atividades do semestre interrompido com a eclosão da pandemia.

Ressaltamos, também, que no município de Jacobina, todas as orientações da OMS e da ANVISA foram acolhidas pelo poder municipal desde o início da pandemia, de modo que os protocolos de suspensão das aulas em toda a rede local foram estabelecidos logo após a declaração da pandemia no mês de março de 2020. Em consequência destes atos administrativos, a UNEB local passou a obedecer aos protocolos publicados a nível estadual e municipal. Os veículos de imprensa locais iniciaram uma segmentação jornalística que contemplou massivamente o tema pandemia em contraste com os inúmeros impactos provocados no comportamento social.

Neste ponto, recorreremos a Orlandi (2017, p. 53) para reforçar que “o que é novo, é o que podemos dizer de nosso objeto, por causa da conjuntura histórica, das formas históricas de assujeitamento, da materialidade discursiva, das condições verbais do aparecimento da discursividade”.



Assim, o diretor da UNEB - Campus IV, ao tomar a palavra numa emissora de rádio e discorrer sobre a situação inédita solidificada pelo acontecimento pandêmico e seus desdobramentos no segmento educacional, possibilita a construção de processos discursivos rigorosamente atrelados ao cenário histórico instalado na sociedade. Em outras palavras, o enunciado proferido na posição de diretor constitui-se na perspectiva de um sujeito interpelado pela ideologia, levando-nos a reverenciar o que foi enfatizado por Pêcheux (2014, p.141) quando concebe uma crítica ilustrada do teatro da consciência, designando a discrepância da formulação indivíduo/sujeito, o paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência por meio de interpelação ideológica.

Todos os elementos levantados no decorrer da apreciação dos processos discursivos selecionados neste trabalho revelam a complexidade das *condições de produção* do discurso materializadas no momento da entrevista transmitida por meio de programa radiofônico.

### 3 ANÁLISE DA ENTREVISTA

Para investigar a constituição da entrevista, destacaremos a rede de sentidos que foi construída no processo discursivo decorrente das posições ideológicas colocadas em jogo a partir das tensões sócio-históricas resultantes do evento pandêmico. Contudo, no intuito de atender o formato estipulado por este periódico, optamos por destacar as duas sequências discursivas centrais do corpo da entrevista.

Deste modo, examinaremos algumas sequências discursivas que permitem apontar as contradições existentes nas estruturas socioculturais de uma comunidade, bem como o modo como os sujeitos se inscrevem em diversas filiações ideológicas para (re)produzir posicionamentos em determinado momento histórico.

Orlandi (2017, p.230) faz referência a Pêcheux para salientar que:

o interdiscurso é esse todo complexo com dominante das formações discursivas, também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que caracteriza o complexo das formações ideológicas, elementos que funcionam em uma formação discursiva, dado o funcionamento do interdiscurso, pode ser metaforizados e se deslocar historicamente.

Nessa perspectiva, devemos ressaltar que as contradições decorrem das relações de desigualdade/subordinação estratificadas nas diversas instâncias ideológicas, por isso, os sentidos e seus respectivos objetos ideológicos se inscrevem no conjunto discursivo que se manifesta mediante outra categoria: a de formações discursivas. Estas refletem amplos níveis de posicionamentos ideológicos materializados nos dizeres do sujeito falante. Portanto, o sujeito-falante produz os sentidos a partir de sua inscrição nesta ou naquela formação discursiva. Nesse caso, sondaremos os efeitos de sentido a partir dos enunciados que compõem a entrevista em voga.

Para complementar nossa compreensão, retomaremos Pêcheux (2014, p. 146) para assinalar que o caráter material do sentido – mascarado pelo efeito de evidência em meio à opacidade da linguagem – consiste na sua dependência constitutiva daquilo que chamamos de “todo complexo de formações ideológicas”. Assim, os sentidos que são formulados a partir de palavras, expressões e/ou proposições são situados numa posição ideológica em jogo no processo sócio-histórico atrelado a uma respectiva formação discursiva. Desta forma, Pêcheux (2014) adverte que as



formações discursivas representam, na “linguagem”, as formações ideológicas que lhes são correspondentes.

Para tanto, as formações discursivas funcionam como um espaço de reformulação-paráfrase onde se constitui a ilusão necessária de uma “intersubjetividade falante” pela qual cada um sabe de antemão o que o outro vai pensar e dizer (PÊCHEUX, 2014, p. 161).

Não obstante, interessa-nos apontar como os efeitos de sentido são construídos a partir dos enunciados (re)produzidos pelo diretor da UNEB, haja vista os impactos provocados pela pandemia no âmbito educacional. Para isso, seguiremos à observação de determinadas sequências discursivas nas quais se materializa uma série de formações discursivas que atravessam a entrevista em questão. Iniciamos a análise, então, pela primeira SD: a SD<sup>1</sup>:

SD <sup>1</sup>	Um programa de oferta especial onde nós oferecemos alguns componentes, de maneira remota para nós experimentarmos como é que ficaria essas atividades para esse ano, então numa política de inclusão da Universidade através da Reitoria e dos departamentos foram ofertados para alunos, dois editais, um de auxílio com a conectividade e o outro de auxílio digital
-----------------	--

No fragmento “programa de oferta especial”, podemos observar que os efeitos de sentido materializados se inscrevem numa formação discursiva que podemos conceber como a *dominante*. Nesse caso, trata-se de uma formação discursiva Educacional, a FD<sup>1</sup>. A Universidade, representada por seu diretor no momento da entrevista, busca construir uma imagem que garanta condições de prosseguimento das atividades formativas por ela mesma oferecidas. Ao tratar da pandemia e das limitações desencadeadas no plano nacional, bem como das restrições tomadas pela maioria dos entes federativos, a fala do diretor reflete o espaço institucional ocupado pelo sujeito durante a produção do dizer, relacionada à relação imaginária estabelecida com seus interlocutores.

Logo, podemos presumir que, dadas as condições de produção da entrevista e as respectivas filiações ideológicas que interpelam um sujeito institucional, diretor da UNEB, os efeitos que derivam da FD<sup>1</sup> reforçam um perfil do gestor educacional comprometido com soluções que minimizem os estragos provocados pela pandemia e garantam a continuidade dos serviços prestados, destarte todo o clima de apreensão trazido pela Covid19.

Por outro lado, ao contrapor a formulação “programa de oferta especial” com “programa de oferta regular”, percebemos que os efeitos de sentido derivados da expressão “especial” versus “regular” reforçam as limitações instauradas pela ameaça do vírus, tornando-se, assim, reflexo de uma FD Pandêmica. Esses deslizamentos ocorrem por conta dos atravessamentos interdiscursivos consolidados pelo advento pandêmico. Tais derivações podem ser compreendidas como resultado interpelativo de uma formação discursiva Pandêmica, a FD<sup>2</sup>.

Ao verificar outro trecho da SD<sup>1</sup>, “de maneira remota para nós experimentarmos como é que ficaria essas atividades para esse ano”, podemos destacar outro tipo de atravessamento promovido por uma série de reconfigurações de práticas sociais que foram vivenciadas durante a pandemia, nesse caso, a esfera tecnológica. As práticas sociais até então tidas como tradicionais e presenciais passam a se conceber numa perspectiva remota. Então, os sentidos promovidos a partir dessa expressão permitem considerar mais um atravessamento interdiscursivo provocado pela presença de uma terceira FD, ora identificada como formação discursiva Tecnológica, a FD<sup>3</sup>.



Como se percebe, a FD<sup>1</sup> dominante é atravessada por outras formações discursivas. Os embates entre as diferentes FD's são estabilizados inclusive pelo ambiente interdiscursivo responsável pelo gerenciamento das instabilidades entre as formações não dominantes.

Ao propor uma modalidade de ensino “de maneira remota” ao invés de “maneira presencial” - “para nós experimentarmos como é que ficaria essas atividades para esse ano”, os efeitos de sentido constituídos no discurso possibilitam identificarmos outra formação discursiva, cujos efeitos produzidos denunciam as mudanças no comportamento social.

Dessa forma, os sentidos produzidos por estes dizeres sugerem a presença de outro atravessamento interdiscursivo manifestado por meio de uma FD<sup>4</sup>, isto é, uma formação discursiva Conservadora que reflete posicionamentos ideológicos distintos, uma vez que a modalidade de ensino tida como tradicional e regular será substituída por uma remota e irregular. Esses sentidos colocam em jogo relações antagônicas entre as FD<sup>4</sup> Conservadora e a FD<sup>5</sup>, definida como uma formação discursiva Liberal, responsável por derivar sentidos e deslocamentos mobilizados a partir dos abalos provocados pelo cenário pandêmico.

Por fim, estes processos contraditórios se revelam práticas languageiras que partem dos diversos tensionamentos produzidos pelo homem, pela história e por sua organização em sociedade. Ou seja, os elementos linguísticos até aqui examinados se tornaram possíveis em virtude das transformações sociais ocorridas num determinado contexto histórico, marcados por suas respectivas filiações de sentidos materializadas nas superfícies linguísticas em destaque. Todas as discursividades analisadas são decorrentes da atmosfera instalada pela ameaça pandêmica. As práticas discursivas, até então ausentes no contexto histórico-social atual, passaram a existir se materializando discursivamente.

Dando seguimento, Orlandi (2017, p.49) sugere que devemos observar as condições de existência dos objetos em uma conjuntura histórica e lembrar que os objetos a saber se constroem em processos discursivos. Portanto, ao analisar o trecho do enunciado onde se propõe “um de auxílio com a conectividade e o outro de auxílio digital”, verificamos que as palavras “conectividade” e “digital” já integram os enunciados em virtude de todo conjunto histórico ideológico trazido pela ameaça da pandemia e seus desdobramentos sobre as respectivas condutas sociais consolidadas no seio da sociedade.

Não podemos desconsiderar que, juntamente com as instabilidades causadas pela eclosão da Covid19, as condições de assujeitamento político-ideológico ganham força com o avanço da reconfiguração social instaurada em virtude do misterioso surgimento do vírus, ou seja, as condições decorrentes do alastramento em todos os lugares do mundo, exerce uma relação constitutiva de sujeitos e materialidades discursivas específicas da situação. Orlandi (2017) prescreve que o texto tem uma materialidade em que estão inscritas suas condições de produção (sujeito/situação) a qual é analisável.

Deste modo, o horizonte que foi construído por meio do aceleração de migração das práticas sociais tradicionais para as práticas digitais estabelecidas pelas novas tecnologias, funciona como vetores de retomada das relações socioeconômicas, produzindo, aqui, sentidos mediante as palavras “conectividade” e o “digital”. Ademais, podemos apontar também que os efeitos materiais deste movimento revelam os tentáculos de grandes corporações de comunicação que irão se beneficiar com esta nova realidade. Talvez, a abrangência dessas novas plataformas e redes de



conectividades instituídas sob a gerência do capital privado, ou seja, de *pequenos grupos*<sup>3</sup> de milionários, se configure como um novo modelo “*panóptico*”<sup>4</sup> diferente do modelo reverenciado por Foucault (1999), haja vista que a maioria das relações sociais será centralizada em aplicativos e redes que devem gerir milhares de dados da forma mais adequada para atingir seus interesses ideológicos, ou seja, garantindo as formas de individualização do sujeito pelo Estado estabelecidas pelas Instituições e discursividades (ORLANDI, 2017).

Assim sendo, parece que os desdobramentos interpretativos produzidos pela formulação de “auxílio conectividade e digital” geram um efeito de inclusão e integração de professores, alunos e técnicos, considerando, por outro lado, o fosso da desigualdade social enfrentada pela sociedade brasileira em sua grande maioria. Em complemento, ao tratar destes processos em nível de Brasil, não podemos deixar de citar o abismo que se refere ao acesso de bens materiais e culturais essenciais para a integração ao novo paradigma instalado pela pandemia, sobretudo no território do Piemonte da Diamantina, local onde a entrevista foi concedida.

Portanto, as materialidades observadas nessa primeira sequência discursiva levam-nos a pensar que, dentre outras coisas, as reconfigurações históricas e políticas trazidas pela pandemia, bem como os efeitos convocados pelos enunciados analisados, sugerem proposições que favorecem os interesses do sistema capitalista e as respectivas relações de produção que derivam de sua estrutura ideológica.

Por este viés, a migração de uma plataforma social tradicional para um espaço virtual inovador parece instituir um novo paradigma estético que propicia um amplo controle sobre os mecanismos comunicacionais e seus padrões, garantindo, assim, o manejo das subjetividades e dos sujeitos no seio da sociedade. Esses processos decorrem da permanente e contínua transformação do Capital e da necessidade de reconfiguração das condições de produção.

Em conclusão, Orlandi (2003, p. 31) reforça que o contexto amplo é o que traz para a consideração dos efeitos de sentidos elementos que derivam da forma de nossa sociedade, com suas Instituições, dentre elas a Universidade.

Analisaremos agora a segunda sequência discursiva, conforme observamos abaixo:

SD <sup>2</sup>	Nesse momento de pandemia, a Universidade se preocupa em cada vez mais ser aquela Universidade inclusiva e buscando uma prestação de atendimento concreto para todo o seu corpo docente e técnico, assim nós iniciaremos, ou melhor, já começamos desde ontem uma série de atividades de acolhimento dos alunos
-----------------	---

Dando seguimento, os enunciados “a Universidade se preocupa em cada vez mais ser aquela Universidade inclusiva”, “buscando uma prestação de atendimento concreto para todo o seu corpo docente de frente e técnico” e “uma série de atividades de acolhimento dos alunos” destacam-se pelos efeitos de sentidos advindos das formações discursivas e seus atravessamentos.

<sup>3</sup> Para o estudioso Thomas Piketty (2014, p.12) estamos ministrando o planeta para uma minoria, através de um modelo de produção e consumo que acaba com nossos recursos naturais, transformando o binômio desigualdade/meio ambiente em uma catástrofe em câmera lenta.

<sup>4</sup> Utilizamos a expressão panóptico para mencionar um novo modelo não coercitivo de manipulação dos indivíduos por meios tecnológicos.



Para analisá-los, apontaremos algumas contradições que podem ser observadas a partir dos dizeres que representam os mais variados interesses e filiações ideológicas que integram os segmentos políticos do espaço universitário. De um lado, professores, do outro, técnicos e, por fim, os estudantes e seus familiares. Inicialmente, pode-se dizer que os efeitos de sentido instaurados pela expressão “universidade inclusiva” remontam a uma FD Cidadã, a FD<sup>6</sup>. O sujeito falante é interpelado ideologicamente em meio ao ambiente de embates de classes presentes no seio da instituição universitária. Orlandi (2017) alerta que esses conjuntos de enunciados podem ser entendidos como um discurso “edificante”, na direção de um mito persistente: o da cidadania.

Pressupomos, ainda, o funcionamento interdiscursivo proveniente da relação dos sujeitos sociais com uma série de obstáculos resultantes das restrições e dos medos impostos pela pandemia, juntamente com a necessidade de retomada das atividades sob pena de prejuízos financeiros, profissionais e psicológicos em diversos setores sociais, tendo ainda, como asseveração das condições, a possibilidade de adoecimento ou morte do próprio indivíduo por conta da insegurança instalada.

Neste sentido, a produção do discurso envolve as formações imaginárias de projetar uma imagem acolhedora, segura e humanizada, sobretudo por questões históricas, pois, até pouco tempo, as Universidades e a Educação Básica não ofertavam um acesso universal, isto é, antes da redemocratização na década de 80. Assim, é possível constatar que os sentidos mobilizados pelos dizeres do Diretor da UNEB derivam de uma forma de sociedade ainda muito presente na memória social, haja vista que o acesso e a permanência no ensino superior, sob condições de normalidade na vida em sociedade, se configuram como um ato de resistência e perseverança, uma vez que as desigualdades sociais atuam como um grande vetor excludente para a maioria da população.

Além disso, as formulações enunciadas pelo diretor retomam efeitos de sentido materializados na palavra “inclusiva”, reforçando o papel interdiscursivo como “algo que sempre antes em outro lugar e independentemente”, ou seja, um ideal de ensino público que possa dar a todos oportunidades justas.

Neste cenário, os atravessamentos interdiscursivos examinados na expressão “a Universidade se preocupa em cada vez mais ser aquela Universidade inclusiva” remontam a momentos nos quais as elites dominantes do Brasil se aproveitaram das restrições à educação, para garantir reserva de mercado aos seus descendentes, pois antes de ser conquistada as condições de uma Universidade inclusiva, a formação e o conseqüente acesso aos bens culturais e materiais eram restritos a uma pequena parcela da sociedade. Assim sendo, esses dizeres atestam a presença de uma memória discursiva de onde se observam atravessamentos marcados por uma FD<sup>7</sup>, de natureza Institucional.

Através das FD’s analisadas, podemos apontar o estabelecimento de uma imagem humanizada, um perfil positivo e responsável da instituição com seu público e servidores. Não se trata, portanto, de considerar a intenção do indivíduo, mas os efeitos de sentido construídos a partir de uma conjuntura histórica na qual as materialidades tomaram forma discursiva.

Outra questão observada a partir da expressão “uma série de atividades de acolhimento dos alunos” leva-nos a identificar efeitos de sentido derivados de uma FD de natureza Afetiva, a FD<sup>8</sup>. Percebe-se uma presença recorrente nos demais enunciados que compõem a SD<sup>2</sup>. Seu funcionamento promove uma espécie de gerenciamento de conflitos e medos instaurados pela pandemia, bem como sua estabilização com a FD<sup>7</sup>, de natureza Institucional, responsável por



produzir os deslizamentos que sugerem como esta entidade Estatal busca prestar um serviço em prol do atendimento e conciliação todos os atores que compõem sua estrutura. Vale ressaltar que ao produzir seus enunciados, o Diretor fala de uma posição hierarquicamente revestida de legitimidade, portanto, representando oficialmente os interesses da universidade nos limites de jurisdição do Campus IV.

Por um lado, os dizeres ali verificados promovem um conjunto de sentidos que permitem identificar um ambiente de apreensão instituído entre os sujeitos que trabalham e acessam, de modo direto e indireto, os serviços da Universidade. Do outro lado, os tensionamentos que operam no campo institucional, em que a pressão advinda da esfera Federal é pelo retorno imediato das atividades.

Deste modo, as condições de produção envolvem não só os interesses da comunidade acadêmica, mas também todo o público ouvinte da rádio, veículo pelo qual a entrevista foi transmitida em um dado momento histórico.

Entretanto, outros *deslizamentos*<sup>5</sup> são possíveis, a partir da análise de outro enunciado: “buscando uma prestação de atendimento concreto para todos o seu corpo docente e técnico”. Nele parece haver contradições que revelam diferentes posições de poder na estrutura institucional. Os dizeres e sentidos mobilizados estão articulados a uma formação discursiva que chamaremos de FD<sup>9</sup>, uma FD de Classe e/ou Sindical que emerge a partir dos diversos posicionamentos ideológicos presentes nos segmentos que formam a estrutura administrativa da Universidade.

Os efeitos de sentido nesta superfície discursiva estabelecem, em parte, as diferentes expectativas que foram criadas a partir do advento pandêmico. Podemos dizer que todos os dizeres da SD<sup>2</sup> carregam consigo predominantemente as práticas ideológicas estabelecidas em decorrência da pandemia sob o efeito sintomático de reconfigurações das relações de classes previamente estabelecidas.

Outro aspecto que chama atenção é o sentido mobilizado pela palavra “concreto” que está presente na SD<sup>2</sup>. Numa abordagem sociocultural, os efeitos de sentido materializados no referido enunciado permitem identificar uma formação discursiva de filiação Política, a FD<sup>10</sup>, já que os dizeres mobilizados indicam uma promessa e, ao mesmo tempo, uma contradição entre a dinâmica virtual acelerada pelos efeitos da pandemia e a nossa experiência simbólica com as práticas sociais cristalizadas antes da pandemia, isto é, as relações tradicionais sendo modificadas em todas as comunidades, asseverando as relações contraditórias estabelecidas pelo respectivo momento histórico de incertezas.

Por fim, o termo “concreto” retoma a necessidade de se garantir um apoio real, físico, e remete aos recursos logísticos responsáveis por garantir a segurança e as condições de trabalho da comunidade acadêmica, promovendo assim, um efeito de aplicação dos compromissos políticos projetados no dizer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>5</sup> O deslizamento significa uma interpretação que se desloca, uma ruptura, ou seja, uma mexida na filiação de sentidos, trabalho da memória local, produção de uma nova ordem de discursividade (ORLANDI, 2017, p. 15).



Conforme observamos no decorrer deste trabalho, a sociedade foi impactada pelos tensionamentos provocados pela pandemia, com repercussões em todas as camadas sociais. O segmento educacional sofreu uma série de atravessamentos decorrentes desta situação histórica inédita. Deste modo, ao analisarmos as discursividades no discurso educacional da UNEB - Campus IV, apreendemos algumas práticas sociais que passaram a se materializar no âmbito acadêmico da Universidade do Estado da Bahia.

Assim, podemos apontar que a pandemia constituiu inúmeras mudanças nas condições de produção e no funcionamento das relações econômicas, sociais e políticas. Esta conjuntura promoveu uma reorganização ideológica nas práticas sociais até então desenvolvidas pela UNEB, afetando diretamente as condições de assujeitamento político e ideológico observadas por meio dos enunciados em voga.

Considerando que não alimentamos a pretensão de identificar todas as marcas ideológicas que se instauram a partir das respectivas formações discursivas mobilizadas a partir da posição do sujeito diretor, verificamos o quanto os efeitos de sentidos derivados da seara pandêmica afetaram ideologicamente o segmento educacional, desta forma, a partir de recortes pontuais, foi possível determinar os amplos feixes de traços que passaram a funcionar nos processos discursivos instaurados no terreno da educação superior da Bahia.

Assim, em conclusão, recorremos ao pensamento de Pêcheux (2014, p.146) para assinalar que o caráter material do sentido - mascarado por sua evidência transparente para o sujeito - consiste na sua dependência constitutiva daquilo que chamamos de “todo complexo de formações ideológicas”.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Trad. J. J. Moura Ramos. Lisboa, Presença/Martins Fontes, 1974.

COIN, Bernard; COURTINE, Jean Jacques, et al. **Materialidades Discursivas**. Campinas, SP: Editora do Unicamp, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Trad. Raque Ramalhete. 20ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

MEDEIROS, Caciane Souza de. **As Condições de Produção e o Discurso na Mídia: A Construção de um Percorso de Análise**. Revista FAMECOS/PUCRS nº20, p.48-55, dez., 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli, *Et al.* **Gestos de Leitura: Da história no Discurso**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. Campinas: Pontes, 2017.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**. 5. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do Discurso**. 5. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014



PIKETTY, Thomas. **O Segredo dos Ricos**. Org. Silvio Cacia Bava. Trad. Equipe Le Monde Diplomatique Brasil. São Paulo: Editora Veneta, 2014.



## A PANDEMIA DE COVID-19 E DE MISOGINIA NO BRASIL: DISCURSOS SOBRE A VIOLAÇÃO DOS DIREITOS DAS MULHERES

Carla Severiano de Carvalho<sup>1</sup>

*Universidade do Estado da Bahia (UNEB)*

Geisa Fróes de Freitas<sup>2</sup>

*Instituto Federal da Bahia (IFBA)*

### RESUMO

O enfrentamento do Brasil à pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, tem sido atravessado pelo discurso negligente e negacionista do presidente, Jair Bolsonaro. Por consequência do perfil do maior gestor público do país, a pandemia acentua a vulnerabilidade de certos grupos sociais e, dentre estes, estão as mulheres, conforme revelam os dados atuais do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os quais apontam para uma crescente violação dos direitos e dos corpos femininos no contexto pandêmico. Nesse sentido, interessa-nos analisar os discursos, ações e medidas misóginas difundidas pelo atual presidente ao longo da pandemia para assim compreender a constituição do seu *ethos* no discurso na cerimônia de Comemoração do Dia Internacional da Mulher, no dia 08 de março do ano eleitoral de 2022. Para tanto, os acontecimentos discursivos mencionados serão analisados a partir de aportes da análise do discurso francesa (FOUCAULT, 1960; 1968; 2008; PÊCHEUX, 1993, 2002; ORLANDI, 2007, 2012; AMOSSY, 2019; CHARAUDEAU, 2014, 2016, 2018; MAINGUENEAU, 1997, 1998, 2010, 2012, 2013, 2014), além das reflexões teóricas realizadas a respeito das questões de gênero. Espera-se, ao mobilizar as condições de produção e a relação entre linguagem e ideologia, examinar como os políticos e o poder público têm contribuído com ações de ódio contra as mulheres, levando à crescente violência de gênero no país; enquanto o segundo, o discurso presidencial comemorativo, será analisado a partir das estratégias discursivas que produzem efeitos de persuasão no destinatário e, desse modo, constituem e representam o *ethos* de Bolsonaro e do seu governo.

**Palavras-chave:** Pandemia. Discurso. Misoginia.

### RESUMEN

El enfrentamiento de Brasil a la pandemia de Covid-19, una enfermedad causada por el nuevo coronavirus, ha sido atravesado por el discurso negligente y negacionista de su presidente, Jair Bolsonaro. Como resultado de su perfil, la pandemia en Brasil acentúa la vulnerabilidad de las mujeres, como lo revelan los datos actuales del Foro Brasileño de Seguridad Pública, que apuntan a una creciente violación de los derechos y cuerpos de las mujeres en el contexto pandémico. En este sentido, nos interesa analizar los discursos, acciones y medidas misóginas difundidas por el actual presidente a lo largo de la pandemia para entender la constitución de su *ethos* en el discurso en la ceremonia de conmemoración del Día Internacional de la Mujer, el 8 de marzo del año electoral 2022. Para ello, se analizarán los primeros eventos discursivos mencionados a partir de aportes del

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação pelo PPGCOM-USP. É professora do curso de Licenciatura em Letras/Espanhol e do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da UNEB. E-mail: cseveriano@uneb.br

<sup>2</sup> Doutora em Língua e Cultura pelo PPGLINC-UFBA. É professora do Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas do IFBA (campus Salvador). E-mail: geisa.froes@ifba.edu.br



análisis del discurso francesa (PÊCHEUX, 1993, 2002; ORLANDI, 2007, 2012; CHARAUDEAU, 2014, 2016, 2018; MAINGUENEAU, 1997, 1998, 2010, 2012, 2013, 2014), además de las reflexiones realizadas con respecto a las cuestiones de género. Se espera, al movilizar las condiciones de producción y la relación entre lenguaje e ideología, examinar cómo los políticos y el poder público han contribuido a acciones de odio contra las mujeres, llevando a incrementar la violencia de género en el país; mientras que el segundo, será analizado desde las estrategias discursivas que buscan producir efectos de persuasión en el receptor y, así, constituir y representar el ethos de Bolsonaro y de su gobierno.

**Palabras-clave:** Pandemia. Discurso. Misoginia.

## INTRODUÇÃO

Em 11 de março de 2020, a COVID-19, doença infecciosa causada pelo novo coronavírus Sars-Cov-2, foi declarada pela Organização Mundial de Saúde como de potencial pandêmico, isto é, uma doença com disseminação mundial, espalhada por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa.

No Brasil, desde então, o presidente do país, Jair Bolsonaro, tem dado declarações que minimizam os impactos da pandemia. Desde a comprovação da primeira morte, em 12 de março de 2020 (a vítima foi uma mulher de 57 anos em São Paulo), até o registro atual de mais de 668 mil óbitos acumulados, foram muitas as ações e os discursos negacionistas do chefe do Executivo à população e à imprensa.

Enquanto o mundo lidava com a inevitável pandemia de COVID e o Brasil assistia à espetacularização da mórbida política bolsonarista sobre o tema, outra pandemia, mais silenciosa, se alastrava em todas as partes: a pandemia da misoginia.

Vale destacar que a palavra misoginia (composta pelos termos gregos *miseo* e *gyne*, cujos significados são respectivamente “ódio” e “mulheres”) pode ser entendida como um sentimento de aversão patológico pelo feminino, que se traduz em uma prática comportamental machista, cujas opiniões e atitudes visam o estabelecimento e a manutenção das desigualdades e da hierarquia entre os gêneros, corroborando a crença de superioridade do poder e da figura masculina pregada pelo machismo. Caracteriza-se, dessa maneira, pela repulsa, desprezo ou ódio contra as mulheres, e se apresenta nas diversas formas de comportamento, na objetificação e depreciação das mulheres, bem como pela violência física, moral, sexual, patrimonial ou psicológica.

Embora a misoginia seja crime, nota-se de forma absorta, a banalização da violência de gênero no Brasil. Atualmente, tramita no Congresso o Projeto de Lei n. 1960/2021, de autoria da Deputada Luizianne Lins (PT/CE), que "Acrescenta o §4º ao artigo 140 do Código Penal, como qualificadora do crime de injúria motivado em razão da condição de gênero feminino, através de misoginia".

Embora tenham sido alcançadas algumas conquistas dos direitos da mulher nas últimas décadas, o aumento da violência contra a mulher na pandemia de COVID, no mundo e no Brasil cresceu de forma espantosa e se relaciona, ironicamente, com a maior medida preventiva contra o contágio do coronavírus: o confinamento social. Nota-se que, com a restrição das atividades ao ambiente doméstico, mulheres de diversas idades e condições econômicas encontram-se, por vezes, confinadas com parceiros agressivos.



Os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública<sup>3</sup> revelam uma crescente violação dos direitos e dos corpos femininos nos últimos anos. Apenas entre março de 2020, mês que marca o início da pandemia de COVID no país, e dezembro de 2021, último mês com dados disponíveis, foram 2.451 feminicídios e 100.398 casos de estupro e estupro de vulnerável de vítimas do gênero feminino.

Sob o governo do presidente Jair Bolsonaro, esse lamentável fenômeno ganha novo capítulo na história do país, intitulado “a misoginia bolsonarista”, uma vez que a aversão e o menosprezo às mulheres estão no centro da ideologia promovida pelo atual governo, que transforma o machismo em ação política, incentiva a violência doméstica e prega a supremacia dos homens na sociedade, *vide* a coleção de declarações machistas feitas pelo presidente e por parte de seus ministros contra as mulheres ao longo do seu mandato.

Apesar disso, a cada 08 de março, por ocasião do Dia Internacional das Mulheres, o presidente do Brasil manifesta, por meio de pronunciamento oficial, a sua homenagem às brasileiras. Trata-se, pois, de um interessante discurso persuasivo para a observação dos efeitos da contradição, elemento fundamental na produção de sentidos, e para a análise das estratégias argumentativas utilizadas pelo presidente para constituição do seu *ethos* discursivo<sup>4</sup>.

## 1 A “MISOGINIA BOLSONARISTA”: UM GOVERNO ANTI-MULHERES

A violência de gênero é uma questão mundial. Todavia, no Brasil, esse tipo de violação tomou dimensões preocupantes e específicas no campo da política. Atualmente, o fator preocupante é a disseminação de discursos e ações de ódio e desprezo contra as mulheres, sobretudo, como prática do governo Bolsonaro, o qual nomeamos aqui de “misoginia bolsonarista”.

A filósofa brasileira, Márcia Tiburi (2016, s/p.), assevera que “a misoginia carrega o princípio da negação do outro que nos coloca agora no atual esvaziamento do Estado de Direito e do fim da democracia”. A pesquisadora nomeia o atual governo de “máquina misógina”, uma vez que em um só mandato foi catalogado um número expressivo de eventos enunciativos, práticas e ações misóginas realizadas pelo presidente Jair Bolsonaro, seus filhos e aliados. Ainda conforme Tiburi (2016), “a misoginia torna-se razão de estado”, “é o todo da política de governo”. Assim, a misoginia bolsonarista pode ser entendida como um projeto de governo, a política do ódio às mulheres com vistas à desmoralização e à ridicularização destas com vistas à manutenção do *status quo* do patriarcado na política.

Observamos, durante toda trajetória político-discursiva do atual governo, a disseminação de discursos de aversão e ódio às mulheres através de negativas aos direitos das mulheres, sendo, portanto, a misoginia centro de sua ideologia, que converte o machismo em ação política, incentiva a violência e defende a supremacia dos homens na sociedade. A cultura do desprezo, da desvalorização, da deslegitimidade às mulheres é naturalizada e banalizada por este governo; são dispositivos discursivos que contribuem para reforçar a exclusão das mulheres do poder e a manutenção da desigualdade de gênero.

---

<sup>3</sup> Os dados coletados para o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022 relativos à violência letal e sexual de meninas e mulheres no Brasil.

<sup>4</sup> Deve-se considerar, também, que nem sempre é possível a garantia de que o *ethos* visado seja o *ethos* produzido.



São muitos os ataques feitos às mulheres pelo primeiro mandatário brasileiro, a saber – o primeiro e mais chocante foi aquele feito à deputada federal Maria do Rosário (PT-RS), em 2014, antes de ser candidato à presidência da república, quando disse que ela “não merecia ser estuprada porque é muito feia e não faz seu tipo<sup>5</sup>”. Desde então, o *ethos* misógino do presidente Bolsonaro está em evidência. Seu comportamento excrescente machista alerta para a construção de uma política sexista, excludente e preconceituosa. Desse modo, a política bolsonarista se constitui no atravessamento de uma formação discursiva anti-mulheres, com vistas ao avacalhamento da discussão de gênero.

Nesse contexto, convém mobilizar como Foucault (2008) compreende o discurso: como um conjunto de enunciados na medida em que eles provêm da mesma formação discursiva. Portanto, a noção de formação discursiva é cara aos estudos discursivos, visto que esse conceito está diretamente relacionado com a problemática do Sujeito, em seu duplo aspecto de constituição: linguístico e sócio-histórico.

A noção de formação discursiva<sup>6</sup> ganhará com a Análise de Discurso de linha francesa grande importância. Para Pêcheux (1995), sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas. Assim:

as formações discursivas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes. O dizível se parte em diferentes regiões (as diferentes formações discursivas) (ORLANDI, 2007, p. 20).

Desse modo, chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva. Visto que:

A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma e única mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência (FOUCAULT, 1969, p. 135).

Segundo Foucault (1969, p. 135), “Um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo”. O discurso, enquanto um conjunto de enunciados que se apoiam em uma mesma formação discursiva, não possui apenas um sentido ou uma verdade, ele possui, acima de tudo, uma história. Assim, para Foucault, os elementos históricos são fundamentais para compreender a constituição da formação discursiva e dos discursos na sociedade contemporânea.

---

<sup>5</sup> Deve-se considerar, também, que nem sempre é possível a garantia de que o *ethos* visado seja o *ethos* produzido.

<sup>6</sup> O conceito clássico de formação discursiva de acordo com Pêcheux, refere-se “aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc”. (PÊCHEUX, 1995, p. 160).



Mesmo antes de assumir o posto de Presidente da República, Jair Bolsonaro, filiado ao Partido Progressistas naquela altura, já possuía um extenso histórico de discursos e práticas que atacam diretamente algumas minorias, sobretudo, as mulheres. As falas e ações envolvem apologia ao estupro, agressão física e omissão de políticas públicas de dignidade menstrual.

Durante seu mandato, essa postura foi potencializada com apoio das redes sociais e mídias, sendo amplamente divulgada. Desse modo, em apenas um ano, foram mais de dez registros em que o presidente Jair Bolsonaro expõe declarações de cunho sexista, machista, preconceituoso e misógino. Essas expressões e ações são determinadas pelas formações discursivas cujas regularidades produzem discursos conservadores, machistas, misóginas.

Notamos, pela historicidade dos discursos, que suas práticas servem às medidas contrárias aos interesses das mulheres, isto é, a uma formação discursiva anti-mulheres. Um exemplo claro dessa rejeição e ódio às mulheres foi a extinção da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR), criada por Lula em 2003, e o veto à lei que prevê a distribuição de absorventes higiênicos para estudantes dos ensinos fundamental e médio, mulheres em situação de vulnerabilidade e presidiárias, da deputada Marília Arraes (PT-PE). Além disso, há inúmeros comportamentos desrespeitosos e ofensivos contra as mulheres.

Em março de 2019, em discurso feito no Dia Internacional da Mulher de 2019, já na condição de chefe do executivo, Bolsonaro afirmou que, "pela primeira vez na vida, o número de ministros e ministras está equilibrado". De 22 ministros do Executivo, Bolsonaro nomeou apenas duas mulheres: Damara Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos) e Tereza Cristina (Agricultura, Pecuária e Abastecimento). A justificativa para considerar o número de ministras equilibrado foi a "energia" das ministras: "Pela primeira vez na vida, o número de ministros e ministras está equilibrado em nosso governo. Temos 22 ministérios, 20 homens e duas mulheres. Somente um pequeno detalhe: cada uma dessas mulheres que está aqui equivale a dez homens. A garra dessas duas transmite energia para os demais".

No mês seguinte do mesmo ano, Bolsonaro em uma fala afirmou que o Brasil não poderia ser um país do turismo gay. Ao falar sobre a imagem do Brasil no exterior, Bolsonaro incentiva à prostituição e fez apologia ao turismo sexual. *"Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade. Agora, não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro"*. Podemos verificar que o presidente além de um discurso homofóbico, expõe a mulher como objeto de turismo sexual.

Já em julho de 2019, Bolsonaro critica o financiamento pela Ancine, a agência reguladora do setor audiovisual, de "Bruna Surfistinha", filme que narra a história de uma famosa prostituta, com o argumento: *"Não posso admitir que, com dinheiro público, se façam filmes como o da Bruna Surfistinha. Não dá."*

Em fevereiro do ano seguinte, Bolsonaro se pronunciou sobre o depoimento de Hans River do Rio Nascimento para a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das *fake news*. Hans, ex-funcionário da empresa Yacows, afirmou que a jornalista Patrícia Campos Mello, da Folha de São Paulo, teria oferecido relações sexuais em troca de informações. Ao se pronunciar sobre o caso, Bolsonaro disse: *"Ela [Patrícia] queria um furo. Ela queria dar um furo a qualquer preço contra mim"*, utilizando a expressão "dar o furo" com duplo sentido. O chefe do Executivo foi responsabilizado pelo ato, sendo condenado a pagar R\$ 20 mil para a jornalista, por danos morais.



Em outubro de 2021, o presidente Jair Bolsonaro sancionou a criação do Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual (Lei 14.214), que altera a Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006, para determinar que as cestas básicas entregues no âmbito do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN) deverão conter como item essencial o absorvente higiênico feminino. O chefe do Executivo, no entanto, vetou a previsão de distribuição gratuita de absorventes femininos para estudantes de baixa renda e pessoas em situação de rua, que era a principal medida determinada pelo programa.

Entretanto, em 2022, ano das eleições federais no Brasil, no dia Internacional das Mulheres, Bolsonaro sancionou um decreto viabilizando a ação de oferta gratuita de absorvente para mulheres vulneráveis. Vale lembrar que o presidente havia vetado o artigo primeiro do projeto, que previa "a oferta gratuita de absorventes higiênicos femininos e outros cuidados básicos de saúde menstrual", bem como o artigo terceiro, que apresentava a lista de beneficiadas, tais como estudantes de baixa renda matriculadas em escolas da rede pública de ensino; mulheres em situação de rua ou vulnerabilidade social extrema; mulheres apreendidas e presidiárias, recolhidas em unidades do sistema penal; e mulheres internadas em unidades para cumprimento de medida socioeducativa.

E, por fim, em março do corrente ano, durante a semana dedicada às mulheres, momento em que a Câmara aprova diminuição da idade para laqueadura e exclui necessidade de autorização de companheiro, o presidente Jair Bolsonaro sanciona, com veto, a Lei 14.311/22<sup>4</sup>, que muda regras sobre o trabalho de gestantes durante a pandemia, prevendo sua volta ao regime presencial após imunização e veta salário-maternidade a afastadas.

Para compreender tais práticas discursivas, Pêcheux (1995, p.160) nos diz que:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe "em si mesmo" (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) isso equivale dizer que **as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas** (PÊCHEUX, 1995, p. 160 [grifos nossos]).

Com esses discursos e essas práticas, o governo Bolsonaro revela-se intolerante à causa feminina, transformando machismo e misoginia em ação política, com incentivo ao ódio contra as mulheres, menospreza a condição feminina e prega a supremacia dos homens na sociedade e no poder público. Através de discursos raivosos e violentos, o governo incentiva a violência contra as mulheres e o feminicídio, de modo que os dados revelam a crescente violência de gênero na pandemia no Brasil. Nesse contexto, sabemos que as mulheres são, entre as minorias, o grupo mais afetado, como citamos anteriormente, e a misoginia bolsonarista agrava a situação destas na pandemia com os cortes e as negativas de direitos, como a questão da pobreza menstrual e o veto salário-maternidade. Para as estudiosas em violência de gênero contra as mulheres, Farias e Aras afirmam que:

Historicamente, as mulheres estiveram alijadas dos espaços de poder com base em estereótipos limitadores da sua existência plena, da liberdade sobre seu corpo, seus desejos e da autonomia econômica, limitações que estão personificadas no controle da sua sexualidade, que "deve estar voltada" para a maternidade, para o



cuidado da família e a manutenção material da liberdade de atuação masculina por meio do trabalho doméstico não remunerado, isto é, a heteronormatividade compulsória (FARIAS E ARAS, 2017, s/n).

Podemos depreender que os discursos proferidos pelo governo atual reforçam a ideologia machista e misógina, colaborando para a interdição das mulheres em espaços de poder público, como também provam os mecanismos de silenciamento, de opressão, de exclusão e de rejeição.

Partindo da compreensão pêcheutiana, que toma o discurso como lugar de contato entre língua e ideologia, considerando que a ideologia se produz justamente no ponto de encontro da materialidade da língua com a materialidade da história, o discurso é o lugar desse encontro, é no discurso (materialidade específica da ideologia) que melhor podemos observar esse ponto de articulação (ORLANDI, 2007), p. 20).

Para a Análise do Discurso “a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos” (ALTHUSSER, ([1969] 1985) p. 93); nesse sentido, bebendo na fonte das ideias althusserianas, inclusive através da que “o indivíduo é interpelado como sujeito livre para que se submeta livremente às ordens do Sujeito, portanto para que aceite livremente sua sujeição (...)” (Althusser, ([1969] 1985) p. 113), Pêcheux traz o conceito de ideologia atrelado ao funcionamento da língua, como estrutura relativamente autônoma. No entanto, Pêcheux amplia a ideia de Althusser, ao considerar o processo de resistência e contradição.

A modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção consiste no que se convencionou chamar interpelação, ou o assujeitamento ideológico como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo a sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou em outra das duas classes sociais antagônicas do modo de produção (ou naquela categoria, camada ou fração de classe ligada a uma delas) (PÊCHEUX, FUCHS, 1997, p. 165-166).

Assim, os discursos do atual presidente são atravessados por suas formações ideológicas, que subjetivam as mulheres como seres inferiores. Desse modo, podemos inferir que a permanência da misoginia bolsonarista é o triunfo do autoritarismo antidemocrático instaurado hoje no Brasil. Se há machismo estrutural é porque há um sistema de privilégios masculinos que depende das práticas e dos discursos misóginos.

## 2 ANÁLISE DO CORPUS

Para análise do *corpus*, do polêmico e contracorrente Discurso do Presidente da República do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, na cerimônia de Comemoração do Dia Internacional da Mulher, no dia 08 de março de 2022, intitulado “Brasil prá elas, por elas, com elas”, adotamos a noção de Discurso proposta por Foucault (1986, p. 43), empregada como “um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa”. Nesse sentido, o discurso é uma prática que relaciona a língua com “outras práticas” no campo social.



Nessa perspectiva, examinamos a constituição do *ethos* discursivo do presidente Bolsonaro, durante a cerimônia de comemoração do Dia Internacional da Mulher, no ano eleitoral de 2022, que passa pela tentativa de persuasão do leitor e pela construção da sua imagem e caráter, diante dos recentes resultados de pesquisas de intenção de voto que revelam como as mulheres o rejeitam, conforme os resultados obtidos pela pesquisa Poder Data (entre janeiro e fevereiro de 2022): “se a eleição fosse apenas entre eleitores homens, haveria empate técnico: 39% para Lula e 38% para Bolsonaro. Já entre mulheres a situação é outra. O petista tem expressivos 44% contra 22% do atual presidente”.

Assim, para a análise discursiva, partimos dos pressupostos foucaultianos, de que “trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui” (FOUCAULT, 1986, p. 31).

## 2.1 A CONSTRUÇÃO DO ETHOS COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA

Como bem sabemos, o sujeito que fala não escapa à questão do *ethos*, a *fortiori* o sujeito político, conforme aponta Charaudeau (2008). Isso porque todo ato de tomar a palavra implica na construção de uma *imagem de si*. Quando se trata do sujeito político, a construção da imagem de si, sobretudo do bom gestor, é fundamental, visto que precisa ser digno de credibilidade. Isso se deve ao fato de que os candidatos políticos procuram afastar-se do estigma de que políticos são mentirosos, corruptos e dissimulados:

Diante desse descrédito sofrido pelo discurso político, quando confrontado à eficiência de uma ação efetiva, que poderia ser sintetizado numa sequência bastante corriqueira como “Esses políticos só falam, mas não fazem nada!”, uma das estratégias mais frequentes de seu enunciadador é a de antecipar-se ao preconceito que lhe ronda, tentando construir para si um *ethos* de competência e realização (PIOVEZANI, 2007, p. 113).

Em geral, percebemos um esforço em projetar uma imagem positiva de si, o que nem sempre será completamente eficiente, pois ele duela com a imagem prévia que o outro constrói dele. Além disso, vale destacar que, quando se trata de discurso e de *ethos*, a falha, o equívoco é um elemento constitutivo, por isso não podemos garantir que a produção de um *ethos* visado será aceito e/ou compartilhado pelos co-enunciadores.

Nesse sentido, notamos no discurso presidencial no Dia Internacional da Mulher do corrente ano de 2022, mais uma tentativa frustrada de discurso em homenagem às mulheres brasileiras. Este ano, especialmente, com a intenção de ganhar terreno junto ao eleitorado feminino, revela mais uma vez o seu caráter misógino. Acompanhado da primeira-dama Michelle Bolsonaro, o presidente queria exaltar as mulheres, mas, em vez disso, disse que elas hoje estão “praticamente integradas à sociedade”. Assim, considera-se que o referido discurso combina estratégias discursivas que buscam produzir certos efeitos de persuasão no destinatário, diferentes do *ethos* misógino evidenciado pelo enunciadador.

Essa ideia de projeção da imagem de si é muito antiga, tem sua origem na filosofia grega a partir dos pressupostos da Retórica de Aristóteles, quando considerou o *ethos* como uma das provas mais importantes da persuasão. Aristóteles define esse conceito como a construção da imagem de



si que o orador elabora no seu discurso destinada a garantir sucesso no empreendimento oratório: causar boa impressão, transmitir confiança e convencer o público (AMOSSY, 2019; MAINGUENEAU, 2014). No âmbito da Análise do Discurso, o *ethos* discursivo está relacionado à utilização de elementos linguísticos pelo enunciador para a construção da imagem de si no ato enunciativo.

No entanto, conforme esclarece Maingueneau (2012; 2014), o destinatário também contribui para a constituição do *ethos* do enunciador. Desse modo, o *ethos* discursivo é construído por meio do discurso, que se fundamenta em um processo interativo de influência sobre o destinatário. No discurso do dia das mulheres, Bolsonaro assevera:

Primeiro, senhores militares, se dependêssemos das mulheres, não teríamos guerras no mundo.

Bom dia a todos. Primeiro, obrigado a Deus pela minha segunda vida, pela missão e também pelas pessoas maravilhosas que o colocou ao meu lado para nós conduzimos o destino da nossa nação (BOLSONARO, 2022).

Logo, observamos no trecho do discurso em destaque que o *ethos* discursivo de Bolsonaro se manifesta por meio de uma instância subjetiva que emerge da enunciação de uma voz associada a certo corpo enunciante em uma conjuntura historicamente marcada: homens, militares, sobreviventes.

Dá-se o nome de incorporação ao modo como o destinatário atribui significados ao *ethos* do enunciador, ao passo que avalia positiva ou negativamente o conjunto de representações perante um mundo ético ativado na enunciação.

A incorporação, na perspectiva de Maingueneau (2012; 2013; 2014), consiste no processo de designar a ação do *ethos* sobre o destinatário, haja vista que esse não apenas identifica, mas também incorpora e assimila aquele conjunto de representações estereotipadas que definem determinado sujeito pela maneira específica de se remeter ao mundo; como a enunciação dá um corpo, ela conduz o destinatário a conferir um *ethos* a ele.

Em virtude da sua contribuição para a construção do *ethos* do enunciador, o destinatário é também chamado de co-enunciador. A noção em questão ganha complexidade quando distinguimos o *ethos* dito do *ethos* mostrado.

De acordo com Maingueneau (2012; 2014), o *ethos* dito refere-se aos fragmentos do texto que o enunciador evoca para dizer sobre si mesmo, seja de forma direta ou indiretamente (por meio de metáforas ou referência a outros contextos de fala), por exemplo tem-se o trecho em que Bolsonaro se diz um homem feliz pelo fato da sua mãe ter vivido por muito tempo e tê-lo deixado recentemente.

Já o *ethos* mostrado, se refere àquilo que se mostra na maneira de enunciar através do tom e das escolhas linguísticas do discurso, isto é, um *ethos* percebido pelo leitor, o qual se manifesta no trecho em que Bolsonaro atribui a morte da sua mãe ao destino, à previsibilidade da vida.

É impossível, impossível, cada um de nós, nesse dia, não nos lembrarmos daquela que foi a mais importante em nossas vidas, as nossas mães. Sou um homem feliz, a minha me deixou há pouco tempo, é o destino, é o ciclo da vida, queria que ela



continuasse em nosso meio, mas as recordações dela ficam para sempre (BOLSONARO, 2022).

Sobre o tom, Maingueneau (2012; 2013) o descreve como a forma pela qual o enunciador atesta o seu dizer atribuindo uma autoridade ao que é dito no seu discurso, seja no texto escrito ou oral, permitindo que o destinatário construa a representação do corpo e do caráter do tal enunciador. O caráter, por sua vez, corresponde aos traços psicológicos do enunciador e à corporalidade que está associada subjetivamente às propriedades físicas e à maneira como o corpo se move no espaço social (MAINGUENEAU, 2012; 2014).

Partindo da compreensão de que o *ethos* se apoia em um duplo imaginário corporal e moral, Charaudeau (2018) traz a noção de *ethos* coletivo. O *ethos* coletivo corresponde a uma visão global que é construída pela atribuição de uma identidade que emana de uma opinião coletiva em relação a outro grupo (CHARAUDEAU, 2018).

Dessa maneira, entendemos que o discurso de Bolsonaro expressa uma opinião coletiva do seu grupo político e institucional sobre as mulheres e, que, em razão dos diversos sujeitos enunciadore demarcados em tal discurso compartilhar uma mesma visão sobre as mulheres, o próprio *ethos* do governo Bolsonaro é constituído e representado, uma vez que eles mesmos são, nos discursos, parte do governo.

Além disso, como o destinatário contribui para a construção da representação do enunciador (ou locutor), esse último busca controlar na enunciação as maneiras como sua imagem possa ser constituída (MAINGUENEAU, 2010). Isso ocorre seja reforçando e consolidando atributos e estereótipos valorizados (a força feminina; a importância da educação; o empreendedorismo feminino), seja desconstruindo e atenuando atributos e estereótipos desvalorizados (o homem heterossexual que ajuda a sua mãe em atividades culinárias).

Realmente a vida dela não foi fácil, mas mesmo assim ela foi educadora (...). Tive também, Paulo Guedes e Daniela, uma mãe que foi empreendedora (...) minha mãe era lembrada, sempre lembrada para fazer bolo, e uma outra coisa que sobrava para mim; fazer bala de coco (...) E num primeiro momento, você puxa a bala na casa dos 70 °C e quem puxava? Eu, depois o mais fácil, sobrava para uma outra irmã minha, que cortava o papel celofane, fazia as franjas na tesoura e embrulhava as balas, e no casamento depois, obviamente, sempre sobrava alguma coisa para nós (BOLSONARO, 2022).

Dando continuidade à análise, sob os postulados propostos por Maingueneau (2012), percebemos que o poder de persuasão do discurso de Bolsonaro às mulheres tem origem no constrangimento do destinatário (mulheres, dentre elas, Daniela), pela enunciação, a se identificar e incorporar esquemas estereotípicos com o movimento de um corpo, seja esse esquemático ou investido de valores historicamente especificados (a integração das mulheres à sociedade através do auxílio dos homens):

Então minha mãe, Daniela, foi também uma empreendedora. Lá naquele meu tempo é história; ou a mulher era professora, ou dona de casa, praticamente. Dificilmente uma mulher fazia algo diferente disso, lá nos anos 50, 60. Hoje em dia, as mulheres estão praticamente integradas à sociedade. Nós as auxiliamos, nós estamos sempre ao lado dela. Não podemos mais viver sem ela.



A partir da perspectiva de Charaudeau (2014), concebemos ainda estratégias discursivas na enunciação de Bolsonaro nas formas como ele estabelece, organiza e encena certas “intenções” na produção de determinados efeitos de persuasão sobre o sujeito interpretante, de modo que esse último seja levado a se identificar com aquilo que foi construído por ele:

A Damares mesmo disse aqui: no nosso governo, a participação da mulher é bem maior que os demais governos, bem como também, um aviso aos machões, o governo que mais prendeu machão agressor, foi o nosso (BOLSONARO, 2022).

Outra estratégia discursiva adotada por Bolsonaro refere-se ao estabelecimento de oposição, acusação e polarização político-ideológica com a esquerda, objetivando a sua destruição. A esquerda deriva da marcação de diferenças radicais passíveis de comparação entre os sujeitos discursivos, como diferenças entre valores, estados, naturezas, *etc.*:

O respeito acima de tudo. E quando se fala em mulher, também, para concluir; não se pode deixar de pensar, e falar em família. O que é uma família? Como a família era vista há pouco tempo aqui dentro dessa edificação? Quem se lembra do PNDH-3? Quem se lembra do PLC 122? Quem se lembra de ideologias e tantas e tantas outras coisas? Quem se lembra dos nomes que antecederam a ministra Damares? Estamos no caminho certo: o respeito acima de tudo, a preservação dos valores familiares (BOLSONARO, 2022).

Finalmente, esclarecemos que a constituição e representação do *ethos* misógino de Bolsonaro pode não só abarcar todas essas estratégias discursivas, mas também pode, ele mesmo, ser compreendido enquanto uma estratégia discursiva, desempenhando distintas ações discursivas (influenciar homens, persuadir mulheres, acusar e se opor à esquerda) instaladas e instigadas no discurso político, conforme se lê em:

Vocês são mais que essenciais, são indispensáveis para o futuro de uma grande nação. Obviamente, não vou falar obrigado por existirem, porque se vocês não existissem, eu não existiria, mas obrigado pelo trabalho, pela dedicação, pela perseverança, pela fé e por tudo aquilo que transmitem aos seus filhos e filhas. Mulheres do Brasil e do mundo, os nossos parabéns, e que continuem cada vez mais participando conosco no futuro da nossa nação (BOLSONARO, 2022).

Como vimos, no campo da política, o sujeito político busca construir seu *ethos* de modo a se mostrar crível e persuadir o maior número de indivíduos com os quais partilha certos valores. Como podemos notar, a maioria dos candidatos elege algumas bandeiras como mote para seu governo. Essa “bandeira” é representativa de determinados grupos sociais aos quais o candidato se coloca como porta voz. A questão das minorias, por exemplo. Nesse caso em análise, entretanto, o enunciador é historicamente constituído de práticas discursivas misóginas, contraventor dos direitos das mulheres, o que gera uma discrepância entre aquilo que se diz e aquilo que se é, uma vez que o presidente reivindica para si uma dada imagem em seu discurso no dia Internacional das Mulheres como modo de adaptação às expectativas dos co-enunciadores. Assim, o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro.



Segundo Maingueneau (2012), o *ethos* não diz respeito somente à dimensão verbal, mas também pressupõe a mobilização de um conjunto de características físicas e psicológicas do enunciador. Essas características ligam-se ao enunciador e relacionam-se diretamente com uma gama de estereótipos socialmente construídos. Atribui-se, desse modo, ao enunciador uma corporalidade que corresponde aos traços físicos e um caráter correspondente aos traços psicológicos. Nesse sentido, o *ethos* não é uma “imagem” do locutor exterior à fala, mas uma noção discursiva, construída no e pelo discurso.

## CONCLUSÃO

As reflexões e análises que realizamos neste estudo das condições de produção de Discursos a propósito da violação dos direitos da mulher, no contexto da pandemia de COVID-19, revelam sobremaneira a pandemia de misoginia no Brasil, propagadas pelo presidente da república em muitos de seus pronunciamentos, conforme nomeado de “misoginia bolsonarista”.

Como sabemos, o corpo, a voz, o ser feminino concentrou, historicamente, as marcas da inferioridade, da subordinação, do apagamento, do silenciamento e da exclusão, sendo representado das mais diversas formas e regulado por normas e valores de ordem moral, ética, estética e científica, conforme assinala Witzel (2014).

Apesar das árduas conquistas dos direitos das mulheres e de alguns avanços legislativos e jurídicos para a sua proteção, a desigualdade de gênero, a discriminação e a violência contra as mulheres ainda são uma realidade, sobretudo, em países com governos conservadores e autoritários. Sem dúvida alguma, as conquistas do movimento feminista, desde o direito ao voto à aprovação da Lei Maria da Penha, promoveram mudanças não só na legislação, mas na cultura também.

Diante de tais mudanças, as ações do governo Bolsonaro revelam uma desconformidade diante daquilo que se espera de um líder político. A permanência, portanto, de um governo machista, patriarcal e misógino fere os direitos humanos e afasta a possibilidade de equidade de gênero. Entretanto, retomando as palavras do escritor uruguaio, Eduardo Galeano, em sua obra “Mulheres”, “o mundo era dos homens e eles pretendiam que assim fosse para sempre. Não contavam com a resistências das mulheres”.

Nesse sentido, pensamos que o entrecruzamento entre discurso, política e gênero carece de mais estudo, visto que necessita ser amplamente explorado a partir de uma perspectiva histórica e interdisciplinar, de modo que possa também mobilizar ações da sociedade e do poder público para discutir e transformar esse quadro.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Tradução de Maria Laura V. de Castro. Introdução crítica de José Augusto Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985 [1969]. p. 53-107.

AMOSSY, Ruth. Introdução: da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: Amossy, R. (org.), **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019, p. 9-28.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.



CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FARIAS, A. C.; ARAS, B. L.M. **Feminismo negro, feminicídio e a violência de gênero contra as mulheres**. Revista Enlaçando, 2017.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GALEANO, Eduardo. **Mulheres**. Tradução: Eric Nepomuceno; Sergio Faraco. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Ed. Universidade Estadual de Campinas, 1997.

\_\_\_\_\_. **Termos-chave da análise do discurso**. 1. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

\_\_\_\_\_. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

\_\_\_\_\_. A propósito do *ethos*. In: Motta, Ana Raquel; Salgado, Luciana. (orgs.), **Ethos discursivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, p. 11-29, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

\_\_\_\_\_. **As Formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_; FUCHS, C. **A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas**. Tradução de Péricles Cunha. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997 [1975]. p. 163-252.

PIOVEZANI FILHO, C. **Metamorfoses do discurso político contemporâneo: por uma nova perspectiva de análise**. Revista da ABRALIN, v. 6, n. 1, p. 25-42, jan./jun. 2007.

WITZEL, Denise Gabriel. **Discurso, história e corpo feminino em antigos anúncios publicitários**. Alfa, São Paulo, v.58, n.3, p.525-539, 2014.